



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
"JORNALISTA ROBERTO MARINHO"
DE PRESIDENTE PRUDENTE
JORNALISMO**

CENTRO CULTURAL MATARAZZO: PERFIS E MULTIMIDIALIDADE

**AMANDA ARAUJO ANTUNES
GIOVANA DE OLIVEIRA FARIAS
KAREN LARISSA DANTAS CUNHA
NADIA CARLA RIBEIRO
THAUANA PULIDO FRADE**

Presidente Prudente - SP
2017



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
"JORNALISTA ROBERTO MARINHO"
DE PRESIDENTE PRUDENTE
JORNALISMO**

CENTRO CULTURAL MATARAZZO: PERFIS E MULTIMIDIALIDADE

**AMANDA ARAUJO ANTUNES
GIOVANA DE OLIVEIRA FARIAS
KAREN LARISSA DANTAS CUNHA
NADIA CARLA RIBEIRO
THAUANA PULIDO FRADE**

Trabalho de pesquisa, apresentado à Faculdade de Comunicação Social no Curso de Jornalismo, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para a sua conclusão.

Orientador:
Prof. Me. Tchiago Inague Rodrigues

Presidente Prudente - SP
2017

**AMANDA ARAUJO ANTUNES
GIOVANA DE OLIVEIRA FARIAS
KAREN LARISSA DANTAS CUNHA
NADIA CARLA RIBEIRO
THAUANA PULIDO FRADE**

CENTRO CULTURAL MATARAZZO: PERFIS E MULTIMIDIALIDADE

Trabalho de Conclusão, apresentado a Faculdade de Comunicação Social, Curso de Jornalismo, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para a sua conclusão.

Presidente Prudente, 27 de Novembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Orientador Tchiago Inague Rodrigues
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente-SP

Profa. Me. Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente-SP

Profa. Me. Giselle Tome da Silva
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente-SP

DEDICATÓRIA

Com o estudo ao longo do projeto, as pesquisadoras puderam entender a importância da cultura artística na vida das pessoas, seja propagando ou aprendendo. Com isso, dedicamos este projeto a todos os amantes das artes, que batalham para que ela seja levada a todos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos em especial às famílias das pesquisadoras, principalmente mães e pais, que de maneira única e pessoal, deram força e coragem para que as mesmas concluíssem o presente projeto.

Agradecemos também a todos os professores que nos acompanharam durante a graduação, em especial ao Prof. Rogerio do Amaral e a Profa. Fabiana Alves, que nos orientaram durante a realização deste trabalho.

Ao nosso orientador Professor Me. Tchiago Inague, que durante as orientações, nos passou todo seu conhecimento sobre o tema proposto nesta pesquisa.

Agradecemos aos funcionários da Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente e do Centro Cultural Matarazzo que nos forneceram equipamentos técnicos e bibliográficos para a conclusão desta pesquisa.

RESUMO

Centro Cultural Matarazzo: Perfis e Multimídia

Este projeto apresenta, através de perfis jornalísticos, utilizando o Webjornalismo, por conta de sua multimídia, histórias de pessoas que tiveram suas vidas mudadas pela arte e que estão conectadas de alguma forma com o Centro Cultural Matarazzo. Por ser referência da cultura artística na cidade de Presidente Prudente e no Estado de São Paulo, o Centro Cultural Matarazzo, antiga fábrica IRF Matarazzo, traz para a população espaços para teatros, estúdio audiovisual, sala de exposições, galerias, espaços de convivência, bibliotecas e cursos para formação artística e cultural, assim enriquecendo a diversidade cultural da cidade. Para a consolidação do estudo, decidiu-se pela pesquisa qualitativa, do tipo exploratória, como método será aplicado o estudo de caso. Para a coleta de dados, serão utilizadas as técnicas de pesquisa bibliográfica, análise documental e entrevistas em profundidade. Os pesquisadores optaram pela plataforma online em formato de revista com o propósito de produzir uma edição da revista Prisma, resultado de dois Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) dos anos de 2013 e 2014. Por meio da revista digital, serão apresentados perfis sobre o tema abordado, utilizando textos, fotografias, áudios e vídeos.

Palavras-chave: Perfis, Webjornalismo, Centro Cultural Matarazzo, Prisma, Revista Digital.

ABSTRACT

Matarazzo Cultural Center: Profiles and Multimodality

This research presents, through journalistic profiles, the Webjournalism, due to its multimedia, stories of people who have had their lives changed by art and who are connected in some way with the Matarazzo Cultural Center. As a reference of the artistic culture in the city of Presidente Prudente and in the State of São Paulo, the Matarazzo Cultural Center, formerly the IRF Matarazzo factory, brings to the population spaces for theaters, audiovisual studio, exhibition hall, galleries, living spaces, libraries and courses for artistic and cultural training, thus enriching the cultural diversity of the city. For the consolidation of the study, it was decided by the qualitative research, of the exploratory type, as a method will be applied the case study. For the collection of data, the techniques of bibliographic research, documentary analysis and in-depth interviews will be used. The researchers opted for the online platform in a magazine format with the purpose of producing an edition of Prisma magazine, the result of two Completion Works (TCC) in 2013 and 2014. Through the digital magazine, profiles will be presented on the Theme, using texts, photographs, audios and videos.

Keywords: Profiles, Webjournalism, Matarazzo Cultural Center, Prisma, Digital Magazine.

LISTA DE SIGLAS

ARPANET – *Advanced Research Projects Agency Network*
FACOPP – Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente
MILNET – *Military Network*
SECULT – Secretária de Cultura de Presidente Prudente
SNV – Síndrome do Ninho Vazio
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
UNOESTE – Universidade do Oeste Paulista

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Tabela com os dados de atendimentos realizados pelo Centro Cultural Matarazzo em suas oficinas, biblioteca e sala de informática em 2016	43
FIGURA 2 – Estrutura da pirâmide deitada.....	55
FIGURA 3 – Modelo de onde o leitor clica para contribuir com a edição	68
FIGURA 4 – Modelo do questionário a ser preenchido para contribuir	68
FIGURA 5 – Continuação do modelo de questionário	69
FIGURA 6 – Demonstração de mosaico formado por edições anteriores.....	70
FIGURA 7 – Modelo da galeria	71
FIGURA 8 – Modelo de execução do áudio.....	72
FIGURA 9 – Modelo de exibição do vídeo	73
FIGURA 10 – Exemplo de problema apresentado durante a execução do áudio....	75
FIGURA 11 – Modelo de como ficaria a página da revista segundo sugestões do grupo	76
FIGURA 12 – Modelo de como ficaria a galeria de imagem	77
FIGURA 13 – Modelo da 12ª edição da revista	81
FIGURA 14 – Modelo de indicação de verbetes	82
FIGURA 15 – Demonstração de menu de serviço e edições anteriores.....	83
FIGURA 16 – Exemplo de como é fixado o título e linha fina nas matérias	84
FIGURA 17 – Demonstração de parte da galeria de fotos com indicação de autor da fotografia	85
FIGURA 18 – Organograma	88

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA	14
2.1	Problema	14
2.2	Justificativa	14
2.3	Objetivos	15
2.3.1	Objetivo geral	16
2.3.2	Objetivos específicos	16
2.4	Metodologia	16
3	JORNALISMO CULTURAL E SUAS VERTENTES	21
3.1	Jornalismo Cultural	21
3.2	Jornalismo Literário	26
3.3	Gêneros Opinativos Jornalísticos	34
3.4	Perfil	38
4	CENTRO CULTURAL MATARAZZO	40
4.1	Expressões artísticas ensinadas no Centro Cultural Matarazzo e personagens	43
5	WEBJORNALISMO E REVISTA DIGITAL	50
5.1	Webjornalismo	50
5.2	Revista Digital	62
5.3	Prisma	64
6	Projeto Editorial	77
6.1	Introdução	77
6.2	Objetivos	78
6.2.1	Objetivo geral	78
6.2.2	Objetivos específicos	79
6.3	Justificativa	78
6.4	Público alvo	79
6.5	Linha editorial	79
6.6	Projeto gráfico	80
6.6.1	Página inicial	80
6.6.1.1	Diagramação	81
6.6.1.2	Menu de serviços	82

6.6.1.3 Conteúdo Editorial.....	83
6.6.1.4 Comentários e contribuições.....	85
6.6.2 Estrutura da Prisma.....	85
6.7 Recursos técnicos.....	86
6.8 Recursos financeiros.....	86
6.9 Recursos Humanos.....	86
Organograma.....	88
7 MEMORIAL DESCRITIVO.....	89
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS.....	95
ANEXOS.....	102

1 INTRODUÇÃO

Este projeto se desenvolveu na área do webjornalismo, sendo ele definido como produto jornalístico feito exclusivamente para a *web*. O jornalismo na *web* tem como base a convergência entre texto, som e imagem em movimento, podendo explorar todas as potencialidades oferecidas pela rede. O webjornalismo, através da reportagem multimídia, trabalha com algumas características como hipertextualidade, multimídia, memória, personalização e interatividade. (CANAVILHAS, 2003)

Um dos formatos que nasceram do webjornalismo foi à revista digital, que se configura como a união das características da revista impressa tradicional às possibilidades oferecidas por este gênero. O seu conteúdo deve ser exclusivo, ou seja, não depende de produções de uma versão impressa. Isso significa que, como herança da revista impressa, a digital deve ser periódica; ter identidade própria; ser portátil; especializada; segmentada; com texto elaborado e direcionado; precisa também estabelecer relação com o leitor; e atender aos princípios de informar, instruir e divertir. Tudo isso atrelado às características previamente oferecidas por este jornalismo.

A revista digital *Prisma* é fruto de dois Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), um de 2013 e um de 2014. O primeiro planejou e o segundo se empenhou na implantação. Quanto à abordagem, esta foi inteiramente jornalística, utilizando também a linguagem interpretativa e literária. Foi escolhida a linguagem literária por conta da liberdade de criação que ela oferece, da sua variabilidade que acompanha as mudanças culturais dos perfis, fazendo com que a análise e interpretação sejam inteiramente do leitor.

Considerando a atual era digital, impulsionada pelo uso das redes sociais no ambiente online, acredita-se que o webjornalismo foi a plataforma ideal para atingir todos os públicos que se interessam ou participam do cenário cultural, como por exemplo, o público frequentador do Centro Cultural Matarazzo e até mesmo o público da Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente, originários da *Prisma*.

O gênero escolhido para escrever uma edição especial da revista *Prisma* foi o perfil. Os perfis são narrativas pertencentes aos gêneros opinativos que narram sobre a vida e/ou momentos específicos da trajetória de protagonistas ou de grupos

sociais, feitos de maneira humanizada. Possuem linguagem interpretativa e literária e permite a participação do interlocutor junto ao personagem na história. Os perfis buscam gerar empatia em quem os lê e tem a experiência humana do personagem como sua principal referência. (VILAS BOAS, 2003)

Sendo um gênero opinativo, os perfis jornalísticos se encaixam no jornalismo literário, que segundo Pena (2006), possui sete características principais chamadas de “estrela de sete pontas”. O autor aponta que esse gênero deve potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir a perenidade e a profundidade aos relatos.

O Jornalismo Literário está inserido no Jornalismo Cultural, no qual tem como seu principal intuito levar para seu público, informações ao sobre as mais variadas expressões artísticas, tendo como base trabalhar com formas de arte.

Para a metodologia colocada em prática, foram necessários estudos nas áreas abordadas que foram divididas nos capítulos do “Jornalismo Cultural e suas vertentes”; “Centro Cultural Matarazzo” e “Webjornalismo e Revista Digital”. Em “Jornalismo Cultural e suas vertentes” foi discutido o jornalismo cultural desde seu surgimento, uma de suas vertentes, como o jornalismo literário, até o perfil jornalístico, peça prática deste projeto.

Em “Centro Cultural Matarazzo” foi mostrado questões relevantes para a história da construção deste Centro, desde sua fundação, até sua transformação, além de explicações e entrevistas com pessoas ligadas às artes trabalhadas no local.

Já no capítulo “Webjornalismo e Revista Digital”, o projeto apresentou a Revista *Prisma*, revista digital resultante de dois trabalhos de conclusão de curso produzidos na Facopp, nos anos de 2013 e 2014, onde a parte prática foi produzida, contando com os meios multimidiáticos que a revista permite, como áudio, vídeo, texto, fotografia e infográfico, ferramentas oferecidas pelo webjornalismo.

Os anexos textuais do presente projeto consistem em entrevistas realizadas pelo grupo, com o intuito de conhecer histórias de pessoas que frequentam o Centro Cultural Matarazzo, suas ligações com a cultura artística e qual a satisfação em praticá-la, além da entrevista com o arte-educador Everton Tomiazzi.

2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

2.1 Problema

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como intuito mostrar a influência da cultura em Presidente Prudente, utilizando o Centro Cultural Matarazzo como referência. O Centro Cultural Matarazzo, originário das indústrias IRF Matarazzo fundadas no ano de 1937, com sua inauguração em 2007, na Vila Marcondes, zona leste da cidade, tornou-se referência de cultura no Estado de São Paulo. Atualmente, o Centro comporta a Secretária de Cultura do município, o Teatro 'Paulo Roberto Lisboa', a Biblioteca Municipal, a Escola Municipal de Artes Professora 'Jupyra Cunha Marcondes', a Galeria de Arte 'Takeo Sawada' e as oficinas artísticas ministradas nas áreas de teatro, música, dança, artes plásticas e literatura, que serão abordadas neste trabalho.

O conteúdo artístico oferecido pelo Centro Cultural aborda diferentes gêneros. Porém, todos os estilos artísticos possuem em comum a capacidade educacional, a formação intelectual do aluno e o poder transformador e isso é algo que não é possível mensurar. Qualquer linguagem artística pode formar moralmente seus praticantes, pois está ligada a sentimentos, emoções, razões e ideias de cada sociedade.

Diante disso, como utilizar perfis e multimídia, através do webjornalismo, para narrar como a cultura afeta a vida das pessoas?

2.2 Justificativa

O advento da internet e o desenvolvimento de suas ferramentas revolucionou a forma com que as pessoas se comunicam, levando os meios de comunicação para este ambiente online. Lá eles encontraram um leque de possibilidades, o que os fez entrar em um processo de reconfiguração para que seu conteúdo pudesse ser trabalhado nesta plataforma. Uma vez que a tecnologia está em constante desenvolvimento, o webjornalismo segue o mesmo caminho. A convergência das mídias beneficiou a profundidade das reportagens, especialmente temas que possibilitam a exploração das ferramentas, como aqueles que envolvem o Jornalismo Cultural, com deadline mais longo e perenidade, exatamente como os tratados neste projeto.

O Jornalismo Cultural, por sua vez, foi o meio mais eficiente para mediar à sociedade e as expressões artísticas que possuem significativo poder transformador. Nesse sentido, foi de suma importância que o povo prudentino conhecesse o que lhe é oferecido e a influência nos caminhos e na qualidade de vida de quem a pratica. Diante disso, o gênero perfil passou a ser o mais adequado, por ser uma reportagem narrativa que conta sobre a vida e trajetória de personagens que, neste caso, fazem parte da história do Centro Cultural Matarazzo, sendo esta a justificativa social.

Como justificativa acadêmica, o projeto permitiu aos pesquisadores trabalharem com a cultura de forma mais aprofundada do que é encontrada na grande imprensa atualmente. A utilização de um ambiente, que é o do webjornalismo, que está em constante desenvolvimento, permitiu pensar de que forma o jornalismo conseguiu se encontrar entre tantos avanços e novas possibilidades para produzir boas reportagens.

Já como justificativa pessoal, os pesquisadores entenderam a relevância do Centro Cultural e sua importância na difusão da cultura na cidade de Presidente Prudente, e a apresentaram ao público. Além de colocar em prática os conhecimentos e técnicas aprendidos em sala de aula, também buscaram entender e vivenciaram a importância da polivalência do jornalista, uma vez que esse profissional é cada vez mais requisitado no mercado.

2.3 Objetivos

2.3.1 Objetivo geral

Explorar as possibilidades oferecidas pelo webjornalismo na produção de revista digital para mostrar a importância do Centro Cultural Matarazzo como referência de cultura na cidade de Presidente Prudente.

2.3.2 Objetivos específicos

- Aplicar as possibilidades multimidiáticas do jornalismo;

- Colocar em prática os conceitos do Jornalismo Cultural quanto ao aprofundamento nas reportagens sobre cultura praticada no Centro Cultural Matarazzo;
- Colocar em prática os conceitos do Webjornalismo na produção de uma edição da revista digital Prisma;
- Apresentar em forma de perfis jornalísticos as histórias dos personagens envolvidos com a cultura artística trabalhada no Centro Cultural Matarazzo.

2.4 Metodologia

Para construção de um trabalho científico foi preciso uma teoria crítica, para se entender a realidade do problema levantado e solucioná-lo. Para tanto, usou-se a metodologia que é o estudo dos caminhos a serem trilhados para a realização de uma pesquisa ou estudo. A metodologia se fez importante por ser como a linha de pensamento e a execução prática na abordagem de uma realidade, isto é, varia da natureza de um trabalho e caráter do objeto de estudo para outro, o que varia também no caminho a ser traçado desta pesquisa, que perfilou personagens para uma pesquisa que apontou problemas em determinada área, por exemplo.

Ela foi além da descrição de métodos e técnicas a serem realizadas na pesquisa, esta, indicou a escolha teórica do pesquisador quanto o modo de abordar seu objeto de estudo. Minayo (2007) define metodologia como:

[...] a) como a discussão epistemológica sobre o “caminho do pensamento” que o tema ou o objeto de investigação requer; b) como a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e dos instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação; c) e como a “criatividade do pesquisador”, ou seja, a sua marca pessoal e específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de resposta às indagações específicas. (MINAYO, 2007, p.44)

Para começar o período de investigação, além de definir a importância do uso da metodologia, que se fez válido para o processo por oferecer caminhos a serem seguidos afim de que seja possível entender como a cultura interfere na vida das pessoas, como neste projeto, foi preciso definir o tipo de pesquisa quanto à abordagem que o seu objeto de estudo exige. Como o objetivo deste trabalho foi

montar perfis de pessoas que tiveram suas vidas influenciadas pelo Centro Cultural e como este espaço é influente na comunidade regional, a abordagem foi do tipo qualitativa.

A pesquisa de caráter qualitativo faz relação entre o mundo real e o sujeito em estudo, neste processo a utilização de dados estatísticos são nulos. Com a exploração do modo qualitativo, foi possível a análise e identificação de dados que não eram mensuráveis, como as histórias de vida, sentimentos e percepções dos cinco personagens que foram perfilados ao longo do estudo e já pré-entrevistados. Sendo ela, a qualitativa, que foi definida por Minayo (1995), como:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1995, p.21-22)

Todas as ciências são caracterizadas pela utilização de métodos, mas isso não significa que todos eles são de alçada da ciência. Para as autoras Marconi e Lakatos (2003, p. 83), método é definido como:

[...] o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

Para a execução da pesquisa, o método que foi empregado no projeto foi o estudo de caso, que se aplica na questão do *como* e *por que*. A escolha pelo método foi justamente para que fosse possível compreender os fenômenos levantados pelos entrevistados e preservar as suas características em suas totalidades e seus significados na vida de cada um deles, assim como, identificar os fatores que levaram o Centro Cultural Matarazzo a ser uma instituição influente em toda a cidade de Presidente Prudente e região, além das influências que suas oficinas tomaram na vida de quem frequenta o espaço. Yin (2001) leciona que o estudo de caso é como uma investigação empírica que investiga um determinado acontecimento dentro do contexto da vida real, especialmente o *quando* e não se pode delimitar o espaço entre fenômeno e o contexto, pois não são claramente definidos. No mesmo caminho, Yin (2001, p. 21) posicionou-se afirmando que “o

estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real - tais como ciclos de vida individuais [...]”.

Para obtenção de dados, além do método estabelecido, foi preciso também especificar quais as técnicas que foram usadas no processo de apuração de informação, sendo estas habilidades necessárias para a obtenção de futuros resultados. Este procedimento é definido por Marconi e Lakatos (2003, p. 174), como “[...] um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência ou arte; é a habilidade para usar esses preceitos ou nonnas, a parte prática”.

As técnicas de pesquisa que foram abordadas neste projeto são: a pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e a entrevista. Segundo Marconi e Lakatos (2010, p.166), “a pesquisa bibliográfica abrange todo o estudo que já foi tornado público sobre o objeto de pesquisa em questão”. Os materiais podem ser de origem de jornais, revistas, livros, monografias, teses, material cartográfico, e também aqueles informados via meio de comunicação oral, como rádio, gravações em fitas ou até mesmo aqueles expostos em audiovisuais, como filmes e televisões. Para construção do material desta pesquisa, TCCs já produzidos referente ao objeto de estudo em questão foram utilizados, assim como, os relacionados à plataforma que abrigou a peça prática do trabalho, junto de livros do acervo do Centro Cultural Matarazzo. Os livros disponibilizados para o grupo pelos funcionários do objeto de estudo, o conteúdo de materiais já publicados e aquisição de arquivos disponíveis em sites e matérias televisivas da cidade também foram analisados. Esta técnica teve por finalidade oferecer um contato direto entre pesquisador e tudo o que envolveu o assunto em estudo (MARCONI; LAKATOS, 2003). Gil (2010) complementa a definição, afirmando que os materiais vão desde as teses até os periódicos científicos.

A pesquisa documental teve como finalidade analisar arquivos de segunda mão, como relatórios das empresas e tabelas, como a cedida pelo Centro Cultural Matarazzo com a quantidade de alunos já cadastrados nas oficinas que foram trabalhadas pelos pesquisadores do presente estudo, e fotografias que estão presentes na parte prática deste trabalho como forma de arquivo em questão de lembranças dos perfilados na galeria e aquelas tiradas e arquivadas pela própria instituição. Segundo Gil (2010, p.30-31), “a pesquisa documental vale-se de toda sorte de documentos, elaborados com finalidades diversas” e complementa ao dizer

que só é considerada fonte documental quando o material consultado pertence à organização”.

Este material denomina-se como aquele de fonte primária, de cunho oficial. Em sua abrangência estão presentes os artigos públicos (documentos oficiais, publicações particulares, documentação jurídica e iconografia); arquivos particulares, que são aqueles pertencentes ao domicílio do entrevistado ou direto da instituição, podendo ela ser privada ou pública, no caso do objetivo de estudo, uma instituição pública; fontes estatísticas, que são as características da população, fatores que influenciam no tamanho desta população, distribuição dos mesmos, até fatores econômicos, números de moradia e aquisição de meio de comunicação por habitante (MARCONI; LAKATOS, 2003).

A terceira técnica desenvolvida deste trabalho é a de entrevista, que foi realizada em um encontro entre os autores da pesquisa e seus entrevistados. Dentro desta técnica há diferentes tipos de entrevistas, segundo Marconi e Lakatos (2003), elas podem ser do tipo padronizadas/estruturadas; despadronizadas/não-estruturadas ou de perfil painel. A estruturada segue um roteiro; a não-estruturada o repórter tem a liberdade de tomar direção diferente a cada entrevista e a de painel as perguntas são repetidas de tempo em tempo e com as mesmas pessoas, no intuito de analisar a evolução das opiniões em diferentes períodos.

Os pesquisadores em questão optaram por fazer entrevistas por esta técnica poder ser executada até mesmo se um ou mais dos entrevistados forem analfabetos; por oferecer maior flexibilidade ao entrevistado, sendo possível esclarecimento de dúvidas em perguntas, caso houvesse; a oportunidade de observar e avaliar as reações dos mesmos durante a conversa e sob a possibilidade de informações mais precisas. Além disso, como o propósito foi traçar perfis de pessoas influenciadas pela cultura, as pesquisas já realizadas foram do tipo estruturadas, que são as entrevistas feitas em cima de um roteiro. A não-estruturada, por não seguir um roteiro, permite que dúvidas surgidas durante a conversa possam ser apontadas, sendo uma entrevista de caráter humanizado, que conforme Medina (1986, p. 18), apontou, é aquela que “mergulha no outro para *compreender* seus conceitos, valores, comportamentos, históricos de vida” . Pré-entrevistas já foram desenvolvidas com os cinco perfilados que estão na peça prática do trabalho. Sendo que quando esta foi realizada, foram desenvolvidas

novas entrevistas e com novos aprofundamentos. Segundo Rosa e Arnoldi (2006, p.17):

A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados considerada como sendo uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível, com o mínimo de esforço de tempo. (ROSA; ARNOLDI. 2006 p.17)

Ao concluir o processo de pesquisa e investigação, foi necessário o cruzamento de informações durante todo o período determinado para o recolhimento de dados. Isso permitiu que os investigadores concluíssem uma mesma ideia do objeto ou assunto em questão. Neste sentido, o emprego da triangulação prevê dois sentidos, segundo Minayo (apud Brisola; Marcondes, 2014), o primeiro diz respeito ao preparo dos dados coletados e; o segundo refere-se à análise da percepção que os sujeitos constroem em sua realidade, a relação estabelecida entre todo o conteúdo e a terceira que permeia a vida das pessoas.

A triangulação de dados então enquanto técnica de análise de dados consiste em olhar para o objeto em estudo por diferentes ângulos e colher informações de diferentes fontes e tempo no intuito de se ter uma pesquisa rica em detalhes. O modo que determina a posição do ponto C, a partir da observação do A e B. Ou melhor, a partir desta técnica, foi possível enxergar com mais exatidão a importância do Centro Cultural Matarazzo e o quanto suas oficinas artísticas têm influência na vida de seus frequentadores e até funcionários. Partindo de dados observados por mais de um olhar, se obteve a posição/conclusão que o Centro ocupa para a sociedade, que para Denzin (1978) implica na precisão, exatamente por analisar fatores por diferentes ângulos e espaços de tempo para ver se não houve alterações no resultado final durante o processo de análise. Para complementação de resultado e melhor análise, cada investigador do caso desenvolveu pesquisas e entrevistas individualmente, e na parte prática apenas o repórter executou a função de entrevistador, mas, ao final foi reunido todo o material levantado e após isso a comparação de dados entre os recolhidos por todo o grupo em suas variadas funções e aqueles somente pelo repórter, que foram todos pautados e discutidos para melhor formular o resultado. Denzin (1978) traduziu esta ação como "triangulação de investigador", que é quando diferentes investigadores

trabalham em cima de um mesmo assunto e quando concluído o processo de apuração, os dados são reunidos e analisados.

3 JORNALISMO CULTURAL E SUAS VERTENTES

3.1 Jornalismo Cultural

Não se tem uma data histórica exata que defina quando surgiu o Jornalismo Cultural, pois, segundo Ballerini (2015), a documentação desse gênero é algo inconstante, além de ser escassa e de difícil acesso. Porém, de acordo com Piza (2003), um dos primeiros indícios do surgimento deste gênero jornalístico ocorreu em 1711, graças a dois ensaístas ingleses, Richard Steele (1672-1729) e Joseph Addison (1672-1719) que fundaram uma revista diária chamada *The Spectator*. Alguns anos antes, Steele já havia criado *The Tatler*, logo depois tendo Addison como seu colaborador, criando assim outros trabalhos, mas acabaram dedicando-se apenas para a *The Spectator*. A finalidade da revista diária era tirar a filosofia trabalhada dentro dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades, e levar para clubes e assembleias, casas de chá e cafés. Ainda segundo o autor, os ingleses ficaram famosos e conseguiram todo o retorno desejado. Os assuntos discutidos na revista eram falados nas mesas dos cafés, clubes e casas. Até hoje as antologias de seus ensaios são encontradas nas livrarias e estudadas em vários países.

Apesar da dificuldade em definir o momento em que o Jornalismo Cultural passou a existir, sabe-se que adjetivação “cultural” após a palavra jornalismo, assim como “econômico” e “esportivo”, segundo Medina (apud BALLERINI, 2015):

[...] provém do fenômeno da industrialização e da conseqüente divisão do trabalho. As ancestrais redações tinham como eixo uma secretaria geral, e os jornalistas no máximo se dividiam em setoristas, repórteres e redatores-editores. A prática de suplementos diários reunia arte, ciência e filosofia. As fronteiras temáticas mal se esboçavam e a estrutura das editorias veio para responder à complexidade empresarial e não à menos complicada expansão urbana (MEDINA apud BALLERINI, 2015, p. 43)

De certo modo, para Piza (2003), o Jornalismo Cultural cresceu na cidade e com a cidade. Ao longo do tempo, o que foi sendo publicado era para o homem moderno da cidade, o homem que trabalhava que era preocupado com o futuro. Esse tipo de jornalismo evoluiu muito depois do século XX. De acordo com Ballerini (2015), a prática dele no Ocidente passou a ser mais focado em reportagens e notícias, deixando de lado as questões opinativas, e dando um foco maior no entretenimento do consumo de bens culturais. Olhe o espaçamento entre os parágrafos

Já durante o século XXI, com a popularização da internet, de acordo com o pesquisador Ballerini (2015), desestabilizou-se a prática do jornalismo cultural tradicional ao pluralizar e fragmentar o discurso e dispersar as fontes de renda, a publicidade, uma vez que a internet interfere diretamente no modo de circulação de conteúdos culturais. Os periódicos não são mais os “donos do discurso”, sites e blogs difundem a informação de forma rápida e até mesmo gratuita, criando uma crise no jornalismo. Apesar disso, o autor defende que jornalismo cultural é uma prática que deve mesmo sofrer mudanças constantes, pois acompanha as “[...] transformações estruturais – como a conjuntura histórica de um país – e pontuais – como a simples troca de editor de caderno” (BALLERINI, 2015, p.42).

Segundo Silva (2009), a definição para Jornalismo Cultural foi evoluindo junto com a cultura, e ajustando-se às suas duas concepções básicas: a “ilustrada” (que se restringia ao campo das belas-artes) e a antropológica, criada por E. B. Taylor e desenvolvida posteriormente por Richard Williams e outros estudiosos dos Cultural Studies. Já para Golin (2012), usar o termo *jornalismo cultural* é definir, por cultura, aquilo que, nos meios de comunicação da mídia, é destinado às manifestações artísticas, muitas vezes às variedades, embasado, sobretudo, pela marca do tempo de lazer.

Ballerini (2015) traz à tona várias definições de jornalismo cultural que se complementam, mas destaca a definição dada pelo pesquisador Wellington Pereira. Segundo o autor, Pereira defende que o jornalismo cultural no ocidente possui duas características, a primeira é a preocupação com a informação, a segunda é a preocupação acadêmica, sendo analítico com os fatos culturais. Ele ainda acredita que:

Um jornalismo cultural puramente informativo faz da cultura um grande espetáculo. Organiza os eventos culturais para serem consumidos. Sendo assim, um concerto de música clássica ou uma peça de teatro são noticiados numa perspectiva do “novo”, como se estivessem aparecendo socialmente pela primeira vez. [...] Na verdade o jornalismo cultural não estabelece uma organização de sentidos (episteme), mas a ocultação destes, apenas velada na compra das “mercadorias”. Por isso, nos cadernos culturais, “mostrar produção de eventos” é mais importante do que interpretar as nuances de cada forma artístico-cultural. Como exemplo, podemos dizer: a fabricação do evento é mais importante do que a sua essência (PEREIRA apud BALLERINI, 2015, p. 44).

Nesse sentido, Barreto (2006) também acredita que, na maioria das vezes, os jornais acabam tratando o tema como mercadoria, já que a arte atualmente é vista assim, por fim deixando de ampliar a cultura e sua visão para o público e tornando isso em *marketing* cultural e sua indústria. Assim como Rosa (2013), ao afirmar que o Jornalismo Cultural atual, praticado pela "grande imprensa", basicamente reporta, divulga e analisa de modo superficial os produtos culturais. Porém, ela acredita que se pode ir além destes três itens. Para isso é preciso estar atento ao cotidiano, mas não apenas ao comportamento e tradições e sim às possibilidades e conflitos da cultura. A questão sobre o seu tratamento como algo do mercado, pode ser visto também na visão do empreendedorismo, para Vargas (2004), ela é observada como um grande negócio, pois há investimentos que geram empregos, além de empresas que disputam um mercado e uma crescente profissionalização na área.

Embora entenda a necessidade do jornalismo cultural em analisar os bens artísticos, Ballerini (2015) defende que a divulgação é a sua característica mais importante, pois a arte deve ter contato com o público e embora várias instituições possam fazer isto, o jornalismo é o meio mais eficiente quanto a mediação entre público e arte. O autor também afirma que o jornalismo cultural deve “[...] sempre trabalhar diante da tensão entre a divulgação da tradição e a sensibilidade para o novo, a vanguarda, tornando pública ambas as frentes artísticas” (BALLERINI, 2015 p. 45).

Segundo Siqueira e Siqueira (2007), hoje, a maioria dos jornais possuem um caderno específico para a cultura, mas em um tempo anterior ao ano de 1953 - quando começaram a surgir cadernos especializados na área -, as notícias eram publicadas entre passatempos e horóscopos. "Com cadernos culturais, [...] jornalistas começaram a se especializar na cobertura e crítica de teatro, dança, música clássica, música popular, televisão e cinema" (SIQUEIRA;

SIQUEIRA, 2007, p. 2). Ao longo do tempo, esse tipo de jornalismo passou a se aprimorar, trazendo mais conteúdos para seu mundo, como afirma Silva (2009), pois antes, tratar de cultura era debater literatura, teatro, artes plásticas e música erudita, hoje, novas linguagens e campos estéticos foram colocados no alinhamento editorial dos jornais e revistas, renovando os assuntos tratados.

O alcance que o Jornalismo Cultural pode ter é algo imensurável, já que, segundo Golin (2012), vários veículos jornalísticos, desde uma revista literária de pequena circulação, ao suplemento semanal de um jornal de grande tiragem, revistas especializadas em temáticas específicas, cadernos diários reservados para esse assunto, além de veículos online, como as revistas digitais, podem levar para o público conteúdos abordados dentro da área. Além da variedade de meios no qual esse jornalismo pode ser levado para o público, há também os assuntos que podem ser tratados dentro dele, podendo ser um concerto musical, uma peça de teatro, até algo mais atual, como video game, seriados e design. Tudo isso porque, de acordo com Ballerini (2015), ler um jornal, revista e sites traz esse caráter duplo que o Jornalismo Cultural faz, ao trabalhar informação e entretenimento, assim agradando a todos os tipos de público, seja em relação a assuntos abordados ou meio de comunicação usado para as publicações.

Segundo Barreto (2006), o Brasil é um dos únicos países que trazem o Jornalismo Cultural diariamente para os jornais impressos. Já outros locais, como a América do Norte e a Europa, acabam tratando desse assunto apenas em reportagens semanais ou em revistas independentes e especializadas.

Sem perder o caráter informativo que uma matéria jornalística deve ter para Gadini (2006), os conteúdos culturais produzidos trazem suas informações de modo interpretativo, além de se aproximarem, por um lado, das reportagens de revistas semanais e, por outro, da estrutura de análise cultural (crítica), mas sem deixar de se preocupar com *lead* e outros elementos jornalísticos essenciais, como atualidade e gancho factual informativo.

De acordo com Piza (2003), um bom jornalista cultural deve seguir dicas fundamentais para escrever bem uma reportagem do gênero ou ao fazer uma entrevista, sendo algumas delas: não “compre” nenhuma versão, duvide sempre do que está ouvindo; faça uma abertura atraente para seu texto; sempre hierarquize informações; seja criativo no texto e na sua edição.

Tendo seu espaço em veículos jornalísticos, principalmente no Brasil, além de essencial para formação de um leitor, no sentido de fazer com que reflita sobre aquilo que está observando, a crítica cultural é algo sempre trabalhado no Brasil. Porém, apesar de auxiliar seu leitor, o crítico pode ter uma imagem ruim aos olhos de quem lê, pois em países como o Brasil, ele é visto como um criador frustrado, apontando somente erros. Porém, o papel do crítico não é demonstrar se “gostou” ou “não gostou” do que está sendo analisado, e sim argumentar o porquê de ter aquelas escolhas, fundamentando a avaliação dada. (PIZA, 2003).

Para quem só observa o jornalismo cultural, sem estar trabalhando com ele, supõe diversos preconceitos com o gênero, como a suposição de que o jornalista cultural trabalha menos, pois está sempre fora da redação, cobrindo shows, lendo livros, mas ser dessa área é de uma responsabilidade bem especial, pois de acordo com Piza (2003), ele pode facilmente “quebrar a cara” quando não domina um tema, então é preciso ter boa memória e gostar de estudo. Para Aline Martins Silva Zanfolin¹, editora do caderno cultural do jornal O Imparcial, quem acredita que jornalista cultural trabalha menos, realmente nunca esteve em contato com esse tipo de jornalismo. “Este trabalho vai além de shows e teatro. A cultura é muito mais abrangente que isso. E só quem fica horas esperando para uma entrevista de poucos minutos com um artista de várias linguagens, sabe o quão trabalhoso e cansativo é.” (ZANFOLIN, 2017).

O contato do jornalista com os artistas é fundamental, e para que ele seja eficiente, o jornalista precisa estar adaptado à linguagem utilizada pela classe artística. “[...] trabalhar com Jornalismo Cultural é trabalhar com formas de arte, com a esfera do simbólico e paralelamente se reeducar no convívio com esses universos” (SIQUEIRA; SIQUEIRA, 2007, p. 3). Esse tipo de jornalista fará deste cotidiano da cultura, das artes, seu próprio repertório.

O contato sistemático com as manifestações artísticas, com a cultura em seu sentido paradoxal e inquietante, amplia a percepção de realidade do sujeito em contraste com discursos que tentam recortar o concreto por meio de uma visão unitária (GOLIN, 2012, p. 10)

¹ Aline Martins Silva Zanfolin, editora do caderno cultural "Caderno 2" do Jornal O Imparcial, de Presidente Prudente. Entrevista sobre como é estar em contato com o jornalismo cultural, 27 de maio de 2017, às 14h20 .

Ainda sobre a figura do jornalista cultural, se admite o uso de recursos linguísticos mais elaborados, criativos e até mesmo coloquiais, segundo Golin (2012). O que leva ao Jornalismo Literário, definido por Souza e Luíndia (2010) como uma literatura não-ficcional que “[...] nos permite um casamento entre um e outro, uma junção quase simbiótica entre a forma de fazer jornalística e a forma de expressar literária” (SOUZA, C; LUÍNDIA, L., 2010, p. 8).

O jornalismo cultural foi aplicado dentro do projeto por ser o gênero que melhor se encaixa ao objetivo da pesquisa, que era traçar perfis de pessoas que têm histórias reais com a cultura oferecida por meio das oficinas artísticas propagadas pelo Centro Cultural Matarazzo, que se tornou um espaço referencial na cultura de Prudente e região. O perfil jornalístico, um dos gêneros tratados dentro do jornalismo literário, para ser considerado bom ao retratar um personagem, segundo Piza (2003), precisa ser intimista, mas sem ser invasivo; e interpretativo, sem ser analítico.

3.2 Jornalismo Literário

A literatura está presente no jornalismo desde os primeiros periódicos, segundo Marcondes Filho (apud PENA, 2006, p. 28), que classifica o jornalismo em quatro fases, tendo maior força literária as duas primeiras. De acordo com o teórico, o Primeiro Jornalismo, de 1789 a 1830, se caracteriza pelo conteúdo literário e político, contando com textos críticos, ele possuía dívidas e era comandado por escritores, políticos e intelectuais. O Segundo Jornalismo, de 1830 a 1900, é intitulado imprensa de massa e representa o período em que os jornalistas começaram a se profissionalizar. Também foi nessa época que se passou a fazer uso da publicidade e a economia das empresas se estabilizou.

As outras duas fases são representadas pelos períodos de 1900 a 1960, e de 1960 em diante. Nessa primeira, a imprensa era chamada de monopolista. Foi marcada pela grande tiragem, a influência de relações públicas, grandes rubricas políticas e grupos editoriais que monopolizavam o mercado. Já a partir de 1960, o jornalismo passou a receber gradativamente informação eletrônica e interativa, o que provocou mudanças nas funções dos jornalistas, valorizou o visual e resultou em uma crise na imprensa escrita (MARCONDES apud PENA, 2006).

Sendo assim, é possível observar que a literatura se apresenta fortemente no jornalismo exatamente quando escritores eram responsáveis pelos periódicos. Não apenas na responsabilidade de administração das redações, mas também pela escolha da linguagem e dos conteúdos. Dentre as escolhas feitas pelos escritores responsáveis por jornais, o folhetim era um espaço que recebia bastante atenção. De acordo com Pena (2006), este estilo discursivo é a marca fundamental do encontro entre o jornalismo e a literatura. Além disso, estas publicações tornaram-se um negócio lucrativo para todos:

Publicar narrativas literárias em jornais proporcionava um significativo aumento nas vendas e possibilitava uma diminuição nos preços, o que aumentava o número de leitores e assim por diante. Para os escritores também era um ótimo negócio. Não só porque recebiam em dia dos novos padrões, mas também pela visibilidade que ganhavam a partir da divulgação de suas histórias e de seus nomes. E o último elemento desse tripé, obviamente, eram os anunciantes que, com o aumento das tiragens, pagavam mais caro pelo espaço publicitário e ajudavam a consolidar a lógica capitalista dos jornais. (PENA, 2006, p. 29).

O termo folhetim, que significa “folha pequena”, inicialmente referia-se a um espaço geográfico nos jornais impressos, que era exatamente a parte inferior da primeira página dos jornais, onde se publicavam piadas, charadas, receitas de cozinha, críticas de peças e de livros e pequenos textos em geral. No entanto, a partir de 1836, o termo passou a fazer referência aos “romances-folhetins”, que são romances publicados nos jornais, divididos em pequenos capítulos (MEYER apud ALVIM, 2008).

De acordo com Pena (2006), as narrações do folhetim continham linguagem simples, para que qualquer pessoa pudesse entender, e fazia uso de recursos de homogeneização cultural como, por exemplo, estereótipos e clichês. Temas comuns eram desenvolvidos nas narrativas desta seção do jornal, como a infidelidade, os amores impossíveis e as aventuras. Ao fim de cada capítulo havia acontecimentos dramáticos no intuito de instigar o leitor a comprar e ler a edição do dia seguinte. Machado de Assis, José de Alencar e Euclides da Cunha foram alguns autores de romances-folhetins e outros gêneros que lá eram veiculados, como as crônicas e contos.

A ligação entre a literatura e o jornalismo é uma discussão antiga, segundo Marcia de Oliveira Pinto (2008). A pesquisadora acredita que essa ligação descende do tratamento estético no qual ambos estão sujeitos e à proximidade dos

códigos de linguagem. Ela afirma que apesar de alguns teóricos literários não incluírem o jornalismo como um de seus gêneros, esta não é uma opinião que abarca todos os pesquisadores relacionados à área. Sobre estes primeiros, Marcelo Bulhões (2007) sugere que se pode justificar pela ausência na literatura de compromisso com a veracidade factual e com a contemporaneidade, essenciais no jornalismo. No entanto, de acordo com Pinto (2008), alguns estudos entendem o jornalismo como sendo um gênero literário, baseando-se na ideia de que toda notícia significa apenas uma versão dos acontecimentos, partindo da visão do repórter e respeitando a linha editorial de determinada empresa, dando a ela um contorno de ficção.

Já Amoroso Lima (apud PINTO, p. 69, 2008) defende que o jornalismo é um gênero literário com regras e estilo próprios, assim como poema, conto e romance, mas com o mesmo material básico. Ele acredita que a reportagem é um conto jornalístico, “(...) um modo especial de propiciar a personalização da informação ou aquilo que também se indica como ‘interesse humano’.” (LIMA apud PINTO, p. 70, 2008). Nesse sentido, Antônio Olinto afirma que:

Lembremo-nos antes de tudo, de que a base do que faz o jornalista, a matéria prima de que se utiliza, é a palavra. O que serve de caminho para a poesia, transmite também a notícia da morte de uma criança sobre o asfalto. Entre os dois elementos, não há diferença técnica, a não ser em espécie e intensidade. Espécie e intensidade, no entanto, separam também uma forma literária de outra, um ensaio de um romance. O que acontece é que o plano do jornalismo é de uma literatura para imediato consumo (...). (OLINTO apud NICOLATO, 2006, p. 10).

No entanto, Nicolato (2006) aconselha que o momento em que a obra de Olinto foi escrita, que se refere a um período anterior à década de 1950, deve ser considerado ao analisar os caminhos desta discussão. Publicado por Olinto em formato de pequenos artigos, o conceito está inserido em um contexto de jornalismo com narrativa muito elaborada e atrelada ao discurso literário.

Marcelo Bulhões (2007) defende que o ponto essencial a respeito da convergência entre a literatura e jornalismo é a narratividade:

Produzir textos narrativos, ou seja, que contam uma seqüência de eventos que se sucedem no tempo, é algo que inclui tanto a vivência literária quanto a jornalística. E a narratividade possuiu conexão estreita com a *temporalidade*, o que significa dizer que se contam eventos reveladores da passagem de um estado a outro. Além disso, é bom não perder de vista que a narratividade está intimamente vinculada à necessidade humana de conhecimento e revelação do mundo ou da realidade (BULHÕES, 2007, p. 40).

Bulhões (2007) ainda aproxima o romance da reportagem quando se refere à profundidade. Sobre o romance, ele diz que, ao contrário do conto, há descrição de ambientes e atmosferas, exploração das nuances de tempo, espaço e personagens. Ao mesmo tempo, ele explica que a reportagem não se detém a simplesmente noticiar um acontecimento, mas “[...] dedica-se a detalhar os fatos, situando-os no entorno de suas motivações e implicações” (BULHÕES, 2007, p. 45). O autor também afirma que tudo isso leva este último gênero a uma evolução que é a grande reportagem.

Chegando aqui, é válido reconhecer um campo de realizações narrativas jornalístico-literárias, cujos atributos mostram-se disponíveis a possibilidades de justaposições, entrelaçamentos ou afinidades literário-jornalísticas. Se, em uma perspectiva histórica, de início coube à literatura ser a matriz fornecedora de sugestões formais à narratividade jornalística, o desenvolvimento do jornalismo foi aos poucos construindo uma autêntica e nada desprezível tradição de textualidade que também se ofertou à realização literária. Com isso, sugestões e procedimentos típicos de uma vivência calcada na factualidade jornalística podem ser assimilados pelo aparato ficcional da literatura, o que faz supor uma relação interdependente (BULHÕES, 2007, p. 46).

Sobre isso, Lima (2009) afirma que com a evolução do texto jornalístico da matéria para a reportagem levou ao jornalista a necessidade de aperfeiçoar suas técnicas e que “[...] por uma condição de proximidade, estabelecida pelo elo comum da escrita, é natural compreender que (...) os jornais sentiam-se inclinados a se inspirar na arte literária” (LIMA, 2009, p. 173-174).

Resultado dessa convergência, a crônica é o gênero que Bulhões (2007) vê como sendo um produto ao mesmo tempo literário e jornalístico. “Desde a década de 1930 (...) ela tem lugar assegurado nas páginas dos jornais, funcionando como recanto destinado a arejar o peso da folha diária, tão carregada de preocupações da vida contingente” (BULHÕES, 2007, p. 48). Ainda de acordo com o autor, a crônica dá um tom de leveza e descompromisso mesmo quando trata de assuntos “terríveis e urgentes” da atualidade. Além disso, mesmo oito décadas depois de se popularizar no Brasil, ainda é um gênero muito praticado.

Após este período em que os jornalistas administravam as redações, a presença da literatura no jornalismo caiu consideravelmente, na década de 1950, isso já era um fato estabelecido e a literatura se tornou um suplemento, como aponta Pena (2006). Surgiram os cadernos literários, mas eles nasceram reféns dos critérios da imprensa, pautados a partir da clareza, concisão, objetividade e a

obrigatoriedade de vender. Pena (2006) destaca que os lançamentos eram prioridade por venderem mais, assim como o culto às celebridades e assuntos inusitados.

Neste período o fazer jornalístico norte-americano já estava sendo implantado nas redações brasileiras, assim como a sua forma de “escrita condensada”, ou seja, o *lead* (BULHÕES, 2007, p. 136). Essa técnica permite ao leitor uma leitura rápida onde ele consegue todas as informações relevantes sobre o acontecimento. Outra característica importada do jornalismo dos Estados Unidos da América é a linguagem simples e objetiva, isso significa “[...] evitar ornamentos, obedecer à ordem direta da frase, desviar-se dos torneios estilísticos, do rebuscamento vocabular, ou seja, de tudo que dificulte a compreensão imediata” (BULHÕES, 2007, p. 137). No entanto, alguns nomes consagrados resistiram às mudanças, permanecendo presentes nos jornais reforçando o hibridismo dos gêneros, como afirma Bulhões (2007). Ele também conta que mesmo que neste momento os jornais impressos tenham, de certa forma, se distanciado da literatura, as revistas de circulação nacional a acolheram.

Na década seguinte, em 1960, também nos Estados Unidos da América, nasceu um movimento chamado *New Journalism* que, segundo Bulhões (2007), pode ser considerado um ato de resistência às mudanças realizadas nos anos anteriores, como o modelo fechado de produção de texto. Para isso, o *New Journalism* recorreu à literatura, que ele compreende ter particularidades mais envolventes e agradáveis. Logo após o seu surgimento, esse movimento enfrentou críticas tanto de escritores, que sentiam que seu *status* estava sendo ameaçado, quanto de jornalistas, que temiam pelas suas práticas e modos de fazer jornalismo. No entanto, ainda na década de 1960 a “novidade” conseguiu aceitação (BULHÕES, 2007, p. 148).

Após isso, Felipe Pena (2006) destaca que o Jornalismo Literário possui sete características principais, que ele intitula “estrela de sete pontas”. Este pensamento aponta que o gênero deve potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir a perenidade e a profundidade aos relatos.

Quando o autor refere-se à possibilidade de potencializar os recursos do jornalismo, afirma que as lições aprendidas no jornalismo diário não devem ser ignoradas. O que acontece é o desenvolvimento destas técnicas na construção de novas estratégias profissionais, mantendo o rigor da apuração, a observação, a ética e a clareza. No entanto, o Jornalismo Literário rompe com duas premissas dos periódicos noticiosos: a atualidade e a periodicidade. Os textos enquadrados nesses moldes não estão presos ao *deadline*, ou seja, ao fechamento da edição do jornal. A novidade também não é uma questão imprescindível, pois o gênero se preocupa mais em proporcionar a visão ampla da realidade. Tal fato leva a terceira característica do Jornalismo Literário.

Proporcionar visões amplas do mundo significa contextualizar a informação de forma abrangente. “Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração.” (PENA, 2006, p. 14).

A quarta característica é marcada por exercitar a cidadania. Este é um dever do profissional, portanto, ao escolher o tema que será trabalhado, é preciso considerar qual a contribuição a se oferecer para a sociedade, para a formação do cidadão e do bem comum.

Outra quebra de vínculo com o jornalismo diário é a exclusão do *lead*, que se refere à quinta característica. O *lead* consiste, geralmente, no primeiro parágrafo do texto responder a seis perguntas básicas: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? O jornalismo diário também faz uso comum de definidores primários, chamados de fontes oficiais, por exemplo, governadores, advogados e ministros. O pouco tempo para concluir a matéria ou reportagem é um dos fatores que justificam esta escolha. No entanto, o Jornalismo Literário, que, como já foi explicitado, não possui *deadline*, busca fontes diferenciadas, como pessoas comuns, fontes anônimas e pontos de vistas ainda não abordados.

A sétima característica, a última ponta da estrela, se refere à perenidade. O conteúdo das reportagens não pode ser como o do cotidiano, que é esquecido no dia seguinte. Há uma busca pela permanência. “Por isso é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada” (PENA, 2006, p. 15).

O pesquisador Edvaldo Pereira Lima (2009) destaca seis gêneros do Jornalismo Literário: o perfil, o ensaio pessoal, a biografia, a redação de memórias, a reportagem temática e a reportagem de viagem. Cada uma delas tem o seu propósito e são construídas para determinadas finalidades, mas se assemelham ao possuir uma construção narrativa que parte de uma problemática, que é “o que eu quero conhecer sobre este assunto?”, e a partir disso o texto começa a ser elaborado.

A biografia tem o objetivo de contar a vida pessoal de alguém, estando essa pessoa viva ou morta. O autor Felipe Pena (2006) acredita que a biografia é uma mistura de Jornalismo, Literatura e História, sendo o gênero mais apreciado no mercado editorial ao redor do mundo. Ele defende que o biógrafo não se deve preocupar em desvendar a vida da personagem, e sim contemplá-la. Para além disso, Lima (2009) indica que este tipo de texto possui uma vertente intitulada perfil. O perfil “[...] retrata um indivíduo como em uma arqueologia psicológica que vai escavando e trazendo à tona suas motivações, talvez seus receios, seus lados luminosos e suas facetas sombrias, quem sabe” (LIMA, 2009, p. 426). É um gênero que nasceu na revista estadunidense *The New Yorker*, na década de 1920.

Próximo à biografia, estão os textos de memória, mas diferem destes, pois não buscam narrar toda a trajetória de vida do biografado. Estes textos focam-se em determinados acontecimentos ou períodos da vida do retratado. Podem ser autobiográficos ou não. De acordo com Lima (2009), esse estilo repercutiu quando um professor irlandês, que trabalhava em Nova York, decidiu contar sobre sua infância pobre no país de origem. Com isso, tornou-se conhecido e, inclusive, ganhou o Prêmio Pulitzer de 1996.

Enquanto o gênero redação de memória pode ser feito por terceiros, o ensaio pessoal é autobiográfico. Unindo narrativa e reflexão, “[...] significa que o autor escreve sobre um tema por que há um motivo individual muito forte que o impele a fazer isso, de caráter emocional ou intelectual, ou ambos.” (LIMA, 2009, p. 431).

Ainda bem próximo ao ensaio pessoal e aos textos de memória, está a reportagem de viagem. Viagem, neste caso “[...] refere-se exatamente aos passeios realizados pelo autor para lugares diferentes, onde se conhece pessoas com costumes que não são os dele, o que pode provocar um maior conhecimento próprio, uma auto-identidade” (LIMA, 2009, p. 433). Neste tipo de texto, não é

suficiente narrar apenas a viagem, mas sim, explorar o que é desconhecido, inédito, da forma mais ampla possível.

O último estilo destacado pelo autor é a reportagem-temática. Ela é a mais próxima do jornalismo convencional. É um trabalho que deve ser feito com imersão, humanização, pesquisa e bom texto autoral (LIMA, 2009). Uma variação desse tipo de reportagem é a matéria-retrato, que pode ser conceituada como aquela que aborda a respeito de uma determinada região geográfica, setor da sociedade ou segmento da atividade econômica, visando traçar um retrato do que está sendo estudado (LIMA, 2009, p. 53).

Pena (2006) inclui o gênero romance-reportagem e o define como o cruzamento da narrativa romanesca com a jornalística, ou seja, apesar das mesmas estratégias da ficção, os fatos devem restringir-se à realidade. Quem realiza este tipo de obra deseja representar o real através da contextualização e explicação. Diferente disso é a ficção jornalística. Neste caso a obra é inspirada em acontecimentos divulgados pela imprensa, mas todo o resto é ficção. Não há compromisso com a realidade, apenas a utilização dela como base para a narração.

Diante de tudo isso é possível visualizar três categorias de obras com a utilização de linguagem literária, sendo elas “[...] as puramente de ficção, que tratam dos produtos do imaginário elaborados pelo escritor; as jornalísticas, que se apropriam dos recursos literários apenas para reportar melhor a realidade; e as que mesclam ficção e factual” (LIMA, 2009, p. 180).

Ainda sobre os textos que fazem uso das estratégias da literatura não ficcionais, então os gêneros opinativos. Eles são, de acordo com o professor José Marques de Melo (2003), o editorial, o artigo, a resenha, a crítica, a coluna, a crônica, a carta ao leitor, o comentário, a caricatura e a charge.

O modelo de produção e narrativa literária apresentados neste capítulo foram aplicados no desenvolvimento da peça prática resultante deste Trabalho de Conclusão de Curso. Dos oito gêneros discutidos aqui, o perfil foi o utilizado para contar as histórias das personagens envolvidas com o Centro Cultural Matarazzo. A produção contou com seis das sete pontas da estrela apresentadas por Pena (2006), não utilizando somente a busca por definidores que não são aqueles considerados primários, uma vez que os perfis foram produzidos a partir de entrevistas realizadas com as próprias pessoas a serem perfiladas.

Quanto às outras características, todas elas foram acolhidas pelo grupo. Ele potencializou os recursos do jornalismo ao ir além das técnicas narrativas do jornalismo diário. Ultrapassou limites dos acontecimentos cotidianos ao abarcar a trajetória de vida das personagens e os acontecimentos relacionados ao envolvimento com a arte, responsáveis por transformarem suas vidas. Proporcionou visão ampla da realidade, contextualizando de uma forma que a vida e os sentimentos da pessoa perfilada fosse apresentada como mais do que um simples recorte de determinado momento. Foi um tema que exercitou a cidadania ao oferecer conteúdo à sociedade que corroborou o sentimento de solidariedade e formação pessoal. Rompeu com as correntes burocráticas do *lead* dando preferência a um texto mais elaborado, abusando das possibilidades literárias. E, por fim, garantiu perenidade e profundidade aos relatos produzindo um conteúdo que não se tornará velho com mesma rapidez que as matérias de cotidiano, o que também se encaixa nas características descritas no tópico de Jornalismo Cultural.

Para além disso, Pena (2006) aconselha que para a autoria de um bom texto de Jornalismo Literário é preciso prestar atenção, ser detalhista, olhar por todos os ângulos do fato, relativizar dogmas, refazer interpretações e fugir de estereótipos e julgamentos.

3.3 Gêneros Opinativos Jornalísticos

Por mais que as instituições jornalísticas tenham uma linha ideológica e política definida, há sempre uma divisão de opinião na atribuição de valores sobre os acontecimentos diários. Assim, a opinião no jornalismo não é algo uníssono.

O monolitismo opinativo caracterizou a vida dos primeiros jornais e revistas, que eram obra de uma pessoa só. Lembre-se, no Brasil, o caso de *O Correio Brasiliense*, nosso primeiro periódico, cuja unidade opinativa deve-se a circunstância de haver sido produzido solitariamente por Hipólito da Costa, na Inglaterra. (MELO, 2003, p. 101).

Desde o momento que o individualismo foi deixado de lado nas empresas de comunicação e contou com assalariados e colaboradores, a expressão de opinião foi fragmentada. Por cada empresa seguir seu próprio traço ideológico, hoje, existe uma abertura para que a valoração da notícia possa ocasionar diferentes pontos de vista. A amplitude dessa divisão de opinião vai ser de acordo com cada instituição e modo de divulgação feito por ela.

Segundo Melo (2003, p. 102), “essa valoração dos acontecimentos concretiza-se através dos gêneros opinativos e emerge de quatro núcleos: a) empresa, b) o jornalista, c) o colaborador, d) o leitor”. A opinião da empresa é dada através da simples escolha do título da matéria ou destaque que a mesma ganhará. A opinião do profissional pode estar em forma de comentário, resenha, coluna, crônica, caricatura ou artigo. Já o ponto de vista dos colaboradores que geralmente são representantes da sociedade civil, aparece em artigos. E, por fim, a opinião do leitor que é via carta (MELO, 2003).

Os gêneros opinativos então são formados por variáveis ligadas a empresa e ao jornalista que produz o material. Por isso a necessidade de reflexão de ambas as partes antes da publicação do material, visto que são formadores de opinião.

Os gêneros de caráter opinativo são, segundo Melo (2003): editorial, artigo, resenha/crítica, crônica, coluna, comentário, carta ao leitor, caricatura e charge. Em todos se inclui textos que fazem uma leitura da realidade e não um fiel retrato dela, algo que deve ser produzido com ética e bom senso.

O *Editorial* é o gênero que imprime a opinião oficial da empresa para com o seu público. Nele contém a opinião do dono ou da emissora de difusão da instituição. Esse posicionamento deve ser delimitado e “[...] a opinião contida no editorial um indicador que pretende orientar a opinião pública. Assim sendo, o editorial é dirigido à coletividade” (MELO, 2013, p. 104). Mas isso só acontece em uma sociedade com opinião autônoma, o que não é o caso dos brasileiros (MELO, 2013).

Recentemente introduzido no Brasil, o *Comentário* atendeu a exigência que o jornalismo estabeleceu na rapidez da divulgação das notícias. A massa sentiu a necessidade de saber mais e se orientar sobre os fatos, mas no jornalismo norte-americano já era praticado este gênero. “Ele surgiu como tentativa de quebrar o monopólio opinativo do editorial. Esse monopólio era consequência da unidade ideológica que possui o jornalismo pré-industrial” (MELO, 2013, p.112). Enquanto o editorial restringe opinião em fatos de maior relevância, o documentário não se esquiva em fazer esta análise, independente de linha editorial (MELO, 2013).

Já o *Artigo* é um gênero de democratização da opinião dos jornalistas que privilegia e que possibilita o acesso pela sociedade.

A característica de a autoria do artigo estar vinculada a uma pessoa externa à empresa jornalística implica, na constituição do objeto do discurso desse gênero, em uma inter-relação entre a esfera de atuação do autor e a jornalística (RODRIGUES, 2001, p.148).

Tendo como assunto principal o vínculo com acontecimentos sócio-históricos que estão ocorrendo no momento, de acordo com Rodrigues (2001), os artigos tratam principalmente sobre questões ligadas à política governamental e suas decorrências.

Resenha ou *crítica*, para Melo (2013, p. 129), “[...] corresponde a uma apreciação das obras-de-arte ou dos produtos culturais, com a finalidade de orientar a ação dos fruidores ou consumidores”. A resenha então se configura no papel de orientar o público a escolher produtos oferecidos pelo mercado. Ela não carrega a intenção de julgamento estético, mas sim de apreciação, “informa, eleva o nível cultural, reforça a identidade comunitária, estima e ajuda os artistas, estima o que é novo, documenta para a história, diverte e aconselha” (MELO, 2013).

Em um misto de jornalismo e literatura, resulta-se a *Crônica*. Para a produção deste gênero, é necessário que o cronista se estabeleça em um tempo e espaço, sem compor uma cronologia limitada, mantendo relação sua/do leitor com os seres e objetos (Sá, 1999). Cada frase e silêncio que constitui o texto reside a significação que cabe ao leitor descobrir, é uma espécie de cômodo da casa, onde o autor guarda seus anseios e segredos. Sá (1999, p. 18) afirma que “[...] a crônica funciona como uma espécie de passagem secreta por onde ingressamos no espaço do prazer, sem que isso elimine a nossa consciência da realidade opressora”.

Tendo início nos Estados Unidos, com o nome de *penny press*, a *Coluna*, de acordo com GOMES (2013, p.1), tem seu conteúdo apresentado em poucas linhas, podendo chegar a pautar editorias do jornal, gerar desdobramentos e estar presente nas conversas dos leitores, além de estar sempre se adaptando às empresas, gostos de seus leitores, e até ao poder. Chegou ao Brasil de forma literária, no século XIX, com Maneco Muller, que “[...] escrevia com um estilo de crônica literária e fazia comentários irônicos sobre a vida das pessoas da sociedade.” (GOMES, 2013, p.4).

Como forma de estabelecer pontes entre o leitor e os veículos de comunicação de massa, as redações jornalísticas criaram a *Carta ao Leitor*, que mesmo podendo aproveitar do espaço para se aproximar do leitor de modo indireto, ainda obedece à política do veículo. Então, por mais cartas que haja sobre aquele

conteúdo, elas passam por uma seleção e só depois são veiculadas. E antes não era assim que funcionavam, os leitores “[...] se expunham por meio de páginas de artigos da página editorial, e agora vão direto à sessão de leitores para debater assuntos atuais” (MELO, 2003).

Caricaturas são desenhos que simbolizam a consciência crítica da sociedade. Nelas são transmitidas resgates de fatos do dia a dia, podendo gerar risos ou mensagens ironizadas. “[...] a caricatura cumpre uma função social mais profunda que a emissão rotineira da opinião nos veículos de comunicação coletiva [...]” (MELO, 2013, p. 166). Segundo Arrigoni (2011, p.7), “A caricatura possui a característica do exagero, em primeiro lugar. No entanto, mais do que “carregar” os traços da pessoa, ela busca caracterizar”.

A Charge usa de uma foto ou acontecimento para sua criação, que nada mais é do que “uma reprodução gráfica de uma notícia já conhecida do público, segundo a ótica do desenhista” (2003, p. 167). De acordo com Arrigoni (2011), é necessário que quem esteja vendo a tal charge, para a compreensão da mesma, conheça o assunto na qual ela está apresentando e a situação em que está inserida.

Dentre os gêneros opinativos, também se implica o Perfil, que permite a participação do escritor na narrativa. Este gênero traça a vida ou fatos em específicos de algum personagem de escolha do autor.

Em jornalismo, perfil significa enfoque na pessoa, seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é protagonista de uma história: sua própria vida. Diante desse herói (ou anti-herói), o repórter tem, via de regra, dois tipos de comportamento: ou mantém-se distante, deixando que o focalizado se pronuncie ou compartilha com ele um determinado momento e passa ao leitor essa experiência. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 126)

Por isso os pesquisadores deste TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), optaram por trabalhar com este gênero. Já que o objetivo era apresentar perfis de personagens com envolvimento cultural dentro do Centro Cultural Matarazzo, a fim de evidenciar a importância do Centro como referência de cultura no município de Presidente Prudente. Sendo todo o conteúdo aplicado dentro da plataforma Prisma que permite a criação do conteúdo de modo multimidiático.

3.4 Perfil

Os perfis, também chamados de “biografia de curta duração” (Weinberg, 2002) e “reportagem narrativo-descritiva de pessoa” (Coimbra, 1993), são narrativas sobre a vida e/ou momentos específicos da trajetória de protagonistas ou de grupos sociais, feitas de maneira humanizada. “É uma narrativa curta tanto na extensão (tamanho do texto) quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações do repórter”. (VILAS BOAS, 2003, p.13).

A narrativa de um perfil está atrelada ao sentimento das pessoas, pois, os perfis buscam gerar empatia. Este relato busca ver a partir do ponto de vista do interlocutor, permitindo que ele participe da história envolvendo-se com os recursos literários.

No perfil, o ponto de partida é o personagem real, onde a experiência humana é a principal referência. De acordo com Vilas Boas (2003, p.18), a arte sempre procurou colocar o protagonista como peça chave para o entendimento da natureza humana. O autor ressalta a importância de estarem atreladas às artes visuais, onde os artistas sempre trabalharam com personagens e estiveram conscientes do problema em adquirir uma expressão espontânea destas pessoas. Dessa maneira, os *portraits* (retratos) não representavam mais a naturalidade, e sim a pose que estas pessoas fariam se estivessem sendo pintadas por algum pintor. Para Vilas Boas, o perfil não está livre das ambiguidades, exatamente como os *portraits*. (Vilas Boas, 2003).

Os perfis também só podem elucidar, indagar, apreciar a vida num dado instante. São mais atraentes quando provocam reflexões sobre aspectos objetivos e subjetivos comuns à existência de todos nós. A meu ver, é o que se pode realmente conservar na memória. O restante empalidece com o tempo, ou adquire aquele tom desbotado típico das fotografias muito antigas. (VILAS BOAS, 2003. p.20)

No jornalismo, o perfil pode ser criado a partir de alguns comportamentos. O primeiro deles é a entrevista clássica, onde o texto consiste na apresentação do personagem junto aos seus dados e algumas perguntas e respostas. Esse tipo de entrevista não exige um contato pessoal com o entrevistado, podendo ser feita por telefone ou e-mail.

Outra maneira de estruturação de perfil é quando o narrador não conhece seu personagem e conta sua experiência desde o primeiro momento do

encontro. Esse relato aumenta a sensação de realidade e ao mesmo tempo, compartilha com o leitor o descobrimento do caráter do entrevistado. (SODRÉ; FERRARI; 1986, p.131).

Sodré e Ferrari (1986) destacam o miniperfil e o multiperfil. Eles definem que deve ser chamado de perfil o texto que enfoca o protagonista de uma história e miniperfil o texto descritivo de uma personagem secundária inserido no momento em que ocorre um corte na narrativa principal (Vilas Boas, 2003). O multiperfil, é realizado por inúmeros repórteres, mas com um único objeto de narração (SODRÉ; FERRARI; 1986, p.139). Isso ocorre quando o personagem tem uma grande importância social e merece destaque. O multiperfil é composto de crônicas, artigos, poemas e entrevistas.

Os perfis se tornaram marca registrada de revistas como *Esquire*, *The New Yorker*, *Life* e *Harper's*, dentre outras. Com um grande espaço reservado ao gênero, a *The New Yorker* é considerada a precursora. No Brasil esse tipo de jornalismo foi valorizado por revistas como *O Cruzeiro* e *Realidade*. (VILAS BOAS, 2003, p.22).

A revista *Realidade*, em sua época de ouro (1966-1968), trazia as seguintes características em seus textos biográficos: imersão total do repórter no processo de captação, jornalistas eram autores e personagens da matéria, frases sensíveis, ênfases em detalhes reveladores, dentre outros. (VILAS BOAS, 2003, p.24).

Para o jornalista Julio Villanueva (2010), o perfil busca trabalhar com três perguntas que ajudam a definir uma pessoa, sendo elas: O que a pessoa diz? O que esconde? O que faz? Ainda segundo ele, o perfil tenta ser um relato mais ou menos completo da vida da pessoa, podendo trabalhar apenas uma de suas características, universalizando-a dentro de sua comunidade.

Dentre outros motivos, o perfil é o gênero mais completo e ao mesmo tempo mais falível do jornalismo, porque as pessoas nunca são iguais todos os dias. É preciso ser um pesquisador para avaliar e narrar com precisão o modo como uma pessoa é. Para Villanueva (2010), o perfil “[...] trata-se, em resumo, de: 1. Reportar e contextualizar a vida pública e privada de uma pessoa. 2. Ensaiar ideias sobre ela e sua comunidade. 3. Narrar e condensar sua história em cenas e resumos”.

Segundo Monteiro e Nogueira (2015), o texto escrito para o online e o impresso não possui diferença. Para elas:

[...] o que diferencia é o uso de vídeos e fotos referentes ao perfilado, de links que permitem ao leitor "navegar" pela história do personagem e a forma de manusear o veículo de comunicação: se na revista impressa o público folheia as páginas, na online basta um clique para o leitor acessar as informações, na ordem que desejar. (MONTEIRO; NOGUEIRA, 2015, p.6)

4 CENTRO CULTURAL MATARAZZO

O Centro Cultural Matarazzo foi fundado em 2007 e atualmente abriga quatro oficinas artísticas, sala de informática, a biblioteca municipal e a sede da Secretaria da Cultura de Presidente Prudente. Esse espaço também recebe e promove exposições, apresentações e apoia as iniciativas culturais da cidade visando a transformação intelectual da comunidade prudentina.

Segundo o *site* da Secretaria Municipal de Cultura, inicialmente o local onde está localizado o Centro Cultural era uma indústria de algodão, fundada em 1937, que esteve em atividade até a década de 1970 (PRESIDENTE PRUDENTE, 2014). Após isso, o espaço ficou abandonado por anos e assim houve um grande processo de deterioração de sua arquitetura. Nesse momento a comunidade cultural passou a lutar pelo tombamento do local. Em 1984 houve o tombamento provisório e em 1987 o definitivo, pelo decreto municipal nº 6.128/87. (CENTRO CULTURAL MATARAZZO apud VALE et. al, 2008, p. 71).

A iniciativa de transformar em Centro Cultural foi liderada pela delegacia da Cultura e o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico e Turístico (Condephaat) da época, conforme Vale et al. (2008), e só aconteceu em 2007, exatamente 70 anos após o surgimento da indústria. Segundo a arquiteta Lara Valim, responsável pela revitalização do prédio, o processo levou dois anos e teve um custo de R\$ 6.195.773,22. (CENTRO CULTURAL MATARAZZO apud VALE et. al, 2008, p. 77).

Após a revitalização, o espaço permaneceu inutilizado até 23 de junho de 2008, quando a Secretaria da Cultura de Presidente Prudente (Secult) se mudou para lá, segundo a coordenadora da Biblioteca Municipal, Sônia Aparecida Vilela². Ainda de acordo com ela, no que se refere à Secretaria da Cultura, apenas o Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antonio Sandoval Netto não foi transferido para o

² Sônia Aparecida Vilela, coordenadora da Biblioteca Municipal de Presidente Prudente. Entrevista sobre a trajetória do Centro Cultural Matarazzo, 22 mai., 2017, às 11h50.

Matarazzo. A Secretaria da Cultura permaneceu sozinha no espaço até a chegada da Escola Municipal de Artes “Jupyra Cunha Marcondes” em janeiro de 2009 e no dia 16 de março do mesmo ano, aconteceu a chegada da biblioteca.

Em entrevista ao jornal O Imparcial em 21 de junho de 2008, dois dias antes da Secult se mudar para o Matarazzo, o secretário da Cultura, Fabio de Sousa Nogueira, pontuou que a proposta do Centro é reunir diversas manifestações artísticas e culturais em um mesmo espaço. Ele ainda afirma que “[...] o complexo promoverá o apoio aos produtores culturais, oferecendo espaço a suas realizações, incentivo a realizações de eventos”, além disso, outro objetivo destacado é a valorização do entorno da Vila Marcondes (O IMPARCIAL, p. 2b, 21 jun. 2008).

O Teatro Municipal de Presidente Prudente ‘Paulo Roberto Lisboa’, que também compõe o complexo, foi inaugurado somente em 2014. De acordo com matéria publicada no *síte* da prefeitura de Presidente Prudente, durante o evento de inauguração o então prefeito Milton Carlos de Mello ‘Tupã’ pediu ao secretário da Cultura que se certificasse que o espaço seria “[...] democrático, onde não exista diferença de classe social e onde toda população prudentina possa participar” (PRESIDENTE PRUDENTE, 2014).

Atualmente o Centro Cultural Matarazzo é composto por seis blocos, têm em seu amplo espaço, além do teatro “Paulo Roberto Lisboa”; a galeria “Takeo Sawada”; um espaço de convivência; o auditório “Sebastião Jorge Chammé”; a sala de cinema “Condessa Filomena Matarazzo”; um ateliê de artes visuais; sala de exposições; várias salas de multiuso; estúdio de áudio visual; *boulevard* “Os Sombras e os Temperamentais”; coreto “Francisco Artoni”; Praça dos Seresteiros de Presidente Prudente; além de ter em seu espaço a biblioteca municipal “Dr. Abelardo de Cerqueira César; e como já citado, a Escola Municipal de Artes “Jupyra Cunha Marcondes” e a Secretaria Municipal de Cultura da cidade. (PRESIDENTE PRUDENTE, 2014).

No Centro Cultural também são ministradas oficinas artísticas. Vilela conta que elas foram inseridas aos poucos e que pela falta de funcionários de todos os departamentos, estas oficinas são terceirizadas. A Secretaria da Cultura cobre os custos das aulas, assim como toda a publicidade necessária e os alunos pagam uma taxa mensal que é integralmente destinada ao professor(a). De acordo com a coordenadora, para ministrar aulas no Centro Cultural a pessoa interessada precisa

enviar um projeto que é analisado pela Secretaria e conseguir uma quantidade razoável de alunos. Ela ainda acrescenta que “[...] a única coisa que o secretário pede é que seja um preço mais acessível à comunidade” (VILELA, 2017). As oficinas funcionam desta forma desde o início, não havendo qualquer alteração ao longo dos dez anos de Centro.

Vilela conta que, ao contrário da Biblioteca Municipal e da Escola Municipal de Artes “Jupyra Cunha Marcondes”, as oficinas podem ou não ser constantes, dependendo da demanda e também de demais projetos apresentados à Secretaria. No entanto, caso um curso fique um tempo indisponível, é possível que seja feita uma nova proposta e ele volte a ser oferecido. Apesar disso, “[...] a maioria dos cursos têm uma continuidade fixa, (...) pode trocar o professor (...) às vezes em um semestre é um, em outro semestre é outro professor, porque nós temos que atender as outras solicitações também” (VILELA, 2017). Tudo isso contribui para a dificuldade de estabelecer uma data exata para o início de cada uma das oficinas oferecidas atualmente.

As oficinas abrangem inúmeros aspectos da arte, sendo elas a música, as artes plásticas, a dança e o teatro. Tudo isso contribuiu para que o Centro se tornasse referência no Estado de São Paulo. Estas oficinas artísticas atenderam em média 3670 pessoas por mês no ano 2016; sendo o mês de janeiro o menos frequentado, devido o período das férias escolares (192 atendimentos). Já o mês de maio é o mais frequentado, com 5074 atendimentos, conforme a tabela a seguir. Nela também são fornecidos dados de atendimentos realizados pela biblioteca e pela sala de informática.

TABELA 1: dados de atendimentos realizados pelo Centro Cultural Matarazzo em suas oficinas, biblioteca e sala de informática em 2016.

RELATÓRIOS – 2016			
	BIBLIOTECA	SALA DE INFORMÁTICA	CURSOS
JANEIRO	4791	1385	192*
FEVEREIRO	3543	2595	3153
MARÇO	5861	1784	4472
ABRIL	5868	2216	4633
MAIO	5138	2438	5074
JUNHO	5446	2671	4796
JULHO	6043	3095	3676
AGOSTO	5381	3866	3689
SETEMBRO	6836	4288	4560
OUTUBRO	8665	4221	4610
NOVEMBRO	7796	3890	3093
DEZEMBRO	4176	2384	2102
TOTAL	69544	34833	44050

*Férias dos Cursos Regulares, presença apenas de workshops de curta duração.

Fonte: Secretariada Cultura de Presidente Prudente

As transformações provocadas pelas expressões artísticas disponíveis do Centro Cultural Matarazzo serão abordadas na peça prática resultante deste Trabalho de Conclusão de Curso, perfilando personagens que serão apresentadas no tópico seguinte deste capítulo, sendo uma de cada oficina artística.

4.1 Expressões artísticas ensinadas no Centro Cultural Matarazzo e personagens

A arte, de maneira geral, humaniza, reumaniza, dimensiona e redimensiona o mundo e os seres humanos, segundo Paula (2012). Todos os gêneros artísticos possuem em comum a capacidade educacional, a formação intelectual do aluno e o poder transformador, no entanto, de acordo com o arte-educador Everton Tomiazzi³, é algo que não é possível mensurar. Ele afirma que vai de cada ser humano integrar-se à arte e vice-versa e que a forma como ela é recebida se difere.

Tomiazzi acredita que qualquer linguagem artística pode formar moralmente um de seus praticantes, pois ela está ligada a sentimentos, emoções,

³Everton Tomiazzi, arte-educador. Entrevista sobre a forma com que a arte se relaciona com o ser humano e o motiva, 14 abr., 2017, às 12h49.

razões e ideias de cada sociedade e, embora existam diversos costumes espalhados pelo mundo, a arte age da mesma forma, o que promove as diferenças é a subjetividade.

A dança é considerada por muitos historiadores como a mais antiga das artes, segundo Paulina Ossona (1988). Ela nasceu diretamente relacionada a sobrevivência, quando os homens primitivos faziam rituais na tentativa de impedir que eventos naturais atrapalhassem a caça, a pesca e a colheita de frutos e vegetais, como afirma Rosana Van Langendonck (2006). De acordo com a autora, o balé, uma das danças ensinadas no Centro Cultural Matarazzo, só surgiu durante o Renascimento e teve origem nas cortes, ostentando riqueza e poder. Os demais estilos são posteriores a isso.

Outro gênero de dança ensinado no Centro é a dança do ventre. A professora Shaia Zurah⁴, ingressou no Matarazzo em 2011 com o objetivo de difundir essa modalidade artística e conquistar adeptos de todas as classes sociais e idades. A dançarina desde os nove anos de idade, hoje com 29, fez cursos de especialização e viajou ao Egito, berço do estilo, em 2005 no intuito de aprofundar os conhecimentos nesse estilo e, também se certificar de que seus movimentos são fiéis e semelhante ao gênero desenvolvido por lá, pois refuta a ideia de adaptar as coreografias aos costumes brasileiros.

A dançarina compreende que existem inúmeros preconceitos relacionados à dança do ventre que impedem as mulheres de participarem. Dentre eles, destaca a insatisfação da mulher com o próprio corpo e a preocupação com o olhar crítico e preconceituoso da sociedade. Em 2016 Zurah completou 15 anos como professora e percebeu que nos últimos dez anos essa perspectiva “pejorativa”, tanto da mulher quanto de terceiros, para com a dança melhorou consideravelmente. “As mulheres, assim como os homens, já enxergam a dança do ventre como uma ajuda física e psicológica, então quem pratica a dança está buscando bem estar”, afirma.

Nesse sentido, se pode citar a participante dessa oficina Penha Molina⁵, 70, que pratica dança do ventre há 13 anos. Com sintomas da Síndrome do

⁴Shaia Zurah, professora de dança do ventre no Centro Cultural Matarazzo. Entrevista sobre sua trajetória na dança e sobre as experiências no Centro Cultural Matarazzo, 11 mar., 2017, às 11h30.

⁵ Penha Molina, aluna de dança do ventre no Centro Cultural Matarazzo. Entrevista sobre as razões que a levaram a dançar e sua experiência enquanto aluna, 11 mar., 2017, às 12h.

Ninho Vazio (SNV)⁶, quando os três filhos já estavam casados e construindo suas próprias famílias, ela foi apresentada ao gênero pela própria professora, Shaia Zurah, e viu ali a oportunidade de encontrar um novo propósito em seus dias. Tomiazzi defende essa integração das pessoas com transtornos e síndromes de diversas naturezas como o primeiro passo para uma vida melhor, considerando que a arte leva as pessoas a enxergarem o mundo de uma forma peculiar ao fazer o praticante entrar em contato com seus sentimentos íntimos.

Molina conta que a dança lhe deu postura, autoestima, bem estar, alegria e atua como uma válvula de escape para os problemas do cotidiano. “A dança me tira de qualquer situação ruim, hoje mesmo eu saí de casa e tinha um negocinho (sic) acontecendo lá, mas eu falei ‘não, eu vou’ (...) eu nem lembrava mais, é uma coisa tão maravilhosa na vida”, ela ainda acrescenta que um dos pontos positivos do gênero é o fato de ser uma dança individual, onde ela não precisa de um parceiro e pode se divertir sozinha. Apesar disso, ela ouve críticas e julgamentos errôneos sobre as consequências dessa dança para o corpo, no entanto, ela rebate afirmando que ele apenas se definiu com a prática.

Os estudiosos Abrão e Pedrão (2005) afirmam que a dança do ventre, prática alternativa milenar, trabalha a saúde das mulheres de forma clara, simples e direta, e minimiza a complexidade quanto à abordagem da sexualidade feminina. Eles ainda apontam que a dança pode promover reflexão e revisão de conceitos que abarcam os costumes sociais, uma vez que o respeito próprio e mútuo é algo constante em seu exercício, além de desenvolver a sensibilidade de cada um, permitindo melhor compreensão de mundo.

Ossona (1988) acredita que a dança é uma necessidade interior e que funciona como uma válvula de escape de uma vida tumultuada. Desejos, alegrias, pesares, gratidão, respeito, temor e poder são sentimentos que podem ser cultivados e despertados no dançarino no momento em que executa seus movimentos. A autora (1988), bailarina clássica, docente e coreógrafa, defende que a dança deve ser o primeiro passo na educação de todos, especialmente se a criança possui algum tipo de aptidão artística, mesmo que não seja para a dança em si.

⁶Síndrome do Ninho Vazio é definida como o sofrimento de homens e mulheres ao verem seus filhos deixando sua casa, elas ainda afirmam que essa síndrome está associada à cultura.

O subsecretário da Cultura de Presidente Prudente, Denilson Biguete⁷, também é professor de teatro no Centro Cultural, oficina que possui 150 alunos matriculados. Dentre eles, Isabela Rocha⁸, 19, que recém começou o curso, embora sempre tenha vontade de praticar essa atividade.

Isabela nasceu com cegueira total, mas não considera o fato como um empecilho para alcançar seus objetivos, e sim uma característica como qualquer outra. Ela queria cursar teatro e agarrou a oportunidade quando surgiu, assim como fez com o Jornalismo e já está no sexto termo. O teatro começou a libertá-la da timidez, ela se sente mais à vontade para falar e fazer o que tem que ser feito, se sente mais solta e mais feliz. Apesar de afirmar que a sua deficiência não a impede de nada, as dificuldades estão presentes em alguns momentos, como em relação ao gestual durante as aulas, mas garante que os colegas colaboram. “Os alunos sempre dão um jeito de me explicar aquilo que é visual para eu tentar fazer também, eles sempre dão um jeito de adaptar”.

Além dos colegas, ela também recebe apoio da família, assim como em relação a todas as outras decisões que toma que a faça vencer qualquer limitação. Quanto à acessibilidade necessária, ela recebe os textos do curso por e-mail e utiliza um computador com leitor de letras para estudar o roteiro das aulas. Além disso, o piso tátil permite que ela transite livremente pelo Centro Cultural. Diante disso, Isabela foi escolhida para compor o perfil que representa o teatro.

A estudiosa Carolin Overhoff Ferreira (2008) conta que o teatro brasileiro se desenvolveu gradualmente e somente em 1940 ele deixou de ser apenas “comédia de costumes”, ou seja, composto por personagens e situações cômicas, e passou a se preocupar com os problemas do Brasil contemporâneo, e isso foi possível devido às mudanças políticas que ocorreram a partir da década de 1930. Segundo Ferreira, o teatro politizou-se ainda mais durante a ditadura militar (1964–1985), no entanto, a censura impediu que alguns projetos nesse sentido seguissem em frente. A autora caracteriza a década de 1980 como um balanço desses impedimentos e da retomada hesitante aos temas que envolvem as dificuldades sociais. Já a década de 1990 marcou a “diversidade de vertentes,

⁷ Denilson Biguete, subsecretário da Cultura de Presidente Prudente e professor de teatro no Centro Cultural Matarazzo. Entrevista sobre a sua experiência como professor, 11 mar., 2017, às 12h15.

⁸ Isabela Rocha, estudante de Jornalismo e aluna de teatro no Centro Cultural Matarazzo. Entrevista sobre o curso de teatro, 30 ago., 2017, às 18h30.

estilos e temas que prometiam um complexo e interessante panorama teatral para este século XXI que está começando” (FERREIRA, 2008, p. 142).

Outra oficina que compõe o Centro Cultural Matarazzo é a de artes plásticas. A pintura existe desde os primórdios da civilização e estava diretamente ligada à caça, rituais e proteção, mas com a evolução humana, a pintura também se desenvolveu, segundo Tàpies e Tharrats (1995). Assim como em outros estilos artísticos, a pintura também expressa sentimentos. Para captar a mensagem que o autor deseja passar, o percurso visual do leitor é guiado pelas cores e formas, “[...] fazendo uma viagem não só sobre o que é dado ver, mas também uma viagem pelo modo como é dado a ver” (ANDRÉ, 2008, p. 388).

A autora ainda afirma que a variação dentro da pintura é resultado da divergência de ideias e técnicas entre artistas contemporâneos e os ensinamentos deixados pelos artistas do passado, mas principalmente pela liberdade de criação alcançada hoje. André (2008) acredita que a pintura é uma forma de pensar o mundo, pois o pintor ultrapassa aquilo que viu e aprendeu para abordar o que procura e deseja saber e revelar.

Dentro da oficina de pintura no Centro Cultural Matarazzo, a professora Maria Sueli Silva, que ministra as aulas há mais de sete anos, identifica entre seus alunos três casos em que a pintura agiu de diferentes modos. A primeira refere-se à professora aposentada Celi Fabris, de 77 anos, que iniciou as aulas como parte do tratamento de depressão, além de medicação controlada. A aposentada começou a sentir sintomas de a doença em 1995, após o falecimento da mãe. Ela passou a se isolar no quarto, sem vontade de sair, tomar banho ou se alimentar e chegou a perder 18 quilogramas. Recentemente os sintomas voltaram a se agravar. “[...] Eu fui ficando mais retraída (...) uma colega (da aula de pintura) até me perguntou (...) minha filha também notou e marcou consulta com o médico que sempre me atende”, ela afirma também que já está com os sintomas sob controle após mudança no horário da medicação. De acordo com os estudiosos Fleck et. al (2009), a depressão é um transtorno crônico e recorrente relativamente comum que está associada à incapacidade funcional e comprometimento da saúde física. Quando os sintomas começaram a se manifestar, Fabris foi orientada a procurar apoio psicológico e a desenvolver alguma atividade que lhe pudesse ajudar. Assim que surgiu a oportunidade, Fabris começou as aulas de pintura no Centro Cultural Matarazzo. Devido a sua motivação para iniciar as aulas, percorrendo um caminho

de recuperação da saúde mental, Fabris será perfilada na peça prática deste Trabalho de Conclusão de Curso representando a importância da pintura no Matarazzo.

Quanto aos outros alunos, o interesse pela pintura divide-se entre aqueles que buscam uma profissão, como algumas senhoras que passaram a vender seus produtos para completar a renda, e aqueles que apenas querem desfrutar do aprendizado de uma forma de expressão artística. Quando Silva propôs a oficina de pintura no Centro Cultural Matarazzo, foi com o objetivo de levar o seu conhecimento até pessoas de baixa renda por acreditar que qualquer um que se envolva com artes tem melhoras na qualidade de vida.

Segundo Maura Penna (2008), fazer arte é uma atividade intencional, criativa e com construções – sonoras, visuais ou plásticas – significativas. Penna afirma que diferente dos pássaros, a música humana não é a mesma em momentos distintos da história da humanidade. Isso significa que as diferenças entre povos, culturas, espaço, tempo e situações vividas refletem na música e no processo criativo. A estudiosa Marisa Trench de Oliveira Fonterrada (2008) destaca a importância da música na educação e acredita em sua contribuição para a construção moral e de caráter de cada um.

O Centro Cultural Matarazzo abriga um dos polos do Projeto Guri, que oferece curso de música gratuito no Estado de São Paulo. Este projeto teve início em 1995 na cidade de São Paulo e ao longo de sua existência já atendeu mais de 600 mil jovens. Em 2014 atendeu mais de 50 mil alunos nos 410 polos distribuídos pelo Estado. (PROJETO GURI, 2014).

Bruno Fazione Bocal⁹ integrou o Projeto Guri como aluno e hoje é um dos professores. Sua trajetória na música começou em 2006, quando entrou para uma banda marcial onde conheceu o instrumento de sopro e através da vontade de aprender ingressou como aluno no Projeto Guri. Dentro do projeto existem alguns níveis de aprendizado e qualidade, e um deles é o grupo de referência, quando os alunos passam a ser remunerados. Foi quando fazia parte deste grupo que Bocal foi convidado para se tornar um educador. Hoje ele cursa faculdade de Música e se sente realizado profissionalmente quando vê o desenvolvimento de um aluno, quando “[...]chega aquela criança de nove, dez anos, que nunca teve contato com o

⁹Bruno Fazione Bocal, professor de instrumento de sopro no Projeto Guri. Entrevista sobre sua trajetória na música e sua experiência no Projeto Guri, 23 mar., 2017, às 15h30.

instrumento (...) e dois, três meses depois já está tocando, claro, melodias simples, mas já tendo ideia dessa nova descoberta que é a música”, afirma. Bocal será o quarto personagem a ser perfilado.

Além dessas quatro oficinas artísticas, o Centro Cultural Matarazzo abriga a biblioteca municipal. Em 2016 foram feitos ao todo 69.544 atendimentos, em média 5.795 por mês. Antônio Candido (apud AMORIM, 2001) conceitua literatura como a transferência do real para o ilusório através da linguagem formal. De acordo com o autor, a literatura tem função humanizadora, pois opera na formação da personalidade humana.

Paula (2012) acredita que a qualidade de um texto literário depende de muitas coisas, mas a principal delas é o que intitula de disponibilidade anímica por parte do autor, isso significa a capacidade inerente para “[...] revelar ao(s) outro(s) essa condição absolutamente única de ver e sentir o mundo, com a alma e a partir da alma” (PAULA, 2012, p. 19). Segundo a pesquisadora, a literatura tem o poder de fazer referência a quaisquer outros tipos de arte e deseja que, cada vez mais, ela atenda ao seu poder transformador e estimule a consciência humana.

A biblioteca municipal atende os moradores da cidade e região, e também conta com projetos destinados às crianças, idosos e aos alunos que precisam de reforço escolar. Nilcea das Graças de Souza Gomes¹⁰ trabalha na biblioteca há 14 anos e defende a importância da literatura ser inserida na vida das crianças antes da tecnologia e em como a leitura contribui para o desenvolvimento escolar, além disso, Gomes busca incentivar as crianças discorrendo sobre como é possível viajar sem sair do lugar através da literatura. Considerando a permanência na biblioteca durante todo o tempo em que ela integrou o Centro Cultural Matarazzo, Gomes completa os cinco personagens que serão abordados na peça prática do presente trabalho de conclusão de curso.

Tomiazzi vê a literatura com fundamental importância para o desenvolvimento infantil, despertando justamente a imaginação e a criatividade. Ele afirma que o principal objetivo das artes no ambiente escolar, é fazer a criança pensar, relacionar, contextualizar, apreciar e produzi-la. No entanto, ele alega que a arte não é um auxílio ou ferramenta, mas deve ser vista como uma disciplina de

¹⁰Nilcea das Graças de Souza Gomes, bibliotecária na Biblioteca Municipal de Presidente Prudente. Entrevista sobre sua experiência e sobre os projetos realizados pela biblioteca ofertados para a população de Presidente Prudente e região, 30 mar., 2017, às 15h.

algo que é inerente ao ser humano e está associada a todas as outras formas de conhecimento humano, como matemática, química, física, geografia e história.

A bibliotecária acredita que para os idosos, a leitura oferece um ânimo a mais no dia a dia. Ao lado de outros funcionários, ela procura sempre por novas ideias que possam estimular estes idosos a exercitarem a mente, como alguns *workshops* onde eles compartilham histórias de vida. Ainda nesse sentido, existe um projeto nessa biblioteca que pretende lançar um livro de receitas feitas por eles. Já para os alunos que precisam de reforço escolar, a biblioteca promove um dia com orientação e auxílio. É um projeto que visa esclarecer os conteúdos escolares e auxilia na pesquisa feita aos acervos local. Além de tudo isso que é oferecido dentro do espaço físico da biblioteca, os funcionários também levam a literatura para a pediatria da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente. “Uma vez por semana, toda quarta-feira, a gente leva um incentivo para a criança que está lá, visando a recuperação, para ela esquecer um pouquinho daquela fase difícil que ela está passando”, conta Gomes.

É importante considerar que as expressões artísticas não estão distantes uma das outras, e sim conectadas. Tomiazzi destaca como exemplo a possibilidade dialógica entre a música e a literatura, criando o que é chamado de conto sonoro.

Todas as oficinas do Centro Cultural Matarazzo têm o escopo de aproximar a arte da população, para tanto, contam com toda a estrutura física disponível, já apresentado neste capítulo, para que sejam desenvolvidas e seus resultados, expostos.

5 WEBJORNALISMO E REVISTA DIGITAL

5.1 Webjornalismo

Com o objetivo de permitir a comunicação entre militares norte-americanos, a internet foi criada em meados da década de 1960. Passando por adaptações ao longo dos anos, como a divisão entre Arpanet (rede científica) e Milnet (rede militar), a difusão das tecnologias para uso civil e comercial, até a criação do *World Wide Web* pelo engenheiro Tim Bernes-Lee em 1992. E, esse advento quebrou as barreiras do espaço geográfico e do tempo linear (QUEIRÓS, 2003, p.5-9).

Junto ao surgimento e popularização da internet é estabelecido um novo ambiente conhecido como “ciberespaço”, que revolucionou a relação dos usuários com a informação, além de potencializar a interatividade entre as pessoas. Lévy (1999) conceitua ciberespaço como:

O termo [ciberespaço] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 1999, p.17)

O ciberespaço não só colaborou com as inovações nos modelos de comunicação como também levou as práticas jornalísticas para uma nova fase, oferecendo ao público consumidor deste ambiente um grande número de informações em modelo digital. As novas tecnologias modificaram o modelo de um-todos para todos-todos, ou seja, permitindo que os usuários não apenas consumam a informação, mas que também as produzam.

Para essa nova modalidade de jornalismo que surgiu no final do século XX e início do século XXI atribuiu-se o nome de Webjornalismo, sendo este considerado um produto jornalístico construído exclusivamente para a web. Segundo Prado (2011, p.13) diferentes nomes como jornalismo na internet, jornalismo digital, jornalismo *on-line*, jornalismo na rede, jornalismo em tempo real e ciberjornalismo também são utilizados para definir essa prática. Em conformidade, Mielniczuk (2003) aponta que:

Na rotina de um jornalista contemporâneo, estão presentes atividades pertinentes a todas as nomenclaturas. Vejamos, pois, ao consultar o arquivo da empresa na qual trabalha, o profissional poderá assistir a uma reportagem em fita VHS (jornalismo eletrônico); usar o recurso do e-mail para comunicar-se com uma fonte ou mesmo com seu editor (jornalismo on-line), consultar a edição anual condensada - editada em CD-ROM – de um jornal (jornalismo digital); verificar dados armazenados no seu computador pessoal (ciberjornalismo); ler, em sites, noticiosos disponibilizados na web, material que outros veículos já produziram sobre o assunto (webjornalismo) (MIELNICZUK, 2003, p. 28).

O jornalismo na internet começou com a migração dos jornais impressos para a web com a informatização das redações. Os custos mais baixos e as inovações que o ambiente virtual oferecia era o principal chamariz para os grandes grupos de comunicação que buscavam atrair cada vez mais a atenção dos internautas. Este período ficou conhecido como a primeira fase do jornalismo na internet, definida por Mielniczuk (2003, p.33) como “transpositiva”. Nesta, os produtos inseridos nas páginas da web eram, em sua maioria, reproduções do que

já havia sido publicado no jornal impresso. Esse material era atualizado a cada 24 horas, seguindo o fechamento das edições do jornal. Conforme Prado (2011, p.31):

Primeiro a versão impressa foi sendo transposta para a internet, algo apenas como conversão de uma plataforma de mídia para outra. No princípio, os jornais não tinham sua versão integral transposta; veiculavam apenas o que consideravam as principais matérias e ainda não atualizavam informações ao longo do dia, que é a definição maior de webjornalismo. (PRADO, 2011, p. 31)

A segunda fase do webjornalismo conhecida como “metáfora”, tornou-se perceptível no final dos anos 90. Esta seguiu com o aperfeiçoamento e desenvolvimento da estrutura web, onde ainda apresentava conteúdo dos jornais impressos, porém buscando explorar as características que eram fornecidas pelo ambiente virtual. Neste momento surgem os *links* com chamadas para a notícia, além de se utilizar e-mails e fóruns de debate como meio de comunicação entre leitor e jornalista. (MIELNICZUK, 2003, p.33)

A terceira fase é denominada por Reges (2011, p.35) como período “hipermidiático”. Nesse momento o cenário do webjornalismo começa a apresentar mudanças significativas como a quebra da versão web dependente do impresso. As empresas começam a investir na criação de produtos específicos para o ambiente digital, apropriando e adaptando os elementos da mídia para o meio. Os produtos jornalísticos, nesse estágio, apresentam recursos em multimídia, como a utilização de áudio, imagens e vídeos que enriquecem o conteúdo. A interatividade, a personalização de conteúdo e o hipertexto também agregam as narrativas deste período. (MIELNICZUK, 2003, p.36)

A quarta fase do webjornalismo, conforme Santi (2009, p.187) emprega o uso dos bancos de dados, que junto à tecnologia da internet e as linguagens de programação, passam a criar páginas que existem por conta dos usuários e de acordo com a sua necessidade de acessá-las. Para Machado (2004, p.5), estas bases de dados auxiliaram as narrativas jornalísticas permitindo a recuperação rápida de informações e tornando possível e confiável o acesso a elas, estreitando as relações entre as organizações jornalísticas e os seus leitores. Ainda segundo o autor:

Para cumprir com a nova função toda organização jornalística deve adotar a forma de uma Base de Dados complexa, que sirva de estrutura para a organização das informações, de suporte para composição de narrativas

multimídia e, acima de tudo, permita a atualização constante da memória armazenada. (MACHADO, 2011, p.305)

Essas bases de dados, além de ampliar as possibilidades de navegação, também contribuíram para um jornalismo que houvesse correlação entre os conteúdos, chamado por Barbosa (2008, p.7) de “inter-relacionamento/hiperlinkagem”. O jornalismo desta geração trabalhou com a mobilidade, múltiplas telas, possuindo características como a flexibilidade, dinamicidade e densidade informativa.

Muito já se fala sobre a quinta geração do webjornalismo conhecida como “jornalismo para *tablets*”. Com a difusão dos aparelhos *mobile* e da internet das coisas durante a quarta fase, nesta é possível ir além ao observar que os produtos desta geração possuem singularidades e trabalham com possibilidades jornalísticas que não cabem nas demais fases (NUNES, 2016). Algumas das características dessa fase são: a independência do espaço web (rompe o paradigma do ciberespaço); a mobilidade e a amplificação do espaço off-line, na qual, não depende mais da conectividade com a internet. Conforme Nunes (2016):

O jornalismo de quinta geração que emerge a partir dos dispositivos móveis e de mudanças culturais de leitura delinea-se com fortes bases no jornal impresso, com hibridismo entre as características da web e dos meios móveis. Evidencia-se uma tendência dos jornais móveis a posicionarem seus produtos digitais como forma complementar de distribuição de um veículo material (off-line) (NUNES, 2016, p.36).

O webjornalismo desempenha o papel de fonte e veículo de comunicação ao mesmo tempo. Esse tipo de jornalismo, através da técnica de pirâmide invertida, busca mostrar a informação mais importante em primeiro lugar além de auxiliar na distribuição do conteúdo informativo no ambiente virtual através do *Webwriting*.

O *webwriting* não pode ser resumido apenas a escrita de um texto, como mostra sua tradução literal do inglês. Ele atua como um conjunto que envolve recursos como texto, áudio, vídeo, fotografia, infográfico de forma que auxilie o leitor encontrar uma informação.

A web apesar de possuir um espaço ilimitado ainda busca atrair a atenção do leitor que é limitada. Pensando nesse leitor moderno que, segundo Santaella (2004), é profundo e diferente dos leitores tradicionais, os portais optaram por resgatar do impresso a tradicional pirâmide invertida para construir as suas

notícias. Um dos motivos para a utilização desta pirâmide, segundo Nunes (2014, p.27) é porque ela ainda é “[...] considerada uma forma eficiente de transmitir as informações”.

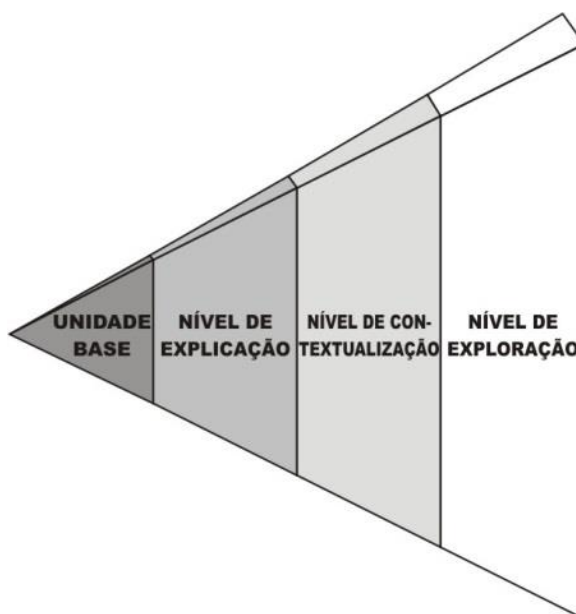
Apesar de seu uso, autores como Canavilhas (2005, p.7) discordam da usabilidade da pirâmide invertida ao afirmar que este modelo restringe “[...] o webjornalismo de uma de suas potencialidades mais interessantes: a adoção de uma arquitetura noticiosa aberta e de livre navegação”. Mielniczuk (2003, p.7) complementa dizendo que as características do webjornalismo interferem na utilização do recurso, visto que no ambiente virtual “[...] não faz qualquer sentido utilizar uma pirâmide, mas sim um conjunto de pequenos textos hiperligados entre si”. Manta (2002 apud Pinho, 2003, p.205-206) pensando na usabilidade, afirma que “o ideal é fragmentar as reportagens maiores em textos mais condensados, divididos em vários documentos ligados entre si por links”.

Canavilhas ao considerar que, no webjornalismo a quantidade de informação disponibilizada “é a variável de referência com a notícia a desenvolver-se de um nível com menos informação para sucessivos níveis de informação mais aprofundados e variados sobre o tema em análise”, propõe o que é conhecida como pirâmide deitada (CANAVILHAS, 2006, p.13).

O trabalho de redacção implica jogar com duas variáveis: “dimensão” (quantidade de dados) e “estrutura” (arquitetura da notícia). A correcta manipulação das variáveis obriga os jornalistas a optarem pelas técnicas de redacção que mais se adequam às características do meio, dando mais importância a uma ou a outra variável. Compreende-se, pois, que as prioridades do jornalista da imprensa em papel sejam diferentes das prioridades do webjornalista: enquanto o primeiro dá primazia à dimensão do texto, recorrendo a rotinas estilísticas que permitem “encaixá-lo” no espaço definido, o segundo deve centrar sua atenção na estrutura da notícia, uma vez que o espaço é tendencialmente ilimitado. (CANAVILHAS, 2006, p.10)

No ambiente virtual é fundamental existir um texto que traga o resumo das informações e ao mesmo tempo responda as perguntas clássicas do *lead*, enquanto os blocos fragmentados ficam como responsáveis pelo aprofundamento da história através do interesse do leitor. Na pirâmide deitada (FIGURA 1) é possível observar a arquitetura noticiosa proposta por Canavilhas (2005).

FIGURA 2 – ESTRUTURA DA PIRÂMIDE DEITADA



FONTE: CANAVILHAS (2006, p.15)

Nesta pirâmide, a Unidade Base é constituída pelo lead com as perguntas *O quê? Quem? Onde? Quando?* O Nível de Explicação é composto pelo *Por quê?* e *Como?* O Nível de Contextualização contém mais informações sobre as perguntas acima. E, por fim, no Nível de Exploração, liga-se a notícia ao arquivo da publicação ou aos documentos externos (MORAES; FARIA; 2011, p.8).

Ao estudar webjornalismo é possível ver que a hipertextualidade, a interatividade, a multimidialidade, a personalização, a memória e a instantaneidade são características muito presentes especificamente para este meio. A hipertextualidade, segundo Canavilhas (2014, p.4) pode ser definida como uma escrita não sequencial em que o leitor escolhe como deseja efetuar a leitura. A utilização do hipertexto possibilita que vários textos se interliguem, permitindo que o usuário veja outros textos e sites relacionados com o assunto que está lendo.

Mielniczuk (2001) diz que a interatividade no webjornalismo busca fazer com que o leitor se sinta parte do processo do conteúdo. Essa interação pode ocorrer através da troca de e-mails, chats, fóruns, enquetes, entre outros recursos. Rodríguez (2005 apud Savi 2007, p.43) classifica a interatividade de acordo com a participação do usuário, seja na interatividade de leitura ou navegação, onde o usuário escolhe o que quer ver; seja na interatividade criativa condicionada, que é onde o usuário pode acrescentar conteúdos ou modificar os que já existem, dentre

outras. Quadros (2005) diz que a interatividade sempre esteve presente nas fases do webjornalismo e foi evoluindo junto do mesmo. Segundo a autora, a primeira fase é como uma ‘promessa’, visto que o usuário interage através do e-mail, mas não tem uma garantia de resposta. Na segunda fase, essa possibilidade de interação é estendida com a utilização do hipertexto. Na terceira fase, o usuário tem a oportunidade de interagir casualmente com jornalistas e pessoas famosas. Na quarta fase é possível que os usuários comentem sobre os assuntos em pauta, mesmo que não haja uma comunicação direta com o mediador. Na quinta fase, o usuário começa a produzir matérias com o apoio do moderador disponibilizando também conteúdos audiovisuais. Na sexta fase, segundo Quadros (2005), há uma inversão de papéis entre emissor e receptor. Atualmente, entende-se como a característica mais importante da interatividade, a possibilidade de compartilhamento da notícia através das redes sociais. (DANCOSKY, 2015, p.26)

A multimídia, também conhecida como convergência das mídias, possibilita a utilização de diferentes meios como áudio, texto, foto, vídeo e infográficos para a transmissão de informações. Convergência, segundo Damásio (2003, p.137) é “a uniformização do ‘material’ ou dos ‘objetos’ de troca comunicacional dos sujeitos sobre um único processo de codificação, o numérico”. A multimídia não é um recurso exclusivo do webjornalismo, mas com as novas tecnologias tornou-se uma potencialização deste meio. Para Palácios (2002):

A Multimídia do Jornalismo na Web é certamente uma continuidade, se considerarmos que na TV já ocorre uma conjugação de formatos midiáticos (imagem, som e texto). No entanto, é igualmente evidente que a Web, pela facilidade de conjugação dos diferentes formatos, potencializa essa característica. (PALÁCIOS, 2002)

O consumidor deste novo tipo de informação é ao mesmo tempo leitor, ouvinte e telespectador e isso requer muita cautela por parte do jornalista, de modo que essas plataformas não sejam repetições umas das outras, mas que ofereça ao usuário o mesmo conteúdo de forma criativa e atraente. Segundo Ataíde (2010):

Essa reunião de diversos formatos no meio web, organizados em blocos interconectados, é a multimídia. Cada inserção – visual, sonora ou textual - não deve se prestar meramente a acrescentar uma informação à narrativa, mas propiciar, pelo mecanismo de atração, diferentes leituras, novas experiências no ambiente multimídia. (ATAÍDE, 2010, p.5)

Salaverría (2014, p.26) explica que, de acordo com seus estudos, existem três significados principais que podem ser utilizados no conceito sobre

multimídia: 1) como multiplataforma; 2) como polivalência; 3) como combinação de linguagens. A multimídia como multiplataforma, também conhecida como *cross-media* refere-se aos casos em que diferentes meios da mesma empresa articulam suas estratégias editoriais a fim de conseguir um melhor resultado em conjunto.

A multimídia como polivalência está relacionada ao novo perfil do profissional que surgiu com a convergência das mídias, o “jornalista multimídia”, caracterizado por desempenhar funções que eram anteriormente executadas por outros profissionais. A evolução das empresas jornalísticas, ainda segundo o autor, também contribuiu com essa polivalência, constituída por três tipos: mediática, temática e funcional. A polivalência mediática é aquela em que o mesmo jornalista trabalha ao mesmo tempo em diferentes meios. A polivalência temática ocorre quando este profissional não possui uma especialização informativa, trabalhando com diferentes matérias de diferentes temas. A polivalência funcional corresponde ao jornalista que trabalha em diferentes funções na mesma redação.

A multimídia como combinação de linguagens se refere à combinação destas com formatos como texto, som, imagem e vídeo. Essa definição está presente no dicionário Real Academia Espanhola (RAE) que designa como multimídia aquilo “que utiliza conjunta e simultaneamente diversos meios, como imagens, sons e texto, na transmissão de uma informação”. Para o Salaverría (2014), apesar das definições de autores como Abadal e Guallar (2010, p.42) que definem multimidialidade como “a utilização conjunta de formas básicas de informação, isto é, texto, som e imagem fixa e animada, no mesmo ambiente e de forma justaposta ou integrada”, ele propõe que entendam este conceito como “a combinação de pelo menos dois tipos de linguagem em apenas uma mensagem”. (SALAVERRÍA, 2014, p.26-30)

A personalização é definida por autores como Palácios (2004) como a opção oferecida ao usuário para configurar os produtos jornalísticos a partir de seus interesses. Essa característica está muito atrelada à interatividade entre usuário e sites. Quando o usuário acessa um *link*, por exemplo, o conteúdo torna-se personalizado baseando-se nas opções escolhidas pelo utilizador naquele momento. A internet possibilita que muitos sites ofereçam esse conteúdo exclusivo e direcionado a partir das informações recebidas sobre os internautas. Mais além, alguns portais oferecem seções cadastrais, onde é possível gerar um perfil de quem está acessando o local e quais as suas preferências, utilizando esses dados

posteriormente para fornecer o melhor conteúdo para aquele usuário. Para Mielniczuk (2003):

Também pode ser considerada como personalização, a possibilidade de cada leitor estabelecer um percurso individualizado de leitura a partir da navegação pelo hipertexto. Assim, cada indivíduo construiria um produto individualizado, fruto de sua leitura (suas escolhas individuais) pelos caminhos oferecidos na narrativa hipertextual. Isto significa que dois leitores, ao navegar pelo mesmo hipertexto, ao final, terão lido textos distintos. (MIELNICZUK, 2003, p.45)

Conforme Toldo e Gonçalves (2008):

A personalização, customização do conteúdo ou a individualização consiste na configuração do produto jornalístico de acordo com os interesses do usuário. As possibilidades de configuração podem ser apresentadas nas opções de pré-seleção de assuntos de interesse carregados automaticamente ao entrar no site; disponibilização do serviço de newsletter a partir do cadastro do usuário, que pode escolher assuntos sobre os quais deseja receber notícias por e-mail; seleção do site como tela de abertura do navegador; e configuração de exibição do conteúdo do site com escolha de cores, tamanho de fonte e disposição das informações. (TOLDO; GONÇALVES, 2008, p.2-3).

Sobre memória, Palácios (2004) afirma que na internet o acúmulo de informações é uma técnica mais viável economicamente do que em outras mídias. No webjornalismo, o volume de informações disponíveis aos usuários é muito maior, facilitando o acesso a conteúdos mais antigos. De acordo com Toldo e Gonçalves (2008, p.3), “esta característica dá suporte à hipertextualidade e a multimídia utilizada, por exemplo, na complementação de informações, comparativos e como referências anteriores”.

Palácios (2014) acredita que a informação divulgada e armazenada na rede incrementa a participação do usuário como produtor de conteúdo. Segundo ele:

A possibilidade de dispor de espaço ilimitado para a apresentação de material noticioso é a maior ruptura resultante do advento da Web como suporte mediático para o jornalismo, tendo como efeito, juntamente com a facilidade de produção de conteúdos através de tecnologias digitais amigáveis, a multiplicação dos espaços para a memória em rede, fazendo de cada usuário um produtor potencial de memória, de testemunhos. (PALÁCIOS, 2014, p.96)

Com a função das bases de dados e a disponibilização das informações na rede, a memória deixa de ser um complemento para tornar-se uma fonte noticiosa direta. Diariamente mais e mais arquivos são digitalizados e compartilhados na internet, permitindo que o usuário possa utilizá-los para se contextualizar e situar no que lhe é apresentado através das mídias.

A instantaneidade é algo que sempre esteve presente no jornalismo, afinal, a notícia é algo novo e todos querem ser o primeiro a contar. No ambiente online, esse recurso oferece o imediatismo da informação bem como a constante atualização. Castilho (2005) afirma que:

Antes da web, a notícia era vista como um produto acabado no momento em que era impressa ou transmitida por meios audiovisuais. Ela podia render desdobramentos (suítes) que na verdade eram considerados novas notícias. Além disso, ao ser publicada ou transmitida, a notícia off-line tinha um período de vida muito curto e ia rapidamente para o arquivo, onde perdia quase todo o seu valor jornalístico (CASTILHO, 2005, p. 239).

As mudanças tecnológicas colocaram a velocidade como algo que está disponível tanto para os produtores como para os consumidores da informação. Deste modo a instantaneidade não está apenas na publicação, mas no consumo e na distribuição de notícias. Para Franciscato (2005):

As redes telemáticas das últimas décadas do século XX inauguraram um novo horizonte para a instantaneidade nas comunicações, pois, além de uma comunicação instantânea, romperam com a linearidade de sequências ou percursos na leitura e permitiram, com isso, criar uma interação continuada e sincronizada (a simultaneidade) entre uma multiplicidade de atores separados (FRANCISCATO, 2005, p. 232).

A instantaneidade também contribuiu para o surgimento de uma categoria de informação na internet conhecida como *breaking news* ou notícias de última hora.

O webjornalismo se destacou internacionalmente com o uso de infográficos e ferramentas interativas. Mas, segundo Longhi (2015), é com a grande reportagem multimídia que se percebe o amadurecimento da linguagem webjornalística. A consolidação deste tipo de reportagem nos meios digitais ocorreu com o desenvolvimento do HTML5 e do CSS3 bem como pela utilização de ferramentas que permitiam produzir e apresentar conteúdos no *World Wide Web*. Em meados dos anos 2000 já havia conhecimento sobre os especiais multimídias que aproveitavam as potencialidades do ambiente hipermediático e de softwares como o *Flash*. Mas foi a partir do final da década de 2000 com o aparecimento do HTML5 que os produtos jornalísticos midiáticos se renovaram, consolidando um gênero específico do webjornalismo conhecido como grande reportagem multimídia (LONGHI, 2014, p.3).

O precursor deste tipo de reportagem conhecida como *Snow Fall*, foi a reportagem multimídia *Snow Fall – The avalanche at Tunnel Creck* produzida pelo repórter John Branch do jornal *The New York Times* no ano de 2012. O texto conta a história de uma avalanche que vitimou três esquiadores nos Estados Unidos foi um projeto multimídia que teve um profundo impacto no cenário jornalístico. O *The New York Times*, a partir do *Snow Fall*, “pode construir um novo modo de negócio a partir deste tipo de projeto e mudar a definição de jornalismo no novo século” (MALIK, 2013 apud LONGHI, 2014, p.900).

Este tipo de conteúdo se destacou no cenário do webjornalismo brasileiro a partir de 2013 com a grande reportagem multimídia lançada pela Folha de S. Paulo “A Batalha de Belo Monte” de diferentes formas, online, impressa e para televisão. Seguindo esse modelo, em 2014 o portal *UOL* lançou o *UOL TAB* com a reportagem “Economia Compartilhada”, sendo a primeira de uma série publicada sempre às segundas-feiras. Com textos longos, áudio, imagens e ilustrações, o *UOL TAB* também se destacou por suas estratégias de interatividade com o leitor, com testes variados e enquetes online.

A partir da pesquisa de Alexandre Lenzi (2015) a tendência mais evidente do *UOL TAB* é a passagem da justaposição, onde mídias diferentes possam se unir sem a necessidade de estarem integradas, mas se complementando, assim formando uma nova unidade multimídia. O autor aponta a partir desse ponto de estilo o que pode aumentar a atenção do leitor:

No novo cenário, não faz sentido oferecer vídeos e/ou áudios que apenas repetem o que é apresentado no texto, por exemplo. O público precisa encontrar algo realmente novo em cada peça que consome e, melhor ainda, se a cada passo dado a audiência for instigada a consumir a peça seguinte, até fechar o quebra-cabeça multimídia (LENZI, 2015, p.164).

De acordo com Longhi (2015, p.112), todas estas formas de conteúdo têm em comum o texto, que se destaca por ser mais longo e tem sido definido como jornalismo *longform*. O termo *longform* na língua inglesa refere-se ao tratamento mais aprofundado e longo de um tema, mas no âmbito do webjornalismo, sua definição adaptou-se, podendo ser apontado como um nível mais aprofundado do relato ou como uma narrativa mais atraente com elementos multimídias que realcem o texto.

Ao longo desses quase 15 anos de desenvolvimento de produtos noticiosos hipermediáticos, os formatos também evoluíram, a ponto de se verificar, no

cenário atual, um ponto de virada: momento de maturidade em que se estabelecem modos de fazer no que se configura como grande reportagem multimídia, onde características como design, narrativa e navegação se destacam, conferindo qualidade crescente a tais produtos. (LONGHI, 2014, p. 900)

O termo também é constantemente relacionado ao Jornalismo de Revista justamente por ser aprofundado e possuir características autorais. John Korpics, vice-presidente criativo da *ESPN Digital and Print Media*, faz referência à leitura de revistas ao dizer que “da mesma forma que você lê um artigo de revista, você pode navegar a superfície de camadas visuais como gráficos, legendas e citações, ou pode mergulhar mais fundo. A chave é que o usuário pode escolher como interagir com a história” (NGUYEN, 2012 apud LONGHI, 2014, p.912).

Esta nova forma de narrativa textual é mais consistente e possui um padrão de leitura na vertical marcado pela barra da rolagem. É considerado um grande marco na grande reportagem multimídia contemporânea devido ao interesse que vem causando nos leitores e por trazer de volta o texto mais longo e aprofundado. Para Longhi (2015, p.2-3), a consolidação desse tipo de narrativa está muito ligada à disseminação dos dispositivos móveis, devido as suas portabilidades e facilidades de acesso à leitura.

O long-form tem como sua principal característica a estrutura longa, que permite a reprodução de extensos conteúdos em texto e utilização de outras mídias ao longo da reportagem. Apesar do produto ser voltado para um formato online, o long-form pode ser construído a partir de diferentes linguagens (SOUZA et al, 2016, p.6).

Essa narrativa consiste em uma leitura mais complexa e que exige maior atenção por parte do leitor. Por esse motivo, nos primeiros quinze anos do surgimento da internet, esse tipo de texto não era atrativo as pessoas devido aos desktops serem considerados “máquinas de distração”, diferente dos *smartphones* e *tablets*, considerados dispositivos de uma única atividade.

O jornalismo *longform* vem crescendo em um mercado com renovações constantes. Autores como Armstrong (2012) compreendem que na internet o conteúdo é distribuído mais rapidamente do que propriamente lido, e que para atender um potencial leitor, é preciso se adequar ao seu tempo permitindo que ele continue lendo a informação posteriormente. Para ele:

A lógica é simples: dê aos usuários a oportunidade de salvar algo, e eles terão acesso a isso por um longo período, aumentando as probabilidades

de que ao longo do tempo irão eventualmente consumir. Isso irá ocorrer no momento e local de sua escolha (ARMSTRONG, 2012 apud LONGHI; WINQUES, 2015, p.115).

O texto *longform* vê no webjornalismo e na grande reportagem multimídia uma oportunidade para consolidar as suas características de narrativas longas. Em um ambiente tomado pelas mídias digitais móveis, a qualidade do jornalismo é determinante para atingir o leitor. Longhi (2015) destaca que a grande reportagem multimídia vem como um dos formatos digitais mais criativos do webjornalismo. Deste modo, o webjornalismo caminha para a realização de produtos com linguagem própria, novos gêneros expressivos, com cada vez mais utilizações dos recursos hipermediáticos do meio.

Em relação a este trabalho, o uso destas características se aplicou na seguinte situação: a hipertextualidade se deu pela relação entre os perfis e a utilização dos links que facilitou o acesso do leitor entre as matérias; a interatividade se deu pelos comentários dos leitores e a utilização das mídias sociais para compartilhamento da matéria; a multimídia esteve presente com a utilização de diferentes meios – texto, áudio, vídeo, imagem e infográfico em um mesmo ambiente, sendo que estes atuam como complemento e não como ilustração; a memória esteve presente, pois o usuário pode ter acesso a todas as matérias já disponibilizadas na plataforma através do menu; a instantaneidade se aplicou na relação autor-leitor, onde as matérias foram publicadas e o leitor já teve acesso, além dos feedbacks enviados por estes que foram analisados pelos autores; por fim, a personalização, visto que esta grande reportagem é direcionada aos amantes de cultura.

5.2 Revista Digital

A primeira revista impressa nasceu em 1663, na Alemanha, foi intitulada *Erbauliche Monaths-Unterredunger* (Edificações Discussões Mensais), conforme afirma Scalzo (2002). Esse tipo de publicação passou por muitas transformações até chegar ao formato encontrado nos dias de hoje, inclusive a transição de alguns periódicos impressos para o ambiente digital. A revista digital é um dos gêneros que nasceu com o desenvolvimento do webjornalismo e considerando que tudo na web, devido aos incessantes desenvolvimentos

tecnológicos, estão em constantes mudanças, é importante discutir como ela se apresenta atualmente.

A revista digital agrega todas as características da revista impressa junto às possibilidades oferecidas pelo webjornalismo, que são, de acordo com Palacios (2003), hipertextualidade, multimídia, interatividade, personalização e memória. Dos aspectos de sua versão impressa, a revista é periódica, tem sua identidade própria, é portátil, é especializada e segmentada, seu texto é elaborado e direcionado, estabelece relação com o leitor, e informa, instrui e diverte.

A periodicidade da revista varia, segundo Ali (2009), podendo ser semanal, quinzenal, mensal ou em qualquer outro intervalo regular. A plataforma Prisma, que será utilizada pelos pesquisadores no momento do desenvolvimento da peça prática, possui periodicidade mensal (ALVES et al., 2014, p. 129), porém, será feita em formato de edição especial, com apenas uma publicação. De acordo com Scalzo (2003) tendo um tempo de produção maior a revista trata os assuntos com mais aprofundamento, construindo um texto com análise, reflexão, concentração e experiência.

As revistas podem ser de interesse geral ou especializadas, e suas segmentações mais comuns são por tema, idade (infantil, adulta e adolescente), gênero (masculino e feminino) e geografia (cidade ou região). Esses atributos resultam na adaptação da linguagem. Sobre isso, Scalzo (2003) afirma que uma revista deve ser compreendida por um leitor comum, ao mesmo tempo, em que é precisa e satisfatória para um especialista no assunto.

A autora ainda afirma que o gênero em questão possui uma relação íntima com o seu leitor, pois ela entra em seu espaço pessoal. "É isto: a revista tem foco no leitor – conhece seu rosto, fala com ele diretamente. Trata-o por “você”." (SCALZO, 2003, p.15) A revista, segundo Ali (2009), também informa, instrui e diverte ao promover conhecimento aos seus leitores em assuntos de seu interesse, ao reforçar valores e ao oferecer compreensão dos fatos que interferem na vida do público.

A identidade própria e a portabilidade da revista são as características que mais se reconfiguram no ambiente digital. Aquelas criadas a partir da web, de acordo com Natansohn et al. (2013), apresentam inovações em termos de design e fideliza o seu público, dentre outras coisas, pelo prazer estético. Uma vez que ela pode ser visualizada tanto online quando off-line, basta ter um aparelho eletrônico

para que consiga ter acesso ao conteúdo da revista digital. A leitura off-line pode ser realizada por aplicativos para smartphones, caso a revista possua a aplicação, ou realizando download, se esse tipo de serviço for oferecido.

De acordo com Lancaster (apud FREIRE, 2013), a revista digital faz parte da quarta fase do processo de criação das publicações eletrônicas, ela é um produto que explora as possibilidades oferecidas pela mídia eletrônica e que não está atrelada a uma versão impressa. A primeira fase é caracterizada pelo uso de computadores na produção das impressas em papel; a segunda é a distribuição do texto em formato eletrônico com versão idêntica à impressa; e a terceira é a distribuição eletrônica de publicações com valor agregado à versão no papel.

A revista digital não precisa ter o mesmo formato de uma publicação impressa no sentido de páginas e folheio, desde que conte com as características já citadas, ela pode ter, como afirma Freire (2013), o aspecto de um site ou até mesmo um formato híbrido, ou seja, composto por elementos tanto de revista impressa, quanto os de formato online. Também pode ser híbrida a disponibilidade do conteúdo, por exemplo, o arquivo digital mais um site agregado, desde que a revista seja independente em seu conteúdo.

Dentre as características oferecidas pela plataforma, Freire (2013) lista hipertextualidade, interatividade e multimídia como os elementos que melhor se adequam ao gênero pelas possibilidades de estilo e formato que oferecem. Devido a isso ele afirma que essas adequações tornam a webreportagem o gênero que mais se enriquece no ambiente digital. É neste contexto que está a revista Prisma, plataforma para a realização jornalística deste projeto.

5.3 Prisma

A Revista *Prisma* é uma plataforma implantada na *web* que trabalha com conteúdo multimidiático. Ela surgiu através da ideia de um grupo de TCC de 2013, composto pelos alunos Letícia Quirino da Silva, Vinícius Pacheco Bozza e Violeta Ayumi Teixeira Araki da Unoeste (Universidade do Oeste Paulista) em trabalhar com uma plataforma de revista digital e como não havia uma neste formato dentro da universidade, os pesquisadores interessados no tema, começaram a pesquisar alguns modelos já existentes e a partir destas análises. Foi dado o ponto inicial para começar a se pensar na existência da revista. Mas este

não foi o único motivo de projetar o produto na *web*, outro ponto foi “a necessidade em trabalhar um pouco mais as características interpretativas dentro do online”, contou um dos coordenadores da *Prisma*, Roberto Aparecido Mancuzo Junior¹¹ (2017) e também orientador do projeto. Ele explica que quando o planejamento estava sendo feito, ele e seus orientandos sustentaram a ideia de que queriam fazer um veículo especializado no jornalismo interpretativo e a revista teria o formato e características editoriais propícios a isto e então a colocaram no ar, dando origem ao então Trabalho de Conclusão de Curso: “Revista Prisma: uma proposta de jornalismo interpretativo e multimidiático na web”.

A criação da revista partiu do intuito de unir o estilo livre, criativo e analítico do jornalismo das revistas tradicionais impressas, com a série de ferramentas interativas, visuais, conectivas e multimidiáticas que a rede de internet oferece. O nome da revista foi denominado a partir do princípio de que a plataforma online oferece diversas possibilidades para execução do jornalismo interpretativo e uma opção para um vasto conteúdo ser empregado na rede (QUIRINO, PACHECO, ARAKI, 2013), assim como um prisma que expande várias luzes.

A revista trabalha com material destinado ao público da Facopp, mais precisamente com os de idade de 17 a 30 anos, mas que por ser implantado na *web*, atinge outras camadas de público. Este grupo-alvo foi escolhido por se integrarem à geração das inovações tecnológicas e que vivem imersos ao sistema virtual. “Isto se dá justamente pela época em que nasceram muitos delas, que acompanharão e acompanham a evolução da internet e suas ferramentas”, definiu Araki.

A plataforma trabalha com o conteúdo de caráter interpretativo, todo material empregado nela, pode ser de característica de reportagem narrativa, descritiva e narrativa, ou até mesmo as três em uma única produção. Na reportagem narrativa, se evidencia o tempo e o espaço, quando usada pode recriar uma realidade; no texto narrativo é possível que o leitor reflita suas ideias a partir da proposta do autor do texto e com o material descritivo o internauta pode obter mais detalhes sobre o assunto abordado (ARAKI, BOZZI; SILVA, 2013).

¹¹ Roberto Mancuzo Junior, administrador da Revista Prisma e professor doutor na Facopp da Unoeste. Entrevista sobre a história da revista e possíveis melhorias na página, 24 maio de 2017, às 18h30.

Além da interpretatividade, a plataforma é caracterizada pelo conteúdo multimidiático que consiste em trabalhar com as ferramentas de fotografias, vídeos, áudios, texto, infográficos, animações e até *games* juntos em uma mesma reportagem, sendo que não há obrigatoriamente a necessidade de explorar todas em uma única publicação. O intuito é proporcionar uma melhor interação entre redação e leitor. Desta forma, é possível “atrair quem deseja se aprofundar em novos assuntos e ampliar o conhecimento, diferente do que predomina nos tradicionais veículos online” (SILVA; BOZZI; ARAKI, 2013, p. 107).

Com a multimidialidade é possível contextualizar o assunto de forma mais completa e menos exaustiva, mas se atentando para trabalhar com o formato multimidiático que melhor se entrelace com o assunto abordado. A “apuração é um fator determinante para a construção das matérias. Priorizando o conteúdo e não o imediatismo de veiculação [...]” (ARAKI, BOZZI; SILVA, 2013, p. 107).

Os pesquisadores Mariana Sousa Alves, Natalia Maiolini Zangilorami, Pamela Lorraingui Bulhões Dias, Thais Ferreira dos Santos e Thamires Ferreira dos Santos, tornaram a proposta real em 2014, quando produziram a “Implantação da revista digital Prisma como espaço acadêmico de aprendizagem da Facopp”, que inicialmente seria um laboratório, mas hoje é um meio utilizado para a prática do jornalismo online dentro das salas de aula tanto na graduação quanto na pós-graduação.

A professora mestre Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo¹², que é membro da equipe administradora da *Prisma*, trabalha com a plataforma na disciplina Jornalismo Online II no sexto termo do curso de Jornalismo, que tem como ementa a metodologia de ensino focada no assunto de reportagem multimídia. “No primeiro bimestre é trabalhado tudo sobre o tipo de reportagem e no segundo, sobre seus elementos, que são a fotografia, o áudio, texto, infográfico e sucessivamente”, colocou a mestre. Antes o formato era trabalhado dentro do Portal Facopp, mas isto gerava limitação de público, no qual as matérias deveriam ser somente de interesse dos estudantes da comunicação. A partir da *Prisma* houve a possibilidade de expandir os assuntos, dando aos alunos a oportunidade de trabalhar com temas que eles poderiam ter um envolvimento máximo e colocar a

¹² Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo, administradora da Revista Prisma e professora coordenadora na Facopp da Unoeste. Entrevista sobre como o conteúdo multimidiático aplicado à Prisma, é trabalhado dentro da sala de aula e possíveis alterações no sistema da revista, 24 de maio de 2017, às 19h10.

ideia por meio dos elementos multimídias. “A 6ª edição da revista, é trabalhada na pós-graduação com o mesmo propósito da matéria desenvolvida no sexto termo”, disse a educadora Carolina Mancuzo.

Em 2016 foi produzido um terceiro TCC, que usou a plataforma da revista para implantar uma edição especial. Esta editoração abordou o tema “A questão agrária na revista *Prisma*: perfis jornalísticos de famílias assentadas no município de Presidente Bernardes” foi desenvolvido por Gabriel Freire Torres, Janaina de Oliveira Santos, Mariane Ferreira Silva e Tamires Martins Galvão. Nela o grupo trabalhou com o gênero perfil, produziram nove matérias dentro da editoração. A primeira tratou do porque da escolha pelo gênero, a segunda foi um parecer geral do perfil de cada família, a terceira um mapeamento das cidades que fazem parte do Pontal do Paranapanema e da quarta em diante, um perfil para cada entrevistado selecionado.

A equipe da *Prisma* é composta pela professora mestre Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo, pelo professor doutor Roberto Mancuzo Junior e a especialista em jornalismo Gabriela Araujo Correia. Já passaram pela redação, 165 alunos na função de repórter. Em 11 edições foram produzidas 61 matérias.

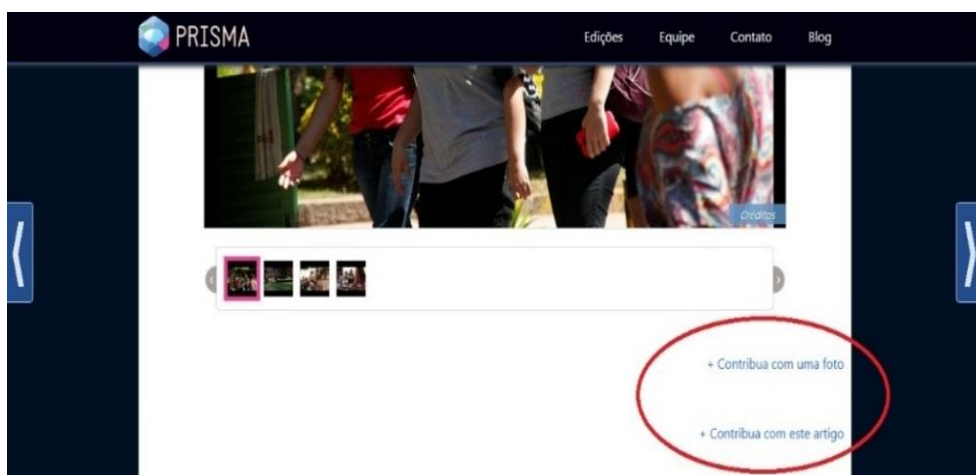
Durante estes quatro anos de existência da revista, o zelo pela qualidade do material publicado é uma marca da plataforma. Assim como suas exigências de multimídia permanecem e seu projeto gráfico teve somente duas alterações: sendo a mudança de apresentação do conteúdo para o modo vertical e os ícones do menu inicial alterados.

A revista digital *Prisma* exige interatividade e multimídia, já que, no intuito de instigar o leitor para o aprofundamento da informação, é permitido que o público altere até mesmo o rumo das reportagens em tempo real “[...] podendo não apenas comentar, mas também enviar imagens, discutir e aprofundar suas opiniões acerca dos temas abordados na edição” (ARAKI, BOZZI; SILVA, 2013, p. 107), assim como envio de *links*. Neste caminho ainda estão presentes as redes sociais Twitter, Facebook e Google + e também com a opção de contato entre redação e leitor por meio de e-mail.

O leitor das matérias publicadas na página tem a opção de comentar e ainda o atalho “contribuir”. Sendo que o comentário é ligado à rede social do Facebook, então, qualquer pessoa que possua conta na rede, pode comentar a edição desejada. A opção de contribuir permite que o internauta envie fotos e novas

informações para complementação daquela edição. Mas, para que o envio seja realizado, antes, é necessário preencher um tipo de relatório. Após o preenchimento, o repórter daquela matéria verifica as informações passadas e se os dados forem confirmados, as alterações são feitas na publicação e o nome do contribuinte é fixado abaixo perto da caixa dos comentários da reportagem (ALVES et al, 2014).

FIGURA 3 - Modelo de onde o leitor clica para contribuir com a edição:



Fonte: Site da Revista Prisma (<http://www.unoeste.br/facopp/prisma/>). Acesso em: 22 mai. 2017.

FIGURA 4 - MODELO DO QUESTIONÁRIO A SER PREENCHIDO PARA CONTRIBUIR:

 A screenshot of the PRISMA website showing a modal form titled 'Contribua com a matéria'. The form is overlaid on the website content. At the top of the modal, it says 'Contribua com a matéria' and 'Matéria: Vida universitária: a escolha dos jovens'. Below this, there are four input fields: 'Nome: *', 'E-mail: *', 'Telefone: *', and 'Texto: *'. The 'E-mail' and 'Telefone' fields are side-by-side. At the bottom of the form, there is a rich text editor toolbar with icons for bold, italic, underline, list, link, and help.

Fonte: Site da Revista Prisma (<http://www.unoeste.br/facopp/prisma/>). Acesso em: 22 mai. 2017.

FIGURA 5 - CONTINUAÇÃO DO MODELO DE QUESTIONÁRIO:



Fonte: Site da Revista Prisma (<http://www.unoeste.br/facopp/prisma/>). Acesso em: 22 mai. 2017.

A página inicial da Revista foi modificada pelos autores responsáveis pela implantação do projeto, no qual seguia com os ícones de: “*Quem somos; Contato; Política de privacidade e Blog da Redação*” (ARAKI, BOZZI; SILVA, 2013, p. 110), e seguindo para a modificação o menu foi alterado para “*Edições, Equipe, Contato e Blog*”(ALVES, 2014). Até o presente momento, o menu de serviços continua o mesmo desde 2014.

Os ícones listados são fixos em todas as páginas abertas. A página de edições anteriores é formada por mosaicos e “permite que o internauta tenha alguma noção do que vai encontrar dentro da edição”, segundo Alves et al.(2014, p.135).

FIGURA 6 - DEMONSTRAÇÃO DE MOSAICO FORMADO POR EDIÇÕES ANTERIORES:

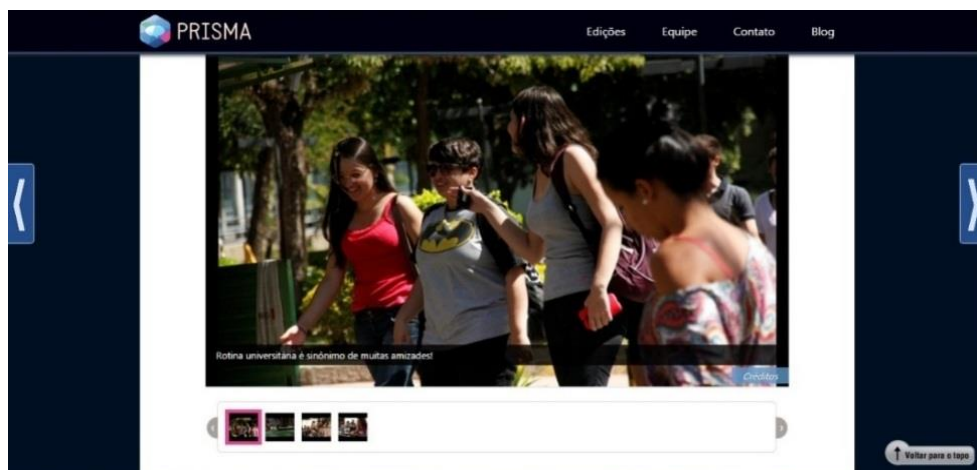


Fonte: Site da Revista Prisma (<http://www.unoeste.br/facopp/prisma/>). Acesso em: 22 mai. 2017.

Os autores Alves et al. (2014) readequaram a performance de exibição do conteúdo para o modo vertical. Isto permitiu que o conteúdo seja visto integralmente e não de forma parcial (ALVES, 2014). Assim como os verbetes de sinalização que são, uma câmera que indica a galeria de imagens, um *player* para os vídeos e uma câmera de transmissão para o *podcast*.

A galeria será apresentada por uma foto maior, seguida de uma legenda, dentro de uma caixa da cor cinza claro, abaixo estarão outras fotos escolhidas para compor a mídia em tamanho menor, mas que ao serem clicadas, terão suas dimensões aumentadas. As fotografias são acompanhadas de legendas e créditos de quem as produziu, havendo um limite de toques para as descrições das imagens. Neste espaço, não há delimitação de quantidade de imagens que podem ser expostas, desde que esteja dentro da temática da reportagem (ALVES et al, 2014).

FIGURA 7 - MODELO DA GALERIA:



Fonte: Site da Revista Prisma (<http://www.unoeste.br/facopp/prisma/>). Acesso em: 22 mai. 2017.

Enquanto a galeria e o texto não exigem programa padrão para acoplar seus conteúdos, o áudio e o vídeo seguem a padronizações de plataformas específicas para reprodução do material e os infográficos a dois formatos específicos.

“No áudio aparece uma chamada explicativa dizendo o que é este áudio (entrevista, depoimento)” (SILVA; BOZZI; ARAKI, 2013, p. 113). Todo o material é incorporado ao aplicativo SoundCloud, que aloja arquivos de áudio, ele é colocado em posição vertical e contém uma legenda descrevendo o que a mídia irá explorar.

FIGURA 8 - MODELO DE EXECUÇÃO DO ÁUDIO



Fonte: Site da Revista Prisma (<http://www.unoeste.br/facopp/prisma/>). Acesso em: 22 mai. 2017.

O vídeo é apresentado em forma retangular, na mesma página. “Neste retângulo, o vídeo é incorporado do Youtube. No ícone “Fechar” (representado por um X), o internauta pode voltar para a capa da matéria” (SILVA; BOZZI; ARAKI, 2013, p. 112). Todos os audiovisuais são armazenados na conta da revista dentro do canal escolhido para incorporação dos mesmos, isto permite que seja usado todas as ferramentas disponíveis pela plataforma. Na versão atual da revista, o vídeo pode ser reproduzido normalmente sem o escurecimento da tela (que acontecia anteriormente), seja executado e pode ser pausado e assistido sem que o internauta volte para o início da matéria.

FIGURA 9 - MODELO DA EXIBIÇÃO DO VÍDEO



Fonte: Site da Revista Prisma (<http://www.unoeste.br/facopp/prisma/>). Acesso em: 22 mai. 2017.

Os infográficos presentes nas edições, podem estar em dois formatos, o SWF, da Adobe e o permitido na plataforma Prezi. Os infográficos animados, têm a possibilidade de empregar os *templates* disponíveis (ALVES et al, 2014).

O conteúdo aplicado em forma de texto dentro da plataforma, não delimita um tamanho certo. Os toques são ilimitados para a produção do material, porém é possível que ocorra uma divisão de páginas para a exposição da matéria. Quando feita a segmentação da página, os autores da implantação da plataforma denominaram a ação como “retrancas” (ALVES et al, 2014).

Todo o material multimidiático produzido até agora, pode ser acessado por qualquer pessoa, sem que haja a necessidade de ser aluno da Unoeste. A revista está disponível dentro do site da universidade, no endereço www.unoeste.br/facopp/prisma.

5.3.1 Sugestões e Análises

As desenvolvedoras desta pesquisa propõem que o áudio da revista seja acessível a todos os sistemas operacionais Android e IOS de maneira geral. Pois foi observado que quando se clica na mídia para execução em alguns aparelhos, como no exemplificado Gran Prime duos da marca Samsung, uma caixa com três possibilidades é aberta para que o aplicativo SoundCloud seja baixado, passando a ser de formato responsivo e para além, uma foto do personagem que está dando sua contribuição para o material. O grupo acredita ser relevante a

alteração por questão de que nem todo usuário possa querer o produto no seu aparelho e provavelmente não irá baixá-lo apenas para ouvir o material apresentado naquela edição que ele está lendo, conseqüentemente, não terá conhecimento sobre o conteúdo explorado nesta mídia.

Além da alteração no formato do áudio, é sugerido que a galeria seja apresentada ainda na forma horizontal, de modo que irá expor um mosaico com as seis primeiras fotografias da mídia e quando o mouse for passado em cima de uma, ela aparecerá em tamanho maior. E ainda, que seja verificada a possibilidade do sistema da revista permitir que as fotografias possam ser colocadas por mais de uma por vez, já que no atual, só é possível a inclusão por unidade, o que gasta muito tempo. Ela coloca que:

[...] No Portal é possível colocar de 15 em 15. Então assim, o sistema da revista poderia ser melhor, eu tenho o sonho de ter outro TCC que reformulasse a Prisma, que continue sendo a Prisma, mas que seja mais fácil manusear para que seja possível a publicação de mais de uma edição por semestre.

Com relação aos infográficos, é proposto que eles sejam inseridos ao lado da informação que corresponde à complementação que será exposta através desta ferramenta.

Com relação ao vídeo, se propõe que ele seja estendido na forma de retângulo horizontal em toda a dimensão do elemento em que está inserido, seja de celular, computador ou *tablet*.

Outra proposta feita é a inserção de uma *newsletter* que em português significa um tipo de boletim informativo. Esta ação permitirá que o leitor que cadastrar seu e-mail no site da revista, receba uma notificação quando uma nova edição for publicada. O material será enviado com uma foto, título e prévia da reportagem, além do link que ela estará disponível. A caixa para cadastramento do endereço eletrônico do leitor ficará fixa no canto direito da página no final de todo o conteúdo.

O grupo sugere estas mudanças a partir de análises feitas durante este período de pesquisa, com base nos conhecimentos obtidos nos quatro anos de curso e também, após conversas e entrevistas com os administradores Roberto Mancuzo e Carolina Mancuzo, foi concluído que a revista precisa de mudanças, mas como o propósito do trabalho não é a reformulação, as sugestões feitas são as

que as pesquisadoras acreditam ser possível acontecer no período da peça prática. Junior (2017) aponta que:

A Prisma ela tem algumas restrições de sistema, as vezes você vai querer fazer algo muito mais complexo em termo de multimídia, ela vai dar uma travada [...] Ela tem funcionado, mas pode ser muito melhor.

FIGURA 10 - EXEMPLO DE PROBLEMA APRESENTADO NA EXECUÇÃO DE ÁUDIO

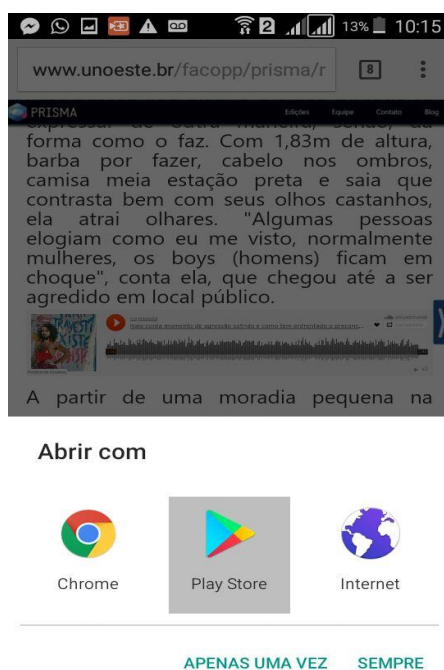
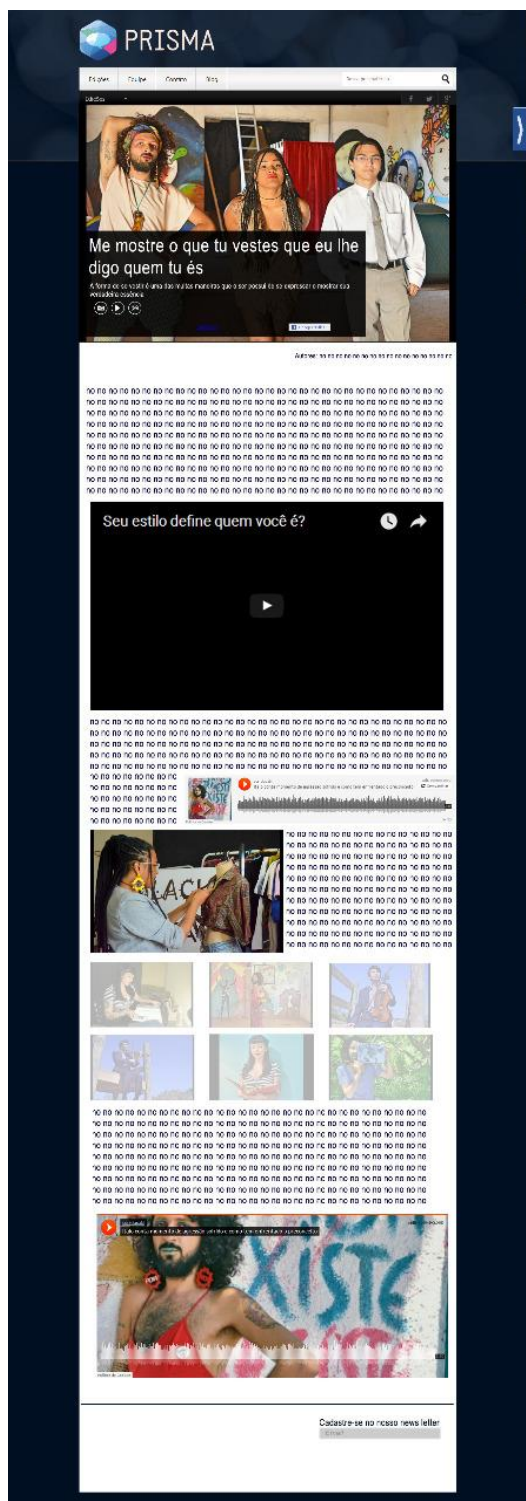


FIGURA 11 - MODELO QUE COMO RESULTARIA A PÁGINA DA REVISTA A PARTIR DAS SUGESTÕES DO GRUPO:



Fonte: Site da Revista Prisma (<http://www.unoeste.br/facopp/prisma/>). Acesso em: 27 mai. 2017.

FIGURA 12 - MODELO DE COMO FICARIA A GALERIA DE IMAGEM A PARTIR DAS SUGESTÕES DAS PESQUISADORAS:



Fonte: Site da Revista Prisma (<http://www.unoeste.br/facopp/prisma/>). Acesso em: 27 mai. 2017.

6 PROJETO EDITORIAL

6.1 Introdução

Este projeto editorial visa apresentar uma edição da Revista Prisma, mostrando perfis de pessoas que de alguma forma tiveram suas vidas transformadas, através do Centro Cultural Matarazzo. A edição foi realizada pelas alunas do sétimo termo de Jornalismo, responsáveis pelo Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), da Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (Facopp), da Universidade do Oeste Paulista.

O Centro Cultural Matarazzo é referência em cultura na cidade de Presidente Pudente e região. Transforma constantemente a vida de jovens e adultos através da arte, oferecendo várias oficinas como dança, música, teatro, pintura e literatura. Dentro do Centro está também a Biblioteca Municipal e a Escola Municipal de Artes Professora Jupyra Cunha Marcondes.

Dessa forma, todo o os dados recolhidos durante o tempo de pesquisa, foram aplicados dentro da Revista *Prisma* que é uma plataforma online, que trabalha com o conteúdo multimidiático, ou seja, várias mídias, como: áudio, vídeo, texto e fotografia. A *Prisma* é resultado de dois Trabalhos de Conclusão de Curso da Facopp, um de 2013 “Revista Prisma: Uma proposta de Jornalismo Interpretativo

e Multimidiático na Web, e o segundo de 2014 “Implantação da Revista Digital Prisma como Espaço Acadêmico de Aprendizagem na Facopp”

Pensando no alcance ao público e a escolha da plataforma online para exploração do tema, o Webjornalismo foi a melhor opção. Sendo ele, a alma do projeto, por se tratar de uma revista digital e possibilitar uma reportagem multimídia.

6.2 Objetivos

6.2.1 Objetivo geral

Produzir uma edição especial dentro da Revista Prisma mostrando perfis de pessoas que tiveram suas vidas influenciadas pela cultura artística oferecida pelo Centro Cultural Matarazzo.

6.2.2 Objetivos específicos

- Aplicar as possibilidades multimidiáticas do jornalismo;
- Colocar em prática os conceitos do Jornalismo Cultural quanto ao aprofundamento nas reportagens sobre cultura praticada no Centro Cultural Matarazzo;
- Colocar em prática os conceitos do webjornalismo na produção de uma edição da revista digital Prisma;
- Apresentar em forma de perfis jornalísticos as histórias dos personagens envolvidos com a cultura artística trabalhada no Centro Cultural Matarazzo.

6.3 Justificativa

A edição especial da revista Prisma, com seu tema voltado para a cultura trabalhada dentro do Centro Cultural Matarazzo, teve o intuito de mostrar histórias de pessoas envolvidas diretamente com o assunto proposto, além de ter abordado de maneira aprofundada um seguimento do jornalismo que ocupa um espaço reduzido na imprensa tradicional.

A cultura é algo que está em contato com as pessoas de diversas formas, podendo ser através da música, teatro, dança, pintura e literatura, e são

essas artes que são oferecidas através de oficinas dentro do Centro Cultural. As expressões artísticas, de maneira geral, podem melhorar consideravelmente a qualidade de vida de quem a pratica. Nesse sentido, foi relevante trabalhar a cultura de forma humanizada, utilizando experiências reais e próximas para mostrar os seus benefícios.

O webjornalismo, especialmente a revista digital, foi um meio eficiente para satisfazer a necessidade de contar estas histórias de forma criativa e elaborada, captando a atenção do público, além de garantir a sua perenidade. O conteúdo da revista está disponível na rede, facilmente acessível para qualquer interessado, podendo ser até mesmo objeto de estudo para futuras pesquisas.

6.4 Público-alvo

Por trabalhar com cultura em uma edição especial da revista *Prisma*, o público-alvo não pode se limitar apenas aos usuários da Faculdade de Comunicação Social, visto que o conteúdo é de interesse de toda população que tenha afinidade com esta área cultural. E ao considerar a importância do webjornalismo nos processos tecnológicos atuais, acredita-se que este foi a plataforma ideal para atingir este público.

6.5 Linha editorial

O trabalho em questão recebeu o nome “Centro Cultural Matarazzo: Perfis e Multimídia”, e tratou do Centro Cultural Matarazzo, como centro de referência em cultura em Presidente Prudente e região, mostrando a questão artística, formando perfis culturais das pessoas que tem ou já tiveram uma boa história real com a instituição. Como já apresentado o recurso utilizado foi o webjornalismo e como plataforma a revista digital *Prisma*.

Na execução deste trabalho, foram utilizados textos literários, descritivos e bem aprofundados no perfil do entrevistado, sendo assim, cada oficina abordada teve um representante perfilado. O vídeo contou a história de outro entrevistado e teve cenas de seu trabalho. Esta mídia foi escolhida para a arte com mais movimento que se encontra no Centro Cultural Matarazzo como dança ou teatro. O áudio ficou com a parte de música e o perfilado em questão. As fotografias além de mostrarem o centro cultural, as oficinas e as pinturas, também trouxeram

pelo menos uma foto de cada participante da matéria com uma legenda identificando cada um deles.

As entrevistas foram realizadas por todos os membros do grupo, porém cada um teve sua função dentro do trabalho.

Com as funções divididas, cada pesquisadora realizou seu trabalho prestando atenção aos prazos para que não atrapalhasse o desenvolvimento do projeto e do restante do grupo. Depois de todas as entrevistas serem coletadas em diferentes mídias, o trabalho entrou em processo de edição dentro do que foi proposto pelas pesquisadoras.

6.6 Projeto gráfico

6.6.1 Página inicial

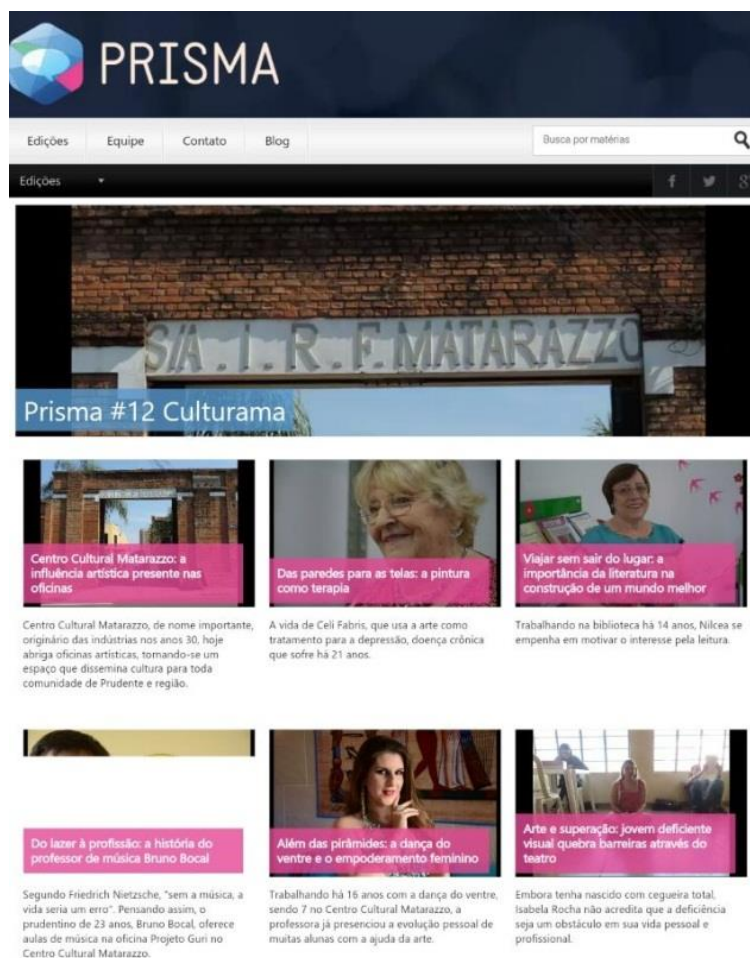
O *layout* da página inicial da revista Prisma passou por uma reestruturação no ano de 2014, quando foi implantada. A *homepage* que no seu projeto original apresentava várias fotografias e em formato mosaico, foi alterado para o formato de “galeria de imagens”.

Baseado nos padrões das publicações, os autores optaram por uma capa com imagens grandes, dando um grande destaque para as fotografias. Segundo os autores Alves et al. (2014) este modelo privilegia as fotografias estouradas, que em muitos casos aparecem sangradas nas páginas impressas. A escolha das cores azul, preto, branco e cinza, consideradas matizes sóbrios, foi devido a eficácia dessas cores na difusão da informação e relação com o jornalismo. O logotipo da revista e a barra de ferramentas acompanham o internauta durante a leitura por todo o *site*. O título e linha fina de cada matéria aparecem em uma caixa de texto escura. Sendo “Título e linha fina na fonte Tahoma, tamanho 20,5pt e 11pt respectivamente, espaçamento 1,5pt [...]” (ALVES, 2014, p. 134).

Logo que a revista é aberta, é mostrada a capa da última edição postada e os títulos e linha fina de cada matéria daquela produção. Abaixo estão disponíveis seis repartições, que significam a quantidade de matérias produzidas na edição especial. Quando a primeira for acessada o leitor encontrará uma breve história sobre o Centro Cultural Matarazzo que foi objeto de estudo neste trabalho, o porquê de se falar sobre a influência das oficinas ofertadas por ele na vida das

peças e também sobre as metodologias adotadas no estudo. Além disso, na primeira edição pode ser encontrada uma galeria de fotos de modo geral de toda a produção do trabalho. Nas seguintes divisões está o perfil individual de cada entrevistado selecionado das oficinas e biblioteca infantil do local. Sendo de pintura, biblioteca infantil, música, dança do ventre e teatro, respectivamente.

FIGURA 13 – MODELO DA 12ª EDIÇÃO DA REVISTA



Fonte: Site da Revista Prisma (<http://www.unoeste.br/facopp/prisma>). Acesso em: 30 out. 2017.

6.6.1.1 Diagramação

Na implantação da revista que aconteceu em 2014, os autores responsáveis optaram por mudar a leitura para a forma vertical dentro das limitações técnicas do sistema da revista, afim garantir uma visualização melhor do conteúdo e garantir uma criatividade maior por parte dos produtores de cada edição.

A readequação possibilitou também que ao invés da reportagem ser vista de maneira parcial, seja visibilizada na íntegra.

As cores da plataforma são, rosa, branco, dourado, azul, verde e laranja. Esta paleta fica presente tanto no logotipo e nas páginas, quanto nos *links* e elementos enfáticos.

Os verbetes criados para que o leitor possa se orientar são uma câmera para sinalizar que quando clicada, leva o receptor para a galeria de imagens, um player indicando os vídeos e uma torre de transmissão que condiz com o *podcasts*. Para melhor comodidade, também foi criado um ícone enfático, que se selecionado, permite que o leitor mude de matéria sem tenha que voltar à página inicial da revista.

FIGURA 14 – MODELO DE INDICAÇÃO DE VERBETES



Fonte: Site da Revista Prisma (<http://www.unoeste.br/facopp/prisma>). Acesso em: 23 out. 2017.

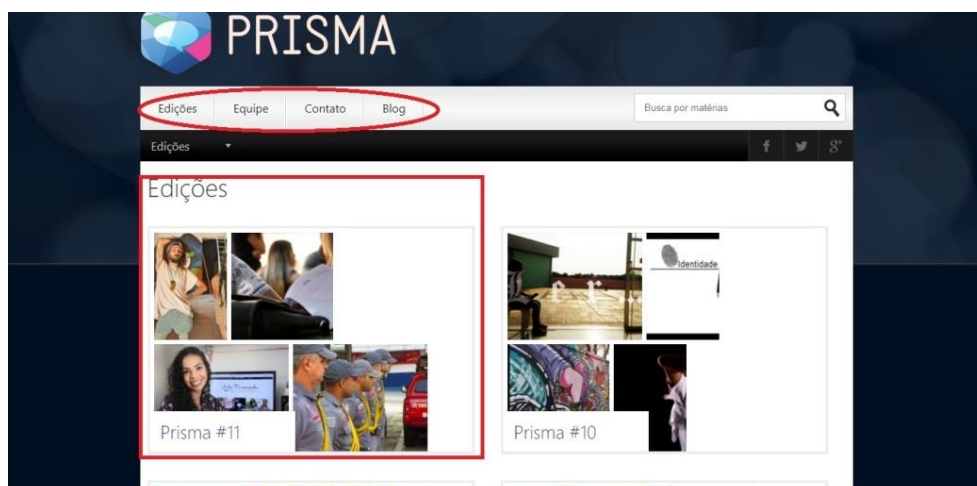
Os textos da revista não têm um limite de toques determinado, mas é possível dividi-los em páginas, os autores da implantação da revista chamam isso de “retrancas”. (ALVES et al, 2014)

6.6.1.2 Menu de serviços

Durante a navegação o logotipo e o menu de serviços seguem fixados na parte superior da página no seu lado esquerdo. No menu são oferecidas as opções: *Edições*, *Equipe*, *Contato* e *Blog*. As publicações anteriores são apresentadas em formato de mosaico, sendo que cada uma fornece sua homepage

própria. (ALVES et al, 2014). Os autores ainda colocam que o formato de mosaico “permite por meio da imagem que o internauta consiga ter maior compreensão do que vai encontrar dentro da edição” (ALVES, 2014, p. 136).

FIGURA 15 – DEMONSTRAÇÃO DE MENU DE SERVIÇOS E EDIÇÕES ANTERIORES



Fonte: Site da Revista Prisma (<http://www.unoeste.br/facopp/prisma>). Acesso em: 23 out. 2017.

Pelo fato da revista ser passível a ser alterada pelos alunos, cada edição tem uma nova equipe cadastrada. Na opção *Equipe* fica disponível uma foto, a biografia de todos os repórteres cadastrados, um e-mail para possível contato e ainda, uma relação com as reportagens produzidas por cada um.

6.6.1.3 Conteúdo Editorial

O título e linha fina das matérias com textos são na fonte Tahoma, porém no tamanho 12, e justificado. Há uma padronização em relação ao título, sendo ele composto por uma frase seguida de dois pontos e o “título” efetivamente. Quando houver a necessidade de mencionar o nome da revista, ele deve ser destacado em negrito, a mesma regra serve para os intertítulos. O espaçamento entre linhas e parágrafos, é de 1,5pt e a fonte selecionada na cor preta 15% em tom mais claro.

FIGURA 16 – EXEMPLO DE COMO É FIXADO O TÍTULO E LINHA FINA NAS MATÉRIAS



Fonte: Site da Revista Prisma (<http://www.unoeste.br/facopp/prisma>). Acesso em: 23 out. 2017.

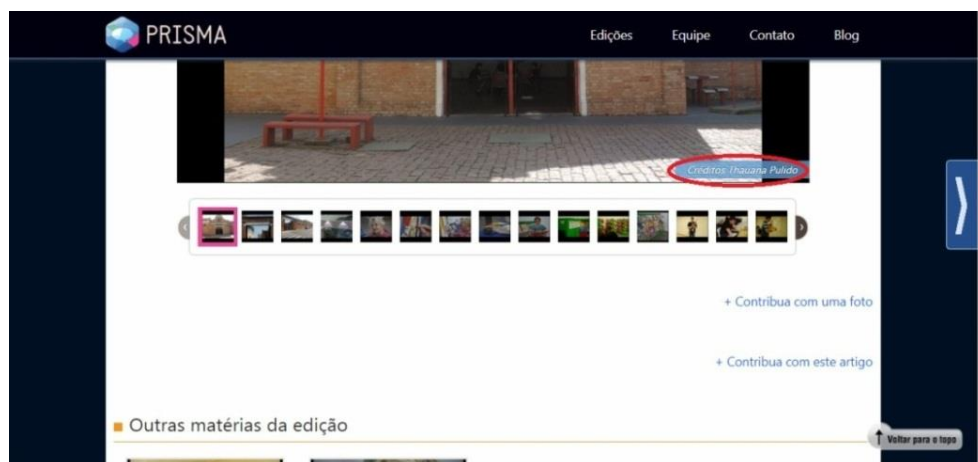
Os *podcasts* produzidos são primeiro cadastrados em uma conta da revista, que no caso deste trabalho, criou-se uma conta própria para tal e depois são introduzidos na plataforma SoundCloud no formato de mp3. Este segue com uma foto em miniatura.

Todos os vídeos são armazenados em uma conta do YouTube, que assim permite o uso de todos os seus recursos disponíveis em sua plataforma. Em caso de divisão de matéria, a segunda também será reproduzida dentro da página. No caso desta produção de edição especial, optou-se em deixar apenas uma.

Os infográficos permanecem sendo incorporados em dois formatos, o SWF da Adobe, e na plataforma Prezi. Neste segundo, os infográficos estáticos podem ser animados, obedecendo as limitações da plataforma ou empregando os *templates* disponíveis.

Para compor a galeria, não há um número exato de fotografias que podem ser disponibilizadas, contanto que estejam dentro do tema da matéria. Quanto às legendas das imagens, há uma delimitação de toques. Em todas as fotografias precisam estar presente o nome de quem a tirou. (ALVES et al, 2014)

FIGURA 17 – DEMONSTRAÇÃO DE PARTE DA GALERIA DE FOTOS COM INDICAÇÃO DE AUTOR DA FOTOGRAFIA



Fonte: Site da Revista Prisma (<http://www.unoeste.br/facopp/prisma>). Acesso em: 23 out. 2017.

6.6.1.4 Comentários e contribuições

A interação entre o público leitor e a produção da Revista está acoplada à ferramenta de “comentários” relacionada à rede social do Facebook. Esta opção permite que outras pessoas curtam ou respondam a um comentário feito em uma reportagem. Ela se restringe apenas na permissão daquele usuário em deixar a sua opinião na página.

Na ferramenta “Contribua” possibilita que o leitor da matéria envie novos dados ou fotografias que acrescentem informações na produção. Quando enviados, estes conteúdos vão diretamente para o sistema da revista, se aprovado pelos repórteres da edição, a contribuição fica disponível no final da reportagem, perto da caixa de comentários. Os créditos de quem enviou a colaboração, sempre a acompanha.

6.6.2 Estrutura da Prisma

Na primeira página já estará inserida a foto de capa com o título, linha fina e os links para a galeria de fotos, o vídeo e o áudio. Logo abaixo, as redes sociais Facebook, Twitter e Google+, nas quais a prisma estará vinculada. Abaixo a foto de capa, estará à assinatura das realizadoras desta edição.

Rolando a página para baixo, o internauta já tem acesso a primeira parte do texto literário com o primeiro perfilado, logo depois, já se pode encontrar o vídeo do segundo entrevistado, que ocupa toda a tela, em seguida a outra parte do texto e no canto direito ficará o áudio no formato responsivo de outro perfilado. No lado esquerdo uma foto menor, ocupando apenas metade da tela onde a outra metade será ocupada pela outra parte do texto, abaixo a galeria de fotos em forma de mosaico, como já apresentada, ela se expande assim que o cursor do mouse passa sobre ela. Por fim, segue o final do texto e abaixo ocupando toda a tela o documento do áudio ampliado com a foto do entrevistado de fundo assim como nas edições anteriores.

6.7 Recursos técnicos

Para produzir este projeto os alunos poderão fazer uso dos seguintes equipamentos oferecidos pela universidade, previamente agendados: uma câmera de filmagem, um tripé, um microfone de lapela e quatro baterias, dois gravadores de voz e uma câmera fotográfica Nikon ou Canon, ilha de edição e laboratório de rádio. Em casos excepcionais, os alunos poderão fazer as filmagens e fotografias com equipamento próprio, desde que o mesmo grave em HD ou Full HD e que tenha entrada de áudio.

6.8 Recursos financeiros

Os investimentos para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso correspondem aos custos com ligações telefônicas, transporte e impressões. Tudo será somado e dividido em partes iguais no final do trabalho, por todas as integrantes do grupo.

O trabalho como um todo gerou um custo de R\$ 258,00.

6.9 Recursos humanos

O presente trabalho será executado por cinco alunas do 7º termo B, de 2017, do curso de Comunicação Social: Jornalismo, sendo elas Amanda Antunes, Giovana Farias, Karen Dantas, Nadia Ribeiro e Thauana Pulido. Será orientado pelo

professor mestre Tchiago Inague Rodrigues. Cada integrante irá desempenhar uma função específica para a realização do trabalho.

A produtora dos perfis fica responsável pela elaboração da pauta. Não é permitido que os entrevistados tenham qualquer vínculo familiar com as integrantes do grupo

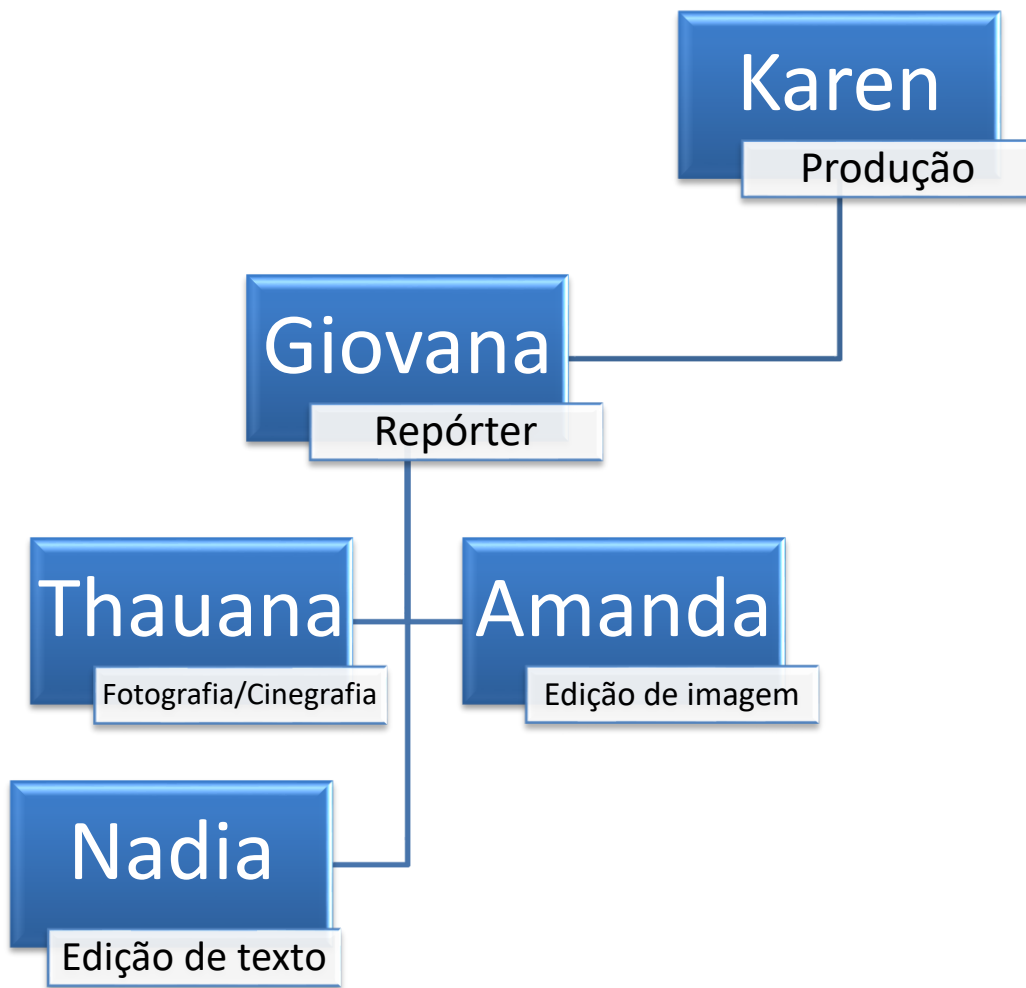
A repórter é responsável pela execução das entrevistas gravadas e decupagem das mesmas, que serão realizadas ao longo da pesquisa.

A cinegrafista/fotógrafa será responsável pelas imagens nos dias das gravações do vídeo e fotografias, e terá que ter disponibilidade para acompanhar o repórter. O trabalho contará com dois cinegrafistas caso seja preciso, a fim de buscar ângulos diferentes para que haja opções na edição. Para o melhor desenvolvimento, todos os documentos devem ser entregues nos prazos estipulados.

A editora de imagem é responsável pela edição das fotografias e imagens em vídeo, para a construção final da reportagem multimidiática.

A editora de texto será responsável por toda a revisão literária que estará presente na edição da revista, independente do meio, seja audiovisual, textual, áudio e legendas fotográficas.

ORGANOGRAMA



7 MEMORIAL DESCRITIVO

O memorial descritivo é uma das partes fundamentais Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo, pois narra detalhadamente todo o passo a passo para a produção da peça prática, sendo neste trabalho, a criação de uma edição da revista digital Prisma e tendo como objeto de estudo o Centro Cultural Matarazzo.

O começo

No início do sexto termo, através da disciplina de Metodologia de Pesquisa em Jornalismo, o grupo que já havia laços de amizade formados decidiu unir-se. Inicialmente várias ideias para o Trabalho de Conclusão de Curso surgiram, mas muitas acabaram sendo excluídas devido às limitações financeiras dos integrantes. Além da escolha do tema era preciso pensar também na modalidade jornalística que o projeto seria desenvolvido. Não foi uma decisão fácil, já que cada membro possuía mais afinidade com determinada área, mas por fim encontraram uma que despertasse o interesse de todas – o jornalismo cultural.

Posterior a isso, era hora de decidir o objeto de estudo. O grupo precisava encontrar algo que se encaixasse nas normas acadêmicas e ao mesmo tempo pudesse ser explorado pelo jornalismo cultural. Devido à facilidade de acesso, o conhecimento da história pelos membros e a maneira de trabalhar com cultura, o Centro Cultural Matarazzo foi escolhido.

Escolhido o Centro Cultural Matarazzo, a ideia inicialmente era fazer uma grande reportagem on-line contando a história do local. Esta, porém, foi modificada ao longo do percurso, por entender que não apresentaria algo interessante para o público consumidor de cultura. Após isso, então, foi decidido que através da revista digital on-line Prisma, fundada por TCCs anteriores da Faculdade de Comunicação Social, uma nova edição seria criada, onde seriam trabalhados perfis jornalísticos de profissionais e alunos que tiveram suas vidas modificadas de alguma forma pela cultura.

Após isso, antes de começar de forma efetiva, foram feitas várias visitas ao Centro Cultural para conhecer de perto como funcionava a instituição e as oficinas culturais que eram oferecidas no local. Através de entrevistas realizadas com alunos e professores, foi possível concluir que a cultura era bem disseminada no local e que isso renderia boas histórias para os perfis.

A partir disso, ficou acertado entre as alunas e o orientador a criação de uma edição da revista digital on-line da Prisma, nos quais os perfis jornalísticos seriam colocados. A escolha da Prisma originou-se por ser um produto da própria faculdade, atender aos requisitos de multimídia e não possuir custos.

Com relação à multimídia, esta só foi possível com o uso do webjornalismo, outra área de interesse dos integrantes. Ao pensar em uma revista digital online, seria imprescindível a criação da mesma sem utilizar das ferramentas do webjornalismo, como o texto para a web, as galerias de fotos, áudio, vídeo e infográficos – sendo este último item descartado pelos membros por entenderem que não se adequaria ao tema escolhido.

A prática

Iniciando a peça prática, o grupo se revezou para começar a realizar as entrevistas a fim de coletar mais dados para os perfis que seriam escritos posteriormente. Karen, com sua função de produtora, ficou responsável por entrar em contato com as pessoas que seriam perfiladas e agendar novos encontros e produzir as pautas.

Esses encontros ocorreram no próprio Centro Cultural Matarazzo. No dia oito de agosto de 2017, a integrante Giovana ficou responsável pela entrevista com Bruno Bocal, professor responsável pela oficina de música do Projeto Guri. No dia 12 de agosto 2017, foi realizada uma entrevista com a professora de dança do ventre Shaia Zurah, pela integrante Amanda. No dia 21 de agosto de 2017, a integrante Karen ficou incumbida de entrevistar Nilcea Gomes, funcionária da Biblioteca Municipal que trabalha com projetos que envolvem crianças e idosos e responsável pela oficina de literatura. Posterior a isso, a integrante Nadia, responsável pela redação do perfil de Nilcea, solicitou uma entrevista complementar que aconteceu no dia quatro de setembro de 2017. No dia 31 de agosto de 2017, a integrante Thauana realizou a entrevista com a aluna de pintura Celi Fabris.

Nesse período, o professor e também coordenador da oficina de teatro, por motivos pessoais, acabou desistindo de ser um dos perfilados. Este, porém, nos permitiu conversar com seus alunos para encontrar uma nova história que seria interessante ser retratada através do perfil jornalístico. As integrantes Amanda e Thauana foram até o Centro Cultural aos sábados, dia em que a oficina ocorria, para conversar com os jovens e encontraram uma nova personagem,

Isabela Rocha, que através do teatro superava mais um obstáculo causado por sua deficiência visual.

Isabela, que também é aluna de Jornalismo na mesma Universidade, concedeu várias entrevistas para as integrantes posteriormente, e foi selecionada de maneira definitiva como nova personagem desta oficina.

As novas informações colhidas através destes encontros permitiram determinar qual mídia seria trabalhada com cada personagem. Desta forma ficou decidido que seria trabalhado texto com as personagens de literatura e pintura, áudio com a oficina do Projeto Guri, galeria de fotos com a oficina de teatro e vídeo com a oficina de dança do ventre.

Após isso, as integrantes do grupo se reuniram com o orientador Tchiago Inague diversas vezes, onde oficialmente começaram a produção do produto jornalístico que seria postado na revista Prisma. As gravações oficiais tiveram início no dia 31 de agosto de 2017, com a produção em áudio do perfil de Bruno Bocal da oficina Projeto Guri e a produção textual do perfil de Celi Fabris da oficina de pintura. No dia quatro de setembro de 2017, iniciou-se o perfil jornalístico de Nilcea Gomes, após a última entrevista com a mesma. Em 25 de setembro de 2017, ocorreu a gravação em vídeo do perfil jornalístico de Shaia Zurah, professora da oficina de dança do ventre em seu próprio estúdio, no Jardim Paulista em Presidente Prudente.

Depois das gravações estarem finalizadas, as alunas Amanda e Giovana fizeram uma capacitação com a professora de Jornalismo Online e coordenadora do curso de Jornalismo, Carolina Costa Mancuzo, que autorizou o acesso e ensinou os comandos básicos da revista Prisma. Posterior a isso, o grupo já poderia colocar no portal os perfis que já estavam prontos.

Para preencher a plataforma Prisma, que além da capa da edição também contaria com uma galeria de fotos, as alunas dirigiram-se novamente ao Centro Cultural Matarazzo para tirar as últimas fotografias. Em seguida decidiram qual seria a imagem que ficaria de capa para a edição especial e a selecionada foi a imagem com os letrados oficiais das indústrias Matarazzo, conservado até hoje.

A escolha dos personagens a serem perfilados ocorreu após longas entrevistas com professores e alunos de cada oficina oferecida pelo Centro Cultural. Por maior afinidade com o tema ou mais facilidade em falar sobre o assunto, todos

os selecionados refletem bem o que as oficinas retratadas representam e mostram a importância das mesmas para a comunidade.

Um dos maiores acertos deste projeto foi à escolha do tema, pois com ele foi possível mostrar o lado das pessoas que atuam na cultura promovida pelo Centro Cultural Matarazzo, muitas vezes reconhecido apenas pelos feitos das indústrias Matarazzo nos anos 1930. Em relação às dificuldades, ao longo do projeto foi preciso ajustar e adiar e/ou adiantar entrevistas já marcadas e até mesmo regravar algumas que já estavam prontas devido à necessidade dos membros do grupo ou dos personagens a serem perfilados.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Centro Cultural Matarazzo, desde 2007, atua como um dos maiores provedores de cultura artística na cidade de Presidente Prudente, sediando a Biblioteca Municipal, a Escola de Artes 'Jupyra Cunha Marcondes', a sala de informática, a Galeria de Arte 'Takeo Sawada', o Teatro 'Paulo Roberto Lisboa' e as oficinas artísticas nas áreas de dança, teatro, música, artes visuais e literatura além da própria Secretária de Cultura do município.

Acredita-se que a realização desta pesquisa trouxe à tona a importância que a cultura tem dentro da cidade e como ela atua e transforma a vida das pessoas, sendo mostrados neste trabalho, exemplos de como a cultura quebrou barreiras impostas pela sociedade e como ela ajudou a superar problemas de saúde, como a depressão.

A escolha do gênero perfil como peça prática desta pesquisa, teve o intuito de levar as pessoas histórias de quem teve sua vida modificada de alguma forma pela arte e pelo Centro Cultural em si, utilizando a Revista Digital da plataforma *Prisma* e os recursos multimidiáticos do Webjornalismo como meio de divulgação.

A utilização dos recursos multimidiáticos (texto, áudio, vídeo, imagem) atuou como destaque para os perfilados, facilitando para o leitor conhecer um pouco mais sobre determinado personagem. A pesquisa de campo e as entrevistas começaram em agosto de 2016 e se estenderam até o junho de 2017, onde foram realizadas visitas ao local, além de entrevistas e fotos.

Acredita-se ter conseguido alcançar o objetivo desta pesquisa, que a princípio era utilizar perfis e multimídia, através do webjornalismo, para narrar como a cultura afetava a vida das pessoas. É possível dizer que o Centro Cultural Matarazzo através de suas oficinas, apresenta a arte para as pessoas, de uma maneira que elas conheçam e se envolvam profundamente com o que está sendo oferecido no local. Foi possível concluir que o Centro não faz distinção, podendo ser aluno das oficinas pessoas de qualquer idade, raça, sexo, classe social, bastando apenas ter a vontade de viver com a cultura.

Em relação às oficinas, foi possível perceber que o interesse dos professores e dos alunos é mútuo, além de que a relação dos mesmos vai muito além da sala de aula, do Centro Cultural Matarazzo. Exemplos de alunos que

superaram problemas de saúde, como a depressão, que descobriram em uma aula experimental o talento que possuíam para determinada área, dentre outros inúmeros casos, é o fator determinante para concluir que a cultura afeta diretamente a vida das pessoas.

Através desta pesquisa, os autores puderam colocar em prática o aprendizado adquirido durante estes quatro anos na faculdade de Jornalismo. Além disso, a escolha de trabalhar com cultura agradou a todas as pesquisadoras e isso colaborou para com o desenvolvimento do trabalho. Este tema também permite que futuros pesquisadores se aprofundem na área cultural, mostrando novas vertentes deste gênero jornalístico.

REFERÊNCIAS

ABADAL, E.; GUALLAR, J. **Prensa digital y bibliotecas**. Espanha: Ediciones Trea. 2010. Disponível em: <<http://diposit.ub.edu/dspace/bitstream/2445/61045/1/Prensa%20digital%20y%20bibliotecas-Abadal-Guallar-2010.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2016.

ABDALLA, M. M. et al. **A estratégia de triangulação: objetivos, possibilidades, limitações e proximidades com o pragmatismo**. 2013. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq_2013/2013_EnEPQ5.pdf>. Acesso em: out 2016.

ABRÃO, A. C. P; PEDRÃO, L. J. **A contribuição da dança do ventre para a educação corporal, saúde física e mental de mulheres que frequentam uma academia de ginástica e dança**. 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v13n2/v13n2a17.pdf>> Acesso em 13 de março de 2017.

ALI, F. **A arte de editar revistas: um guia para jornalistas, diretores de redação, diretores de arte, editores e estudantes**. São Paulo: Ed. Nacional, 2009.

ALVES, M. S. et al. **Implantação da revista digital Prisma como espaço acadêmico de aprendizagem da Facopp**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, SP.

ALVIM, L. **Os jornais, o romance e o folhetim**. 2008. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Os%20jornais-%20o%20romance%20e%20o%20folhetim.pdf>> Acesso em: 23 de maio de 2017.

AMORIM, A.R. **A literatura em busca de um conceito**. 2001. Disponível em <http://www.urutagua.uem.br//02_literatura.htm> Acesso em 26 de abril de 2017.

ARRIGONI, M. M. de. **Debatendo os conceitos de Caricatura, Charge e Cartum**. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Mariana%20de%20Mello%20Arrignonipdf>>. Acesso em 18 fev. 2017.

ATAÍDE, A.E.S. **A linguagem do webjornalismo nos portais de comunicação da Paraíba**. 2010. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2010/outubro/webjornalismo_portais_linguagem.pdf> Acesso em maio 2017.

BARBOSA, S. **Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais**. In: CANAVILHAS, João (Org.). Notícias e mobilidade: jornalismo na era dos dispositivos móveis. Covilhã: Livros Labcom, 2013. Disponível em:<http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20130404-201301_joacanavilha_noticiasmobilidade.pdf> Acesso em abril 2017.

BALLERINI, F. **Jornalismo Cultural no século 21**. São Paulo: Summus. 2015. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=0iUoBgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=jornalismo+cultural+artigos&ots=5>>

zqcqwIK77&sig=AwUpfYPUe7u73jjwwfHbHXV7jo8#v=onepage&q&f=false> Acesso em: maio 2017

BARRETO, I. **As realidades do jornalismo cultural no Brasil**. 2006. Disponível em: < http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_07/08IvanaBarreto.pdf>. Acesso em: 19 out. 2016.

BULHÕES, M. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paula: Ática, 2007.

CANAVILHAS, J. **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. 2014. p. 3-24. Disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf>. Acesso em set 2016.

CANAVILHAS, J. **Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web**. BOCC - Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2016.

CANAVILHAS, J. **Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada**. 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>> Acesso em abril 2017.

CASTILHO, C. **Webjornalismo: o que é notícia no mundo online**. In: RODRIGUES, Ernesto (org.). No próximo bloco: o jornalismo brasileiro na TV e na internet. 2005. Edições Loyola: Rio de Janeiro.

COUTINHO, A. **Notas de Teoria Literária**. Editora Vozes, 2008.

DANCOSKY, A.K. **Navegabilidade, complementaridade e interatividade: uma discussão sobre a hipermídia como potencialidade para o webjornalismo e seus usos no cenário atual**. 2015. Disponível em: < <http://revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/194/241> > Acesso em maio 2017.

FARIA, L.G; MORAES, E. **O impacto do webwriting no discurso jornalístico do meio digital**. 2011. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-1183-1.pdf> > Acesso em abril 2017.

FERNANDES, B. J. T. **Processo de triangulação de perspectivas na pesquisa qualitativa**. 2006. Disponível em: <<http://designinterativo.blogspot.com.br/2006/08/processo-de-triangulao-de-perspectivas.html?m=1>>. Acesso em: 19 out. 2016.

FERRARI, M.H; SODRÉ, M. **Técnica de reportagem: Notas sobre a narrativa jornalística**, Editora Summus Editorial, 1986.

FERREIRA, C. O. Uma breve história do teatro brasileiro moderno. **Nuestra América**, Nº 5, Janeiro-Julho, 2008. Disponível em: <<http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/2650/3/131-143.pdf>> Acesso em 12 abr. 17

FLEK et. al. **Revisando as diretrizes da Associação Médica Brasileira para o tratamento da depressão**. 2009. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v31s1/a03v31s1.pdf>> Acesso em 25 mar. 2017.

FONTEERRADA, M. T. O. de. **De tramas e fios**. São Paulo: Editora da UNESP/FUNARTE, 2008.

FRANCISCATO, C. E. **A Fabricação do Presente**. Editora UFS, 2005.

FREIRE, M. Do armazém à amazon: uma proposta de tipologia das revistas digitais através dos gêneros jornalísticos. In: NATASOHN, G. (Org). **Jornalismo de revista em redes digitais**. Bahia: Edufba, 2013.

GADINI, S. L. **Grandes estruturas editoriais dos cadernos culturais**. Principais características do jornalismo cultural nos diários brasileiros. 2006. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6138>> Acesso em: maio 2017.

GERHARDT, T.E; SILVEIRA, D.T. **Métodos de Pesquisa**. 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>> Acesso em abril 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLIN, C. **Jornalismo cultural: reflexão e prática**. 2012. Disponível em: <<http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2012/02/Jornalismo-Cultural-Reflex%C3%A3o-e-Pr%C3%A1tica.pdf>> Acesso em: maio 2017.

GOMES, E. **Jornalismo das colunas de notas: origem e desenvolvimento**. 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/jornalismo-das-colunas-de-notas-origem-e-desenvolvimento>>. Acesso em 14 fev. 2017.

LAKATOS, E.M; MARCONI, M.A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. Atlas: São Paulo, 2003. Disponível em: <http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view> Acesso em abril 2017.

LENZI, A. “Já temos uma alternativa para a reportagem multimídia no Brasil?” In: CHRISTOFOLETTI, R. (org.). **Questões para um jornalismo em crise**. Florianópolis: Insular, 2015.

LEVY, P. **Cibercultura**, 1999. Ed. 34 Ltda: São Paulo. Disponível em: <<https://mundonativodigital.files.wordpress.com/2016/03/cibercultura-pierre-levy.pdf>> Acesso em abril 2017.

LONGHI, R. R. A grande reportagem multimídia como gênero expressivo no ciberjornalismo. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIBEJORNALISMO. 6., 2015. Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: UFMS, 2015. Disponível em: <<http://www.ciberjor.ufms.br/ciberjor6/files/2015/03/LONGHICIBERJOR.pdf>> Acesso em: nov 2016.

LONGHI, R. R. **O lugar do longform no jornalismo online: qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo**. 2015. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/693/621>>. Acesso em março 2017.

MACHADO, E. A **Base de Dados como Formato no Jornalismo Digital**. 2011. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/machado-elias-base-dados-formato-jornalismo-digital.pdf>> Acesso em março 2017.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

MATTOSO, G. Q. **Internet, jornalismo e weblogs: uma nova alternativa de informação**. 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/mattoso-guilherme-webjornalismo.pdf>> Acesso em abril 2017.

MEDINA, C. A. **Livro Entrevista - O diálogo possível**. 1986. Ed Ática: São Paulo. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/livro-entrevista-o-dialogo-possivel-cremilda-de-araujo-medina.html>> Acesso em março 2017.

MELO, J. M. de. **Jornalismo opinativo: Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Editora Mantiqueira, 2003.

MIELNICZUK, L. **Características e implicações do jornalismo na web**. Portal Facom, 2001. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf> Acesso em: 15 nov. 2016

MIELNICZUK, L. **Jornalismo na web: Uma contribuição para o estudo do formato Da notícia na escrita hipertextual**. 2003. Disponível em: <<http://poscom.tempsite.ws/wp-content/uploads/2011/05/Luciana-Mielniczuk.pdf>> Acesso em março 2017.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1995. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/311776834/MINAYO-Maria-Cecilia-de-Souza-Org-Pesquisa-social-teoria-metodo-e-criatividade-pdf>>. Acesso em: 15 out. 2016.

MONTEIRO, R.P; NOGUEIRA, L.S. **Perfil em revista: uma análise da Serafina**. Intercom. 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3791-1.pdf>> Acesso em: 23 nov. 2017.

NATASOHN, G. et al. *Revistas on-line: do papel às telinhas*. In: NATASOHN, G. (Org.). **Jornalismo de revista em redes digitais**. Bahia: Edufba, 2013.

NICOLATO, R. **Jornalismo e literatura: aproximações e fronteiras**. 2006 Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1028-1.pdf>> Acesso em: 23 de maio de 2017.

NUNES, A.C.B. **Jornalismo digital de quinta geração: as publicações para tablets em diálogo com o desenvolvimento da web**. 2016. Disponível em: <<http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/art%209-39.pdf>> Acesso em março 2017.

OSSONA, P. **A educação pela dança**. Tradução por NETO, N. A. S. São Paulo: Summus, 1988.

PALÁCIOS, M. **Jornalismo e online, informação memória**: apontamentos para debate. 2004. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4_f.htm>. Acesso em: 20 out. 2016.

PALÁCIOS, M. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória. In: PALÁCIOS, M.; MACHADO, E. (Orgs.). **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Edições GJOL, Calandra, 2003.

PAULA, L. S. **Teoria da Literatura**. Editora Intersaberes, 2012. Disponível em <<http://unoeste.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788582124529/pages/-2>> Acesso em 23 mar. 2017.

PENNA, M. **Música(s) e seu ensino**. Editora Sulina, 2015.

PINHO, J. B. **Jornalismo na internet**: planejamento e produção da informação on-line. São Paulo: Summus, 2003.

PINTO, M. O. **O jornalismo como gênero literário**. Disponível em <<http://periodicos.uern.br/index.php/contexto/article/viewFile/45/43>> Acesso em: 23 de maio de 2017.

PIZA, D. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2004.

PRADO, M. **Webjornalismo**. 2011. LTC: Rio de Janeiro.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE PRUDENTE. Secretaria Municipal de Cultura. **Centro Cultural Matarazzo**. Presidente Prudente: PMPP, c2014. Disponível em: <<http://www.culturapp.com.br/index.php/equipamento/centro-cultural-matarazzo/>>. Acesso em: 20 out. 2016.

PROJETO GURI, 2014. Disponível em < <http://www.projetoguri.org.br/quem-somos/>> Acesso em 29 mar. 2017.

QUADROS, C.I. **A participação do público no webjornalismo**. 2005. Disponível em: < <http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/56/56>> Acesso em: abril 2017.

RANGEL, L; LANGENDONCK, R. V. **Pequena viagem pelo mundo da dança**. São Paulo: Moderna. 2006.

REGES, T.L.R. **Características e gerações do Webjornalismo: análise dos aspectos tecnológicos, editoriais e funcionais**. 2011. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/reges-thiara-caracteristicas-e-geracoes-do-webjornalismo.pdf>>. Acesso em março 2017.

ROSA, M. E. **Jornalismo cultural para além do espetáculo**. 2013. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/07-Marcia-Eliane.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2016.

ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ROST, A. Interatividade: Definições, estudos e tendências. In: CANAVILHAS, João (Org). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença.** Universidade da Beira Interior. Covilhã. LabCom, 2014. Disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf>. Acesso em: 19 out. 2016.

SÁ, J. de. **A crônica**, Editora Atica, 1987.

SALAVERRÍA, R. Multimedialidade: informar para cinco sentidos. CANAVILHAS, João (Org). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença.** Universidade da Beira Interior. Covilhã: LabCom, 2014. Disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf> . Acesso em: 23 nov. 2016.

SANTAELLA, L. **O perfil cognitivo do leitor imersivo.** 2004. Editora Paulus: São Paulo.

SANTI, V. J. C. **O processo de apuração no Webjornalismo de quarta geração.** 2009. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos_article/viewFile/939/879> Acesso em: 15 nov. 2016.

SARTORI, A. C. R.; ZILBERMAN, M. L. **Revisitando o conceito de síndrome do ninho vazio.** 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v36n3/v36n3a05.pdf>> Acesso em 30 mar. 2017.

SAVI, R. **Utilização de ferramentas interativas em jornalismo participativo: uma análise de casos de blogs, wikis, fóruns e podcasts em meados da primeira década do século XXI.** 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/90833>> Acesso em: abril 2017.

SCALZO, M. **Jornalismo de Revista.** São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, D. S. **Tendências do Jornalismo Cultural em Portugal.** 2009. Disponível em: <http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/30882007/432.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1495732252&Signature=DF39sUyUDaqcmOqaV%2BfcO2hrHGI%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DTendencias_do_Jornalismo_Cultural_em_Por.pdf> Acesso em: maio 2017.

SILVA, L. Q.; BOZZA, V.P.; ARAKI, V.A.T. **Revista Prisma: uma proposta de jornalismo interpretativo e multimidiático na web.** 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2013.

SIQUEIRA, D.C.O.; SIQUEIRA, E.D. **A cultura no jornalismo cultural.** 2007. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/17995847-A-cultura-no-jornalismo-cultural-1-denise-da-costa-oliveira-siqueira-2-euler-david-de-siqueira-3.html>>. Acesso em: 19 out. 2016.

SODRÉ, M; FERRARI, M.H. **Técnicas de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. Summus, 1986.

SOUZA, C. N. A.; LUÍNDIA, L. E. A. **Convergencia entre Jornalismo Cultural e Jornalismo Literário**. 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0283-1.pdf>> Acesso em: março 2017.

TAMAMAR, G. **Administração da Secult muda-se para Matarazzo**. *O Imparcial*, Presidente Prudente, 21 jun. 2008.

TOLDO, C.J; GONÇALVES, L.L. **Webjornalismo hipermediático na web 2.0: o uso de ferramentas gratuitas para noticiar**. 2008. Disponível em: <<http://www.cencib.org/simposioabciber/PDFs/CC/Claudio%20Jose%20Toldo%20e%20Leila%20Lais%20Goncalves.pdf>> Acesso em abril 2017.

TORRES, G.F et al. **Revista Prisma: A territorialização de seis famílias assentadas no município de Presidente Bernardes**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2016.

VALE, G. G. et al. **Revista Videre: Resgate histórico das indústrias Matarazzo de Presidente Prudente por meio da fotodocumentação**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2008.

VARGAS, H. **Reflexões sobre o jornalismo cultural contemporâneo**. 2004. Disponível em: <<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:txSbHCbnPpAJ:https://xa.yimg.com/kq/groups/22040972/649425459/name/Texto%2B05%2B-%2BJornalismo%2Bcultural%2B-%2BH.%2BVargas.doc+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em maio 2017.

VILLANUEVA, J. O crítico de pessoas. 2010. O Globo. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/o-critico-de-pessoas-305126.html>>. Acesso em março 2017.

VILAS BOAS, S. **Perfis e como escrevê-los**. Summus Editorial, 2003.

YIN, R.K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 2001. 2 ed. Bookman: Porto Alegre. Disponível em: <https://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2014/02/yin-metodologia_da_pesquisa_estudo_de_caso_yin.pdf> Acesso em março 2017.

ANEXO A
ENTREVISTAS

ENTREVISTA COM BRUNO FAZIONI BOCAL

Entrevistado: Bruno Fazioni Bocal

Idade: 23 anos

Professor de Música no Projeto Guri

(Entrevista feita por Giovana Farias)

Giovana: Me fala um pouco da sua história, e como se descobriu na música?

Bruno: Oh, eu comecei, eu conheci a música em 2006, que eu entrei em uma banda marcial, né, e comecei a tocar percussão, e dali então eu fui conhecendo outros instrumentos, é, instrumentos de sopro né, que um ano depois, seis meses depois, eu comecei a estudar instrumentos de sopro, ai eu conheci o projeto guri, aonde fui aluno, passei pelo grupo de referência, né, que é o grupo que eles remuneram alunos pra tocar, o nível um pouquinho mais avançado, e então teve a oportunidade de se tornar educador, que é aonde inicio.

Giovana: E teve alguém que te influenciou a seguir música ou você que foi atrás? Como é que foi?

Bruno: Então, a minha família nunca me barrou, na questão da música, mas também não é a profissão deles, quando eu falei “Oh, né”, a preferida e tal, que eu até tenho outra formação, que hoje eu não exerço ela, só que eu tenho outra formação. Hoje eu faço curso faculdade de música, e, mas a família nunca foi um empecilho. E os maiores, pelo contrário, né, sempre presentes em apresentações, desfiles, é, professores apoiando, outros alunos me estimulando, é isso ai.

Giovana: E qual a importância da arte, da música pra você, na sua vida hoje?

Bruno: Ah, hoje eu, a arte no geral, ela é muito importante, não só a música, porque hoje mesmo sendo como profissão, é algo prazeroso, né, diferente se você ir a um serviço obrigado, você está na cadeira lá, e ficar cumprindo uma carga horária, a música não, fica entretido aqui, muito importante que ela se envolve, abrange

diversas atividades no nosso corpo, no cérebro, que quase nenhuma atividade assim abrange, né, esse área corporal nossa tão grande, essa é a importância.

Giovana: E quando você começou a fazer aula aqui no Guri, quem que, como você soube que tinha aula de música aqui, e como se interessou?

Bruno: Na época, é não era, o polo não tinha essa grandiosidade que ele é hoje, né, ele era um polo menor, com um professor, hoje a gente tem um professor para cada instrumento, mas quando eu era aluno, não, era um professor, assim, pra quatro, cinco instrumentos, né, e eu fiquei sabendo através de outro amigos, que já faziam parte do projeto, é, a mídia que também divulga, na época de inscrição e tal, foi desse jeito.

Giovana: E você vê o que é mais gratificante na sua vida hoje? Você faz mais alguma coisa que é gratificante na sua vida hoje? E por quê?

Bruno: Como assim?

Giovana: Teve alguma coisa na sua vida que te motiva nessa questão da arte, você fala "Nossa, eu to realizado". Você esta realizado?

Bruno: Então, hoje a maior motivação é a, minha, claro, é meu desenvolvimento musical, né, que mesmo sendo professor a gente nunca para de estudar, mas a maior motivação é ver os alunos aprendendo né, chegar àquela criança aqui de nove, dez anos de idade, que nunca teve contato com o instrumento, né, nunca, ouviu só a música que a gente ouve na rua ai, e dois, três meses depois, já tendo, é, já tocando, executando, claro que coisas simples, melodias simples, mas já tendo uma ideia, né, dessa outra, desse novo descobrimento, que é a música.

ENTREVISTA COM CELI FABRIS

Entrevistada: Celi Fabris

Idade: 77 anos

Profissão: Professora aposentada

Aluna de pintura

(Entrevista feita por Karen Dantas)

Karen: Antes da senhora estar aqui, qual era a profissão da senhora?

Celi: Eu sou professora (*silêncio*) aposentada, professora do ensino (*silêncio*), professora.

Karen: Qual a relação da senhora com a arte?

Celi: Olha bem, eu sempre tive um bom relacionamento com a arte, porque mesmo não estando fazendo arte, eu já, em casa, eu já fazia. Meus pais, meus familiares, todos, né, minha mãe sempre bordou, à máquina, assim, e meu pai sempre talhou na madeira.

Karen: E aí?

Celi: Então, daí, quando minha mãe, eu já tinha surtos de depressão, mas só que eu não sabia, que era depressão, ai quando minha mãe faleceu, eu fiquei muito, muito mal, e fui, procurei um geriatra, e ele foi a primeira pessoa de quem eu ouvi a palavra “depressão”.

(momento de conversa entre Celi e professora).

Celi: Então, quando a minha mãe faleceu, eu tive um surto muito forte de depressão. Procurei então o geriatra. Até então, eu nunca tinha ouvido a palavra “depressão”, nunca tinha lido a respeito, então.

Karen: E a senhora por recomendação, a senhora veio?

Celi: É, por recomendação, ele falou pra eu procurar um, procurar assim, hã, algum trabalho, alguma coisa, pra eu procurar, pra eu, por exemplo, pra eu procurar um psicólogo, ou então um psiquiatra, pra eu...

Karen: Começar um tratamento.

Celi: É, então, só que eu fui procurar, eu não gostei de procurar um psicólogo, eu não gostei do jeito, e ai paga-se um dinherão, e não se chega a lugar nenhum. Ai então pensei, pra que que eu vou. A gente hoje, elas não fecharam porque sou que fecho, o ano passado foi roubado o celular da professora, e a semana passada, a outra, na semana retrasada, o celular daquela uma ali.

Karen: Aham. E ai a senhora começou a fazer a pintura, e ai?

Celi: Então, ai eu falei assim, ah, eu vou pagar pra fazer, né, pra fazer a psicologia, eu vou então entrar na pintura, que eu já sei mexer com isso tudo, então eu vou, vou aprender, né, e ai foi que eu comecei, e é o sétimo ano que eu faço pintura.

Karen: E a senhora quando chega aqui, a senhora consegue esquecer um pouco?

Celi: Nossa, eu esqueço tudo, esqueço tudo, não me lembro de nada. Mas depois que eu comecei a pintura, eu melhorei muito, esses dias que eu to meio assim, mas eu estou bem. É, são problemas, o único pessoal que eu conto as coisas é a professora, assim, ela está achando que eu estou meio pra baixo, mas ela, meu filho mesmo falou que eu tenho, ele me ofereceu uma viagem pra Porto Seguro, to falando pra professora, e ela falou que se ela tivesse tempo, ela iria comigo, né, vamos ver como é que fica.

ENTREVISTA COM DENILSON BIGUETE

Entrevistado: Denilson Biguete

Profissão: Funcionário da Secretária Municipal da Cultura de Presidente Prudente

(Entrevista feita por Amanda Antunes e Thauana Pulido)

Denilson: No momento em que estão me vendo, estou atuando como professor do curso de teatro, curso de formação de atores, e durante a semana estou aqui sempre, durante a semana, das 08h às 17h da tarde, e a minha função aqui é secretário adjunto, ou seja, eu sou o subsecretário de cultura. Sou artista, e então, é isso que eu to fazendo agora cedo, de manhã, é algo que me completa muito, que me preenche muito, que é a questão pedagógica do teatro. Eu sou formado em direção teatral, eu tenho também esse desejo da formação, de entender o processo de ensino, de aprendizagem pro ator, para aquele que tem interesse de trabalhar com a linguagem do teatro, isso me instiga muito, então além de dirigir teatro, de dirigir o meu grupo de teatro, além de atuar, porque eu também sou ator, além de ser gestor público, porque durante a semana eu faço gestão pública, eu administro cultura, eu gosto de encontrar um espaço na minha vida para lidar com conhecimento.

Thauana: E há quanto tempo você está envolvido com o teatro, aqui dentro do Matarazzo?

Denilson: Aqui no Matarazzo, eu trabalho para a prefeitura há 26 anos, esse é exatamente o tempo que eu tenho de teatro. Então, eu trabalho com o teatro há 26 anos. Durante os primeiros cinco, seis anos, era tudo amador, trabalhava em grupo de teatro mais amador, e depois de um tempo, ai eu fui buscar profissionalização, não contente com isso, eu fui fazer pedagogia, pra ser também um professor de teatro, entender o método do processo de ensino-aprendizagem, como se dá pedagogia dentro do teatro. Ainda não contente um pouco, eu fui fazer pós-graduação em arte e educação pela UNESP, que ai eu fui entender os processos da arte dentro do contexto educacional, que é muito diferente do contexto artístico,

pensar o que é teatro enquanto arte, ele pressupõe resultado artístico, eu monto uma peça com estética, com criatividade, com resultado artístico. O teatro na educação, eu lá na escola infantil, ou médio, dando aula de teatro, para aqueles alunos que não se matricularam em um curso, que não querem ser atores, querem ser médicos, querem ser dentistas, querem ser professores, querem ser jornalistas, o teatro para essas pessoas funciona como arte e educação, porque não tem resultado artístico, é um processo para formação do indivíduo, para a socialização, para a comunicação, para a perda de timidez, para ele se tornar um ser melhor, independente de ele vai ser ator lá na frente ou não.

Thauana: E como surgiu essa ideia de trazer o teatro para o Centro Cultural? Faz quantos anos? Como é que foi?

Denilson: Esse projeto de formação de atores, ele tá implícito dentro da política cultural do município né, nós temos um projeto de governo que a gente executa, e ele passa por três coisas, por três véis, que é a formação, a difusão da arte, ou seja, eu tenho que formar artistas, e depois de formado, esses artistas vão produzir arte e o poder público deve difundir e fomentar essa arte, apoiar esse artista, com cursos financeiros, com espaços, e a gente trabalha com essas duas questões, se eu não tenho artistas formados, eu não tenho arte produzida na cidade, portanto eu não tenho o que mostrar para o público, e isso é muito claro, é quase meio óbvio, então eu sempre me preocupei com a formação, porque se você tem bons artistas formados, seja bons músicos, bons artistas plásticos, bons atores, bons bailarinos, bons escritores, você tem bons livros escritos, boas peças de teatro, bons espetáculos de dança, então a formação, ela é fundamental, ela passa pela vida das pessoas, e a formação cultural e artística, você tem uma comunidade, uma população mais bem formada, mais sensibilizada, mais autocrítica, então a formação artística é fundamental, todas as pessoas deveriam passar pelo processo e pela experiência da arte, ainda que não queira ser um pintor, é importante para a minha vida ter a experiência de fazer a leitura de uma tela, de uma obra, entender sobre os processos criativos de uma tela, e isso eu to falando diretamente para vocês, que são jornalistas, não tem como você passar pela profissão da comunicação sem entender os aspectos do teatro, que é a base da comunicação, daí que eu acho, eu sempre sugeri que no curso de comunicação, que tenha na grade curricular o curso de teatro né, eu acho que é uma experiência incrível, falar

melhor, poder falar melhor no rádio, escrever melhor pautas de jornalismo, passam pela criação, passam pela sensibilidade, passam pela visão crítica, não tem como fugir, então, a gente trabalha assim, a ideia de colocar isso, não tem ideia, é obrigação, você manter um curso, e agora, mais do que nunca, a gente precisa, e a gente tá elaborando a criação da escola formal de teatro e dança, uma escola técnica, aonde você tem um espaço solidificado, edificado, aonde os alunos se matriculam e fazem um curso regular de teatro, assim como vocês fazem o jornalismo, afinal vocês tem um registro profissional, eles tem o registro profissional deles, porque esse curso que eu dou, ele não dá um registro profissional, ele não é autorizado pelo MEC, ele é um curso livre, então a gente quer agora, a partir do ano que vem, colocar na Secretária de Cultura um curso técnico.

ENTREVISTA COM NILCEA DAS GRAÇAS DE SOUZA GOMES

Entrevistada: Nilcea das Graças de Souza Gomes

Idade: 66 anos

Profissão: Funcionária da Biblioteca Municipal de Presidente Prudente

(Entrevista feita por Karen Dantas)

Nilcea: A criança adora né, os pais gostam de estar junto com os filhos, e esse incentivo está vindo bem desde novinho né, para a criança a crescer com aquele gosto pela literatura, então isso que é importante, é você não esperar ela pegar os hábitos de tecnologia muito moderna não, ela vai vim já, começar com um livro, com leitura né.

Karen: É por que na creche têm aqueles livros animados, e criança ama, ama de alguma forma aqueles bichinhos e entusiasma-nas.

(fim do áudio1)

Karen: A senhora era aluna, ops, a senhora vinha aqui...?

Nilcea: Eu sou professora né, de ensino infantil, e eu vim trabalhar mais ou menos há uns 14 anos na biblioteca, para trabalhar num projeto, então eu trabalhava meio período em sala de aula, e fiquei meio período na biblioteca, que era lá na Washington Luiz, tá. Ai depois de um tempo eu fui readaptada, e eu fiquei. Uma amiga minha trabalhava aqui nesse lugar, mas ela foi aposentada, infelizmente ela já faleceu, mas ai eu fiquei no lugar dela e estou até hoje. Então, to trabalhando aqui na biblioteca infantil, gosto muito do trabalho que eu faço, nós fazemos atendimento das crianças, é, das escolas públicas municipais, particulares, é, de manhã às nove horas, e a tarde às 14 horas, nós atendemos por agendamento né, faço um trabalho também com as minhas amigas aqui na pediatria da Santa Casa, uma vez por semana, toda quarta-feira a gente vai levar um incentivo para a criança que ta lá, assim até visando a recuperação, para ela esquecer um pouquinho daquela fase

difícil que ela ta passando, né. E nosso trabalho aqui é esse, e eu também tenho um projeto, é, da melhor idade, né, que vai ta acontecendo agora em abril, é mais ou menos umas seis vezes no ano, que acontece esse projeto, né, e agora, acho que é dia 27 de abril, vai ta acontecendo a tarde um projeto da terceira idade, um projeto muito gostoso também, que eu trabalho. E falta dois anos pra eu aposentar, e to aqui na biblioteca.

Karen: Por que a senhora optou trabalhar com as crianças, levar a literatura para as crianças e para os idosos?

Nilcea: Bom, eu vindo trabalhar na biblioteca, nesse projeto, logo que nós chegamos, esse projeto terminou, que era um projeto chamado Dia D, ainda tem atendimento das minhas amigas Dia D, é, aqui o Dia D infantil, tem o Dia D especial, que é da Santa Casa, e o Dia D tira dúvidas, ainda que algumas, eu trabalhei muito, porque eu sou formada em História, então eu trabalhava também tirando dúvidas de História, ai depois a nossa diretora me deixou só aqui na biblioteca infantil, que né, pra eu dar conta aqui da biblioteca, e aqui dentro também da biblioteca, eu trabalho muito o incentivo a leitura com as crianças, ta.

Karen: Então ai, por exemplo, é, por que a senhora acha importante levar a leitura para as crianças?

Nilcea: Nossa, é muito importante, porque como eu falo para as crianças, antigamente nós liamos bastante, porque nós não tinhamos celular, computador né, nem televisão, eu fui ter televisor na minha casa, eu tinha 17 anos não é, e nós liamos muito, e hoje a criança, por causa de toda essa tecnologia, todas essas coisas, são coisas boas que apareceram, mas que a criança não pode só ficar o dia todo no celular, então eu tenho meus netos, eu vejo que tem uns que já ta dando trabalho, porque só quer ficar no joguinho, então eles tem que ter um pouco de leitura, né, porque a leitura amplia o conhecimento da criança, toda criança que lê bastante ela vai melhor na escola, porque o vocabulário dela vai melhorar, e eu falo para eles, que lendo eles fazem uma viagem sem sair do lugar, né.

Karen: E para os idosos?

Nilcea: Os idosos, então, a gente também trabalhando com eles para reanima-los, para dar uma vida nova, porque eles querem essa vida nova, eles estão bem assim,

praticando tudo isso, através dos exercícios que eles fazem, e mental também né, a parte de dança, de música, então, as vezes a gente oferece, igual agora, vai ter um workshop, e a gente, e eu também trabalhei muito assim, eles estarem falando da história da vida deles, é, nós estamos programando fazer um livro também, de receitas antigas, das vovós, então a gente esta sempre procurando algum tema, alguma coisa, para eles assistirem filmes.

Karen: Tem uma previsão pra quando é? Pra quando vai começar a produção, produção do livro?

Nilcea: Do livro ainda a gente não está sabendo muito bem não.

Karen: Pode ser esse ano?

Nilcea: Ah, eu creio que sim, pode ser que esse ano dê certo, né, não deu esse ano passado.

Karen: E eu posso vir? (risos)

Nilcea: É, ah, a gente pode estar convidando sim, se for fazer isso, a gente vai ta fazendo um evento gostoso né, pra apresentação desse livro, e a gente pode até ta divulgando, ai você pode entrar, né, no site e ver.

Karen: E antes daqui, a senhora trabalhava...?

Nilcea: Só em sala de aula?

Karen: E por que a senhora optou de ficar aqui?

Nilcea: Bom, na época foi um trabalho assim, que teve opção de eu sair um período, e eu vim trabalhar meio período, ai depois que terminou esse ano, a diretora falou assim “Oh, se vocês quiserem ficar aqui, vocês ficam, mas só que eu não quero só meio período, eu quero, eu vou querer que vocês fiquem o dia todo”. Ai nessa época, eu já fui readaptada, e eu escolhi mesmo pra ficar aqui, porque como eu vim pra cá para trabalhar na biblioteca e eu gostei do trabalho aqui, né, ai pra mim foi muito bom ter saído. É um trabalho diferente, mais calmo.

Karen: E a senhora vê resultado nas crianças através da leitura?

Nilcea: Nossa, a criança que lê, ela tem um desenvolvimento muito melhor de quem não lê, né. Como eu falei para você, ela vai ampliar o vocabulário, ela vai ter conhecimento, muito conhecimento, né, e ela vai, toda criança que ler, ela vai melhor mesmo, na escola, tá.

Karen: Eu acredito. Por que eu tenho uma filha de um ano, e já leio para ela!

Nilcea: Olha, que beleza! Isso mesmo. Nós temos um projeto, agora também, que vai, né, estar acontecendo sábado agora, dia 01, é “Ler no ninho”. É uma amiga minha que trabalha, é, na biblioteca móvel. Ela foi pra São Paulo, fez um curso, né, e ela que vem, vai dar esse curso duas vezes por mês, tá, e sábado agora até ela me convidou ai eu venho aqui junto com ela. Então, esse curso acontece, vai acontecer às nove horas, e esse trabalho dela, é de crianças de seis meses a quatro anos.

Karen: Nossa. Aham.

Nilcea: Então, como ela foi, fez o curso, as bibliotecas que participavam, acho que do estado inteiro, é, foram sorteadas em Presidente Prudente, foi contemplada. Então ela ganhou já alguns móveis, TV, ganhou tablet, bastante de livros, então ela ta fazendo esse trabalho para as crianças, e os pais, né, tem que acompanhar, porque criança de seis meses a quatro anos, os pais vem e estão gostando muito.

Karen: Qual o horário que vai ser?

Nilcea: Vai começar às nove horas. É mais ou menos 45 minutos só.

Karen: Se for o caso, eu posso vir só para assistir?

Nilcea: Pode, claro que pode. A sua tem três anos?

Karen: Não, a minha tem um.

Nilcea: Tem um? Então, mas é de seis meses a quatro anos. Se você quiser, eu faço uma entrevista, uma folhinha assim, algumas coisinhas, e você podem estar participando.

ENTREVISTA COM PENHA MOLINA

Entrevistada: Penha Molina

Aluna de dança do ventre no Centro Cultural Matarazzo

(Entrevista feita por Amanda Antunes e Thauana Pulido)

Amanda: Há quanto tempo você faz aula de dança do ventre?

Penha: Faz 13 anos

Amanda: E como começou?

Penha: Começou assim, meus filhos já casados, eu sou avó, e até bisavó, e meus filhos, eu sentia muita falta deles no começo, ai o pessoal coloca isso como síndrome do ninho vazio, porque os três filhos estavam casados. Ai eu estava assim, praticamente naquela parte de “Ai meu Deus, e agora, o que eu faço?”, eles eram meus companheiros, ai eu não podia interferir também na vida deles, porque cada um tem sua vida, ai eu fiquei sabendo dela (Shaia), por acaso fiquei sabendo que era uma menina de 16 anos, que estava dando aula e me interessou, eu achei que ia ter que começar sair de Prudente, ir pra outros lugares, ai não, conheci ela e achei que foi realmente importante, e comecei a fazer aula, nunca mais parei um dia na minha vida, e faz 13 anos que eu danço. Então, pra mim me deu autoestima, me deu postura, me deu assim, um bem estar, alegria de vida. Assim, a dança me tira de qualquer situação ruim, tem um problema, hoje mesmo eu sai de casa, e tinha um negocinho lá acontecendo, mas eu falei “Não, eu vou”, até a minha pressão parece que estava querendo dar uma né, ai falei “Não, eu vou dançar”, eu já nem lembrava mais, é uma coisa tão maravilhosa na vida, que a gente né, é tudo de bom, ainda mais a dança do ventre, que eu coloco assim, que ela é feita para a mulher, você não precisa de parceiro, você não precisa de ninguém, não precisa procurar ninguém pra dançar, você dança sozinha, você coloca uma musica e você dança em casa, tomando banho, debaixo do chuveiro, você vai dançando. Então, pra mim, meu corpo, o pessoal fala “Ah, acontece isso ou aquilo”, não, meu corpo ficou melhor, meu corpo definiu então eu só tenho a elogiar a dança do ventre.

ENTREVISTA COM SHAIA ZURAH

Entrevistada: Shaia Zurah

Profissão: Professora de Dança do Ventre no Centro Cultural Matarazzo

(Entrevista feita por Amanda Antunes e Thauana Pulido)

Amanda: Há quanto tempo você dá a oficina de dança do ventre aqui no Matarazzo?

Shaia: Desde 2011. Tem bastante tempo.

Amanda: E por que você decidiu dar essa aula de dança do ventre aqui no Matarazzo?

Shaia: Porque aqui, o Matarazzo, é um centro de cultura né, onde atinge praticamente a cidade inteira, é um polo de cultura aqui. E como a dança do ventre ainda, depois dos anos 2000, ainda não é tão difundida, eu falei “Não, eu vou colocar esse projeto lá no Matarazzo, para as pessoas poderem conhecer de uma maneira geral a dança do ventre, porque tinha muita gente que achava que a dança do ventre é uma coisa muito inacessível, e aí eu colocando o curso aqui dentro do Matarazzo a gente conseguiu atingir todas as classes sociais, todas as idades, pra conhecer a dança do ventre.

Amanda: E quando começou o seu interesse?

Shaia: Pela dança do ventre? Desde que eu tenho nove anos de idade. Quer que eu fale a minha idade? Eu tenho 29. (risos)

Thauana: Você é daqui de Prudente?

Shaia: Eu nasci em Marília, mas eu comecei a parte da dança toda aqui em Prudente. Com oito anos vim pra Prudente, aí com nove, dez anos, eu comecei a dançar, fui fazer curso de especialização em São Paulo, e em 2005 eu fui para o Egito, pra estudar mais, treinar mais a dança do ventre.

Thauana: E como é pra você trazer a dança, que como você disse, não é tão acessível ainda pra cá, para as pessoas?

Shaia: Olha, quando eu comecei a dar aula, final de 2016 fez 15 anos que eu dou aula, no começo era muito difícil, porque as pessoas tinham um pré-conceito com a dança do ventre, achavam todo tipo de pré-conceitos que você pode imaginar, tanto da parte física, “Ai to com muita barriga”, “Dança do ventre não é pra mulher direita”, ai um monte de tipo de julgamentos. Agora, depois de 15 anos, não vou falar agora, mas depois de uns dez anos, começou a mudar bem a mentalidade, agora as mulheres enxergam, não só as mulheres, como os homens também, enxergam que a dança do ventre é uma dança pra ajudar a mulher, tanto na parte física, tanto na parte psicológica, então, quem faz a dança do ventre está buscando um bem estar, está buscando nada que não seja isso, ou é um exercício físico, ou é uma atividade pra relaxar a cabeça, nada diferente do que os pré conceitos de antigamente.

Amanda: E como você vê assim, uma dança estrangeira, é outra cultura, você acaba adequando aqui pra gente?

Shaia: Eu procuro o máximo trazer o fiel da dança do ventre, o que eu aprendi lá no Egito, como elas trabalham lá no Egito, eu procuro trazer bem a tradição do que é dança do ventre pra cá. De vez em quando a gente faz algumas adaptações pro nosso país, mas eu procuro trazer bem a cultura, então quem faz aula comigo não aprende só a dançar, ela aprende um pouquinho também da cultura árabe.

Thauana: E o que você acha dessa iniciativa do Matarazzo de trazer a cultura estrangeira, não só as daqui também, para as pessoas da cidade?

Shaia: Eu acho fundamental e importante o Matarazzo, porque o Matarazzo tem uma proposta, que é justamente você atingir vários tipos de público, aqui em Prudente, então, o preço é acessível, ai você consegue atingirmas pessoas, e eles não se preocupam só com um estilo de dança, então a gente tem vários outros estilos aqui, então não é só com uma cultura, e está abrangendo bem e atinge vários tipos de gostos.

Thauana: Você teria algum exemplo de aluno ou aluna que mudou algo na vida dele, seja pessoal, ou seja, físico, ou psicológico?

Shaia: Muitas. Posso te falar que 90% das alunas mudam algo físico ou psicológico, ou os dois, que é o principal.

ENTREVISTA COM MARIA SUELI SILVA

Entrevistada: Maria Sueli Silva

Professora de pintura

(Entrevista feita por Amanda Antunes e Giovana Farias)

Amanda: A senhora é professora de artes plásticas aqui a mais ou menos quanto tempo?

Maria Sueli: Há mais de sete anos.

Amanda: E foi à senhora que começou a primeira turma ou já existia o curso e a senhora entrou para dar aula?

Maria Sueli: Não, fui eu quem trouxe o projeto. Não existia nenhum projeto aqui, ai eu achava interessante fazer um preço mais acessível para as pessoas e ai eu fiz um projeto e entreguei aqui e eles aceitaram.

(Devido a ruídos, não foi possível compreender a pergunta)

Maria Sueli: Essa eu conheço mesmo desde quando começou o projeto, essa que tinha antes de começar era um projeto sociocultural, que era para crianças, adolescentes e ai eu fiz um projeto. Na realidade, quem estava montando na época, eu também conhecia o prefeito, o pessoal que estava querendo desenvolver esses projetos aqui, ai entrou em contato e criei.

Giovana: Qual a importância da cultura, a seu ver, aqui em Presidente Prudente e qual a importância do Centro Cultural Matarazzo para a população?

Maria Sueli: Os dois são muito importantes, porque, por exemplo, com relação ao Centro Cultural Matarazzo aqui em Presidente Prudente, a gente vê assim que, hoje, o Centro Cultural Matarazzo trás uma gama de novidades e faz com que o ser

humano também desenvolva a parte artística de todas as áreas. Mas tem outro lado que é a parte psíquica de cada um, porque o ser humano começa a desenvolver outra área que até então não tinha conhecimento. Que era muito pouco, não era conhecido, muito particular pra classe média alta, não era acessível. Então desenvolve outra área na vida dele, porque quando você mexe com a arte, com a música, qualquer coisa relacionada a isso, o que acontece, o ser humano leva outra qualidade de vida, se torna outro tipo de pessoa, e antes não existia isso acessível, então acho muito importante.

Giovana: E como a senhora começou aqui desde a primeira turma, teve pessoas que vieram aqui fazer uma aula experimental, gostaram e continuaram com isso pra vida?

Maria Sueli: Sim, porque, por exemplo, teve uma pessoa que veio aqui por pedido médico, que ele pediu pra ela fazer porque estava com uma depressão muito forte. Então, tem pessoas que vem aqui buscando pra essa área e tem pessoas também que vem buscando até para se manter financeiramente. Eu conheço pessoas que, por exemplo, vende panos de prato, então vive de uma coisa que ela fez aqui. Então realmente existe isso, não só a parte financeira, mas também, assim, fez com que ela desenvolvesse uma profissão.

ENTREVISTA COM EVERTON TOMIAZZI

Entrevistado: Everton Tomiazzi

Arte-Educador

(Entrevista feita por Nadia Ribeiro)

Nadia: Qual a relação entre a arte e a construção da sociedade como ela é?

Everton: A relação entre arte e construção da sociedade inicia-se desde o período da pré-história, quando os homens primitivos já produziam algo a que se pode chamar arte. Isso se permeia devido ao testemunho e legado deixado pelas pinturas rupestres em cavernas de diversos lugares do mundo. Essa construção social e artística da humanidade nos promove diferentes formas de expressão artísticas e culturais, pois cada período da arte/sociedade insere sua forma de expressão, modo de pensar, contexto social vigente da época, etc.

Nadia: Historicamente falando, tanto a arte quanto a sociedade mudaram muito. Você acredita que as expressões artísticas mudaram à medida em que a sociedade, como um todo, mudou ou que a arte, de certa forma, pauta essas mudanças, esse desenvolvimento da humanidade?

Everton: Eu acredito que arte e sociedade caminham juntas. Não se distanciam. Andam paralelamente entrelaçadas, pois cada grupo social, de cada civilização contribuiu e ainda contribui para o contexto social. Cada período histórico da arte, cada artista infere seu modo de expressão, seu modo de agir para e com a arte, a instância sociocultural, política, região, todos esses quesitos nos mostraram sua evolução juntamente com a construção da sociedade.

Nadia: Existe muita diversidade de povos pelo mundo, com costumes muito diferentes, incluindo suas artes, seja o estilo musical, a dança e até as artes plásticas. Como você enxerga o impacto da cultura artística na sociedade e que resulta em tantas diferenças?

Everton: Como disse na pergunta anterior, cada povo de cada região possui seu modo de vestir, de se alimentar, de criar, de pensar. A arte é subjetiva – a partir disso temos uma gama de diversidades culturais, seja na música, nas artes visuais e nas artes cênicas. Cada indivíduo constrói seu modo de ver o mundo de maneiras e possibilidades diferentes – dado isso, temos uma rica sociedade cultural que resulta em tantas diferenças. De modo singular, todos os povos contribuem para o fomento das artes, pois cada sociedade possui suas particularidades e, a partir disso, é construída a linguagem artística que se move entorno das sociedades como também move o pensar-criar-fazer artístico de cada nação.

Nadia: Como você acha que a arte influencia as crianças e contribui para seu desenvolvimento pessoal?

Everton: Eu não acho, eu acredito que a arte “motiva” e não “influencia” as crianças. Desde o nosso nascer, somos imersos a sons, imagens, linguagens, pelo acalanto da mãe, do pai, pelas músicas cantadas e/ou apreciadas no ambiente escolar – a partir disso estamos construindo o pensar artísticos desde pequeno. A arte é uma linguagem. Certo? Se estamos falando de linguagem, a criança aprende o fazer artístico de maneira lúdica com atividades que despertem e a estimule o seu pensar nas artes. Mas isso só acontece com profissionais que agucem e despertem esse senso criativo. O objetivo principal das artes no ambiente escolar é fazer a criança pensar, fazer, relacionar, contextualizar, apreciar e produzir arte.

Nadia: Até onde a arte auxilia o desenvolvimento escolar?

Everton: Arte não auxilia. Ela não é uma ferramenta. Arte é uma disciplina como qualquer outra. Temos que desmistificar esse conceito de que a arte “auxilia”. Arte é inerente a qualquer ser humano. Sua fundamentação acontece como qualquer outra área do conhecimento. Embora que todas as linguagens artísticas – artes cênicas (dança, teatro), arte musical e artes visuais (desenho, pintura, escultura) entre outras habilidades artísticas estão “intimamente” ligadas a todas as áreas do conhecimento humano – seja na matemática, química, física, na literatura, na geografia, na história – pois arte é linguagem e todas caminham em conexão.

Nadia: A literatura, especificamente, é tida como uma grande aliada para as crianças na fase escolar. Como se dá essa contribuição?

Everton: A literatura é de fundamental importância para o desenvolvimento infantil, pois desperta na criança sua imaginação, sua criatividade entre outros benefícios trazidos por essa linguagem. Quando falamos em educação musical, por exemplo, podemos contribuir na literatura na forma de poemas sonoros e/ou paisagem sonora de um determinado poema/história – isso quer dizer, que, quando associamos e aliamos a expressão musical ou ruído sonoro dentro de um contexto poético para com o aprendiz o mesmo deverá relacionar a situação-problema da história em que está lendo e realizar a sonorização da ambientalização sonora deste poema. Na música, isso chamamos de Conto sonoro.

Nadia: Durante as pesquisas feitas para o desenvolvimento do TCC, nós observamos que muitos autores concordam que a expressão artística é uma conexão entre o indivíduo e o que está em seu interior, funcionando como a espécie de um diálogo. Como as artes trabalham para o autoconhecimento, a aceitação e até mesmo o amor próprio em uma sociedade muito ligada a padrões?

Everton: Exatamente. A expressão artística “move” o indivíduo – traz de suas mais íntimas expressões e linguagens tanto das emoções quanto as suas razões e inferências no objeto artístico em questão. O diálogo está constantemente ligado às expressões artísticas. Isso é corriqueiro. Padrões todos nós temos. O academicismo artístico pode-se dizer que se difundiu até a metade do século XVIII. A partir de então, os padrões estéticos e os próprios artistas quebram certos paradigmas e rompem com padrões acadêmicos – sendo livres para criar e se aventurar em suas ideias, emoções e perceber a realidade tal qual como ela é.

Nadia: Até onde você acredita que a arte forma íntegro e moralmente uma pessoa?

Everton: Eu como educador, acredito que a arte está intimamente ligada a todo o ser humano em qualquer das linguagens artísticas já desenhadas e citadas por mim nas questões anteriores. A linguagem artística completa o ser, pois ela está ligada a sentimentos, emoções, razões, ideais de cada sociedade. A arte choca, revela,

inspira, motiva e cada um de nós tem um olhar crítico frente a essa concepção. Cada pessoa vê a arte de maneira diferente e a partir desse olhar, a moralidade esta no cerne de cada indivíduo – a maneira de como recebe tal linguagem artística e toma para si.

Nadia: É possível mensurar o poder transformador da arte?

Everton: Eu acredito que não. Arte não tem números, arte é estética, arte é inspiração. Vai de cada ser humano integrar-se a ela e vice-versa. Cada pessoa a recebe de forma diferente. Essa percepção estética e artística não tem como mensurar, vai de olhar para olhar.

Nadia: Como a arte trabalha e como ela é trabalhada na vida de pessoas que têm algum tipo de deficiência, síndromes, transtornos e distúrbios?

Everton: Da mesma forma como se trabalha com pessoas ditas “sem algum transtorno”. Arte é para todos. A linguagem artística deve ser acessível e executada por todas as pessoas, independente de qualquer situação. Estudos mostram o poder do fazer artístico em cada ser humano e suas contribuições para uma vida mais saudável – (mente, cérebro, enfim). Cada linguagem artística pode ser trabalhada com qualquer indivíduo – não há particularidades nesse aspecto.

Nadia: Também durante nossa pesquisa, conhecemos pessoas que começaram a praticar algum estilo artístico como parte de tratamentos, como para a depressão e a síndrome do ninho vazio, como você enxerga isso?

Everton: Eu enxergo de maneira mais espetacular que a arte tem de si. Integrar pessoas com transtornos de diversas naturezas é o primeiro passo para uma vida melhor. A linguagem artística mexe com o nosso “eu” - aí está o grande aliado para sua prática. A arte faz o indivíduo a “enxergar” o mundo de uma maneira diferente – peculiar – quando digo enxergar o mundo não me refiro a seres de outros planetas, mas ir na busca do mais íntimo das pessoas.

Nadia: Qual a diferença quando a arte é trabalhada em crianças e em idosos?

Everton: Não há diferenças. Arte é arte! Para qualquer público. Independentemente de qualquer idade, raça, cor, credo religioso, situação sociocultural e financeira, a arte deve estar em contato com todos. Crianças, jovens, adultos e idosos “devem” estar imersos a essa linguagem. Não há padrão para estudá-la.

ENTREVISTA COM SONIA APARECIDA

Entrevistada: Sonia Aparecida

Coordenadora da Biblioteca Municipal de Presidente Prudente

(Entrevista feita por Nadia Ribeiro e Thauana Pulido)

Sonia: [...] ai transferiu pra cá, a escola Jupyra. E a biblioteca veio dia 16 de março de 2009.

Nadia: A secretária em 2008, dia 23 de junho de 2008, em janeiro de 2009 a escola de artes, e a biblioteca dia 16 de março de 2009.

Sonia: Isso.

Nadia: Entendi. E antes disso, o Matarazzo aqui, o centro, tinha só as apresentações?

Sonia: Não, antes disso eles não tinham nada. Aquelas fotos ali, já são fotos que vocês estão vendo após a limpeza.

(Conversa entre Sonia e um funcionário)

Sonia: Então, antes disso, é, essas fotos já estão, é, foram feitas depois da limpeza, porque elas eram piores do que está aí. Antes isso aqui servia de abrigo mesmo.

Nadia: Ai teve a revitalização, né.

Sonia: Isso. Ai fizeram toda essa parte da limpeza, e chamaram os fotografos. Teve um, é, são fotografos que participaram de um, né, o Fabio (secretário da Cultura) fez uma seleção de fotos, então tem fotos de vários artistas, vários fotografos. Então, ai começou, né, depois disso toda a mudança, então era assim, podia mexer, mexeu, o que não podia, aquele teatro ali não tinha, então foi construído, isso tudo aqui foi tudo preservado, o que foi possível preservar, foi preservado tudo. E assim que terminou, a secretaria veio pra cá, então, antes, quando a secretaria chegou aqui, foi no final das obras, terminou a obra.

Nadia: No fim de 2007, né?

Sonia: Isso. Então, mas ai tem todo um processo, né.

Nadia: Ai a secretaria foi a primeira coisa que veio, né?

Sonia: Sim, a primeira coisa que veio pra cá foi a secretaria. Ela ficou aqui um semestre sozinha.

Thauana: Ai depois foi vindo...

Sonia: Ai depois foi vindo os outros departamentos. E quando a secretaria não tinha um prédio próprio pra abrigar todos os setores, a secretaria funcionava ali perto da maristela, a biblioteca tinha um prédio próprio, que é onde hoje é a Câmara Municipal, né, ao lado do IE, e a escola de artes funcionava em frente a Casa do Médico, também não era um espaço muito acessível, né, não tinha toda essa facilidade que temos aqui. E ai sim, então, com esse prédio aqui, ele falou “não, eu vou levar escola, eu vou levar biblioteca, a única que coisa que não veio pra cá, que tem que ficar lá é o Museu, porque o Museu também faz parte da secretaria de cultura, então é o único setor da secretaria que não está abrigado aqui.

Nadia: E as oficinas foram vindo aos poucos, né?

Sonia: Sim, as oficinas foram assim, porque nós não temos funcionários de todos os departamentos, né, pra ministrar essas oficinas, então o que foi oferecido, algumas oficinas são ministradas sim, por funcionários, mas a maioria delas foi terceirizada, e o que é essa terceirização? O secretário sempre pediu “oh, quem for ministrar aqui, não ter custo nenhum, não vai ter que pagar nada”, então a gente faz todo o trabalho de divulgação, as meninas preparam lista de presença, elas cuidam de todos esses detalhes, caso precise de certificado no final, elas fazem, então as pessoas que tem curso pra oferecer, eles trazem as propostas, essas propostas são analisadas, até hoje é assim, desde quando começou, todas as propostas são analisadas, e podendo ser realizada, abre-se o curso. Então abre o curso, a gente faz a divulgação, todo esse trabalho. E o aluno paga essa taxa mensal diretamente para o professor, e a única coisa que o secretário pede é que seja um preço mais acessível à comunidade, tipo o ballet, nós temos várias turmas de ballet, então ele é um preço mais reduzido do que uma escola, onde as próprias professoras que tem

escola, elas ministram aulas aqui, elas tem turmas aqui, mas só que lá é um valor, aqui é um valor mais acessível.

Nadia: Pra gente saber as datas de quando as oficinas vieram pra cá, teríamos que falar com as professoras? Por que elas que tem né?

Sonia: Mas você fala de quando essas oficinas, de quando a secretária veio pra cá?

Nadia: Não. De quando começaram a funcionar, de quando começaram a dar aula.

Sonia: Ah, sei!

Nadia: Ai seria com as próprias professoras, pra pegar uma data?

Sonia: Sim, pode ser. Mesmo porque, tem curso que tem um período, depois ele para, depois ele retorna. Curso de contador de história, nós já tivemos vários cursos aqui, hoje não temos. Mas se ela quiser trazer a proposta pra ministrar esse curso aqui novamente, ela pode. Curso de pintura em tela, em tecido, em madeira, eles estão ai já tem um bom tempo, é, curso de libras, as vezes tem semestre que tem, as vezes tem semestre que não tem, porque, o que a gente pede também, é, pra que aconteça essas oficinas, ela tem que ter um limite mínimo, ela tem que ter uma quantidade mínima de alunos, porque a gente também não pode liberar uma sala, com uma infraestrutura, pro professor dar aula pra dois, três alunos, não compensa nem para o professor, e nem para a gente, que temos várias pessoas à procura. Então as vezes eles abrem, a gente faz divulgação, abre o curso, mas se não der o mínimo de inscritos, ai não acontece. Então não é um curso que tem, é, a maioria dos cursos ele tem uma continuidade fixa, desde que começou ta continuando, e pode trocar, oh, professor de libras, nós não temos tanto público assim para ter mais de um curso, tem várias pessoas que ministram libras, então as vezes um semestre é um, outro semestre as vezes é outro professor, porque a gente também tem que né, não pode ficar só com um, a gente tem que atender os outros, as outras solicitações também.

Nadia: Entendi. Essas fotos, elas também tem lá no Museu?

Sonia: Essas? Não. Essas do IBC, quer dizer, Matarazzo? Pode ser que tenha algumas.

Thauana: É que a gente tava procurando meio que essas imagens mais puxando da revitalização pro que é agora. Porque a maioria que a gente encontra é das indústrias, e a gente tá focando mais nessa questão da revitalização, da reforma que foi feita, e a gente não está achando muita coisa, (risos). Aqui só vai ter essas imagens? (Imagens da reforma, que estão penduradas na parede do Centro Cultural, em frente a Biblioteca) Vocês não tem acervo?

Sonia: Lá no acervo, vocês viram? Só que os livros que tem lá são essas fotos também.

Nadia: É, a gente tava olhando. Mas a gente conseguiria essas fotos, aí a gente precisaria da autorização do secretário, né? Pra gente conseguir algumas fotos.

Sonia: Mas para vocês levarem?

Nadia: Não, pra gente scanear...

Thauana: Ou pegar o arquivo, se tiver.

Nadia: Sim. A gente precisaria da autorização do secretário?

Sonia: Se for pra solicitar dessa forma, sim. É porque as vezes o pessoal chega aqui, e eles fotografam aqui mesmo, né, então, mas se precisar de arquivo, essas coisas, aí é só você fazer né...

Thauana: Um pedido?

Sonia: É, um pedido. Tendo o arquivo, ele libera.

ENTREVISTA COM ROBERTO MANCUZO JUNIOR

Entrevistado: Roberto Mancuzo Junior

Jornalista

(Entrevista feita por Karen Dantas)

Karen: Qual foi a ideia de criação ao pensar na Prisma?

Mancuzo: A ideia da revista foi o seguinte, tinha um grupo de TCC que estava interessado em fazer, em criar uma revista digital e a gente não tinha nenhuma revista aqui na faculdade de comunicação nesse formato. Então começamos a pesquisar alguns modelos já existentes no mercado e diante dessas pesquisas e análises feitas, foi o ponto inicial para a gente conseguir pensar na revista. O primeiro grupo que trabalhou com isso foi o Vinicius, a Violeta e a Letícia, eles fizeram então esse primeiro número já pensando em ser um produto de consumo na internet. Mas na verdade, outro ponto de pensamento que levantou a Prisma, não foi nem necessariamente a questão do formato digital, foi uma necessidade de trabalhar um pouco mais a característica interpretativa dentro do online. Que é algo que se deixa muito de lado a partir do momento que se pensa apenas na questão informativa, ou seja, o consumo rápido de informação e não que os veículos não proporcionam, eles até proporcionam isso, mas a gente quis fazer um veículo especializado em jornalismo interpretativo. A revista, pelo formato dela e pelas características editoriais seria o espaço mais propício para isso. Daí a ideia de colocar a Prisma no ar.

Karen: É indicado que os alunos criem uma nova plataforma ou é bacana que eles permaneçam com a ideia já criada?

Mancuzo: A Prisma ela pode ser utilizada normalmente, ela sempre esteve aberta. Tanto que a Carol vem usando a Prisma, ela aproveita dentro da disciplina e a Gabi também faz aplicação dentro da disciplina de Comunicação e Novas Tecnologias. O aluno que quiser construir uma edição da Prisma, ela está aberta. A questão da troca em pensar em algum formato novo é que a Prisma ela foi criada em um

momento e hoje nós vivemos em uma situação em que as coisas já evoluíram mais, até me questão da usabilidade, interatividade, usabilidade...a mídia desse espaço. Então a Prisma acabou que se a gente não fizer uma reestruturação em pouco tempo, ela vai ficar defasada. De certa maneira que a Prisma já está um pouco ingessada com relação ao que temos hoje em dia, por exemplo em outras plataformas e formatos de sites e revistas.

Karen: Quais poderiam ser as atualizações?

Mancuzo: São as ferramentas multimidiáticas, ferramentas de interatividade que sejam mais fáceis de serem implantadas e que a Prisma nesse sistema que ela foi criada, isso não foi contemplado a altura. Então os alunos trabalharam dentro do limite dela, dentro do limite do sistema, mas para além disso já não é mais possível, a não ser que faça uma reestruturação de web nela. Só que fazer a reestruturação de web envolve pegar de novo o coordenador de web da Unoeste, leva um tempo isso. Agora, hoje em dia a gente não precisa estar agarrado em um só produto, eu acho que temos plataformas muito ágeis e viáveis para se criar um produto. Então quando a gente pega por exemplo um Word press, que é uma plataforma que hoje oferece um templates muito moderno, possibilidades de multimedialidades muito grande...ou próprio blog spot. Mas eu falo do Word press porque ele ta muito mais avançado nesse sentido. Quer dizer, importa menos a questão de que é aqui ou ali, importa mais a ideia que você tem e como você vai colocar isso, como você vai apresentar isso. É um perigo as vezes você escolher um espaço que não te permita colocar em prática aquilo que você “ta” querendo fazer. A Prisma ela tem algumas restrições de sistema, as vezes você vai querer fazer algo muito mais complexo em termo de multimedialidade, ela vai dar uma travada ali, entendeu? Ela tem funcionado, mas pode ser muito melhor. Não é possível te dizer as ferramentas X ou Y, mas as possibilidades do sistema, dela ser um pouco mais ágil e aberta para mudanças.

ENTREVISTA COM CAROLINA MANCUZO

Entrevistada: Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo

Jornalista

(Entrevista feita por Karen Dantas)

Karen: Para que a Prisma está sendo utilizada nos dias de hoje?

Carolina: A Prisma ela foi criada com fins de ser um laboratório, mas ela não é um laboratório. Ela é utilizada em sala de aula para uma disciplina e na pós graduação. Por que essa Prisma aqui, ela foi criada na graduação, que é a Prisma 6 especial, que eu dei como trabalho . Como eu fui dar uma disciplina que era de webjornalismo literário, eu queria que eles tivessem uma plataforma...eu utilizei a própria Prisma e eles mesmos inseriram porque foram as alunas que criaram a Prisma.

Karen: O que você acha que melhorou na revista desde a criação?

Carolina: Eu acho que o fato de ser trabalhado dentro da sala de aula fez com que ela rodasse, que ela tivesse uma variada melhor de assunto e que ela tivesse realmente publicações semestrais que acontecesse e tal. Eu vejo vários problemas na Prisma, ela é uma revista hoje que o sistema dela é muito limitado, então tem muitas coisas que eu quero fazer e não tem condições de fazer e ao mesmo tempo o sistema dela é muito complicado, ele não é um sistema simples de inserir aquele conteúdo. Então toda vez que eu vou inserir um conteúdo de sala de aula na Prisma, eu demoro dois dias, então assim, é muito trabalhoso. Sendo que eu posso inserir aquele mesmo conteúdo no Portal Facopp eu levaria uma manhã, porque é um sistema mais inteligente. No sistema da Prisma, eu tenho que pegar cada vídeo e lançar no You Tube, descrever os vídeos, pegar cada áudio e lançar no *Sound Cloud*.na galeria de imagem, eu tenho que inserir uma por uma foto, ai tem aluno que faz 30 ou 40 fotografias e cada uma tem que ser colocado o crédito e legenda, já no Portal Facopp é possível colocar de 15 em 15 . Então assim, ele é um sistema que poderia ser melhor, eu tenho o sonho de ter outro TCC que reformulasse a Prisma, que continue sendo a Prisma, mas que seja mais fácil manusear para que seja possível a publicação de mais de uma edição por semestre.

Karen: Como você trabalha com a Prisma dentro da sala de aula?

Carolina: Então, eu trabalho com a Prisma dentro da disciplina do 6º termo de Jornalismo Online 2, porque toda essa disciplina é focada no assunto reportagem multimídia, então eu apresento as diversas maneiras que a reportagem multimídia pode acontecer dentro da internet. Então na internet ela ocorre da maneira mais tradicional que é no meio da notícia, que é aquela notícia *hard news*, daquilo que acontece diariamente, que acontece no formato *snowfall*, ela existe dentro daquela reportagem dos cinco sentidos... Eu trabalho no primeiro bimestre tudo sobre reportagem multimídia e depois no segundo bimestre tudo sobre elemento multimídia, que são a fotografia, o áudio, o próprio texto e sucessivamente...o infográfico e tal. Toda a minha teoria é embasada na reportagem multimídia, nada melhor como você utilizar um suporte multimídia para que os alunos possam executar a prática daquilo que estão aprendendo, então a minha disciplina ela é teórica – prática. Significa que eu só comecei a trabalhar esse formato quando a Prisma nasceu? Não. Eu já trabalhava através do Portal, só que eu limitava o meu estudante. Porque eles tinham que falar assuntos que eram de interesse dos alunos da faculdade de comunicação da Facopp, especialmente. Então isso era muito limitado. Então a Prisma ela veio como a possibilidade de abrir portas para conteúdos, então agora eu não tenho mais limitação e aí eu estimulo o aluno com assuntos que ele sempre quis trabalhar para que ele tenha um envolvimento máximo e ele possa transformar isso em elementos multimídia, é assim que eu utilizo a Prisma. Então todo semestre é realizado uma ou duas edições da Prisma, dependendo do número de turmas, tem turmas manhã e noite? 2 edições. Uma turma a noite? 1 edição.

ENTREVISTA COM ALINE MARTINS

Entrevistada: Aline Martins Silva Zanfolin

Editora do Caderno 2 – Jornal O Imparcial

(Entrevista feita por Thauana Pulido)

Thauana: Como você vê a relevância em trabalhar o jornalismo cultural?

Aline: A cultura tem o poder transformador perante a comunidade. Um assunto de extrema importância, uma forma de educar e transformar a vida de alguém. Sinto-me privilegiada em atuar nesta área atualmente, o que enriqueceu, além da minha vida profissional, a pessoal.

Thauana: Quais pontos positivos e negativos em ser um jornalista dessa área?

Aline: Não consigo enxergar pontos negativos em estar focada nesta área. É um setor enriquecedor e que só acrescentou em minha vida.

Thauana: Na questão de estrutura editorial, qual tipo de publicação é a mais feita? E por quê?

Aline: Damos sempre prioridade aos assuntos relacionados a Presidente Prudente e região, deixando de “gaveta” aquilo que é de relevância nacional. Mas, lembrando que sempre há muitos temas relevantes que ocorrem no Estado e Brasil e que valem destaque.

Thauana: Há quem diga que o jornalista cultural trabalha menos, por estar sempre trabalhando em show, Teatro. Como você vê essa questão?

Aline: Talvez quem diga isso, nunca tenha trabalhado com o jornalismo cultural. Este trabalho vai além de shows e teatro. A cultura é muito mais abrangente que isso. E só quem fica horas esperando para uma entrevista de poucos minutos com um artista de várias linguagens, sabe o quão trabalhoso e cansativo é. E ainda,

saber tirar destes poucos instantes, material suficiente para um texto diferenciado Mas, vale muito a pena.

Thauana: Em relação ao contato com o artista, como funciona?

Aline: Temos um bom relacionamento com artistas de renome nacional. Muitas assessorias nos procuram para agendar entrevistas e isso é positivo. E em relação aos artistas locais, também temos uma relação profissional positiva. Sempre estamos em contatos com trabalhos e projetos destas pessoas.

Thauana: Em alguns momentos, o Jornalismo cultural pode ser visto como mercadoria, ou produto de divulgação. O que pensa em relação a isso?

Aline: Depende do ponto de vista. Vejo o jornalismo cultural como uma oportunidade. Tanto de quem quer mostrar sua arte, como para quem vai receber.

Thauana: Atualmente, qual é a realidade do jornalismo cultural? Qual seria o modo ideal de trabalhar ele?

Aline: Nosso jornal talvez seja o único veículo regional a oferecer um espaço significativo para apresentar a Cultura. Temos um bom reconhecimento do leitor e fazemos o nosso melhor, sempre em busca em oferecer um bom conteúdo. Pela credibilidade encontrada em nosso veículo, muitos nos procuram. Trabalhamos da melhor maneira possível.

Thauana: Como é trabalhar com a edição desse tipo de caderno?

Aline: Amo meu trabalho e amo trabalhar com a Cultura. Nossa equipe do Caderno 2, bem como de todo o jornal, está sempre “antennada” no que acontece relacionado à arte e cultura. Os textos de cultura são mais leves, fogem do tradicional “lead” e suas palavras, muitas vezes, emocionam. A repórter Oslaine Silva, diretamente ligada ao 2, é apaixonada pelo que faz e se entrega aos seus textos. Como eu disse, trabalhar na Cultura me enriqueceu.

Thauana: Eu também queria saber se nos últimos dez anos as características do jornalismo literário sofreu alterações. Especificamente, se a estrela de sete pontas, do Felipe Pena (2006) ainda é válida.

Aline: Estou na área cultural há um ano e meio.

ENTREVISTA CELI FABRIS

Entrevistada: Celi Fabris

(Entrevista feita por Karen Dantas)

Karen: A senhora tem como me falar quais foram os sintomas que a senhora sentiu?

Celi: O primeiro sintoma que eu ainda sinto, porque eu ainda não estou de alta dessa depressão, eu ainda tomo remédio, hoje quando eu fui tomar o remédio eu falei assim, “meu Deus do céu, quanto tempo que eu tomo remédio e ainda tenho que continuar.”

Karen: E quanto tempo faz?

Celi: Bem, eu tomo desde a primeira vez que eu senti em 1995.

Karen: Mas na época, quais foram os primeiros sintomas da senhora?

Celi: Primeiro sintoma foi que eu fiquei quieta num canto, não queria sair, não atendia ao telefone, ficava só no quarto deitada e pensando que eu precisava fazer alguma coisa por mim, mas eu não tinha vontade. Não tinha vontade de levantar, não tinha vontade de tomar banho, que é o primeiro sintoma por aí, perdi o apetite, numa das vezes eu emagreci 18 kg.

Karen: E hoje a senhora ainda sente alguma coisa?

Celi: Sinto, esse ano eu já fui ao médico por causa disso, fui ficando retraída, não estava mais conversando. Porque eu converso muito lá na minha aula de pintura, aí eu fui ficando quieta, uma colega até me perguntou “O que está acontecendo que você não gosta mais de piada, você não está falando mais, você está entrando em depressão?” E eu disse, “sim minha amiga, eu já estou.” A minha filha também percebeu, daí já marcou consulta com o médico que sempre me atende, então eu já fui ao médico. Ele só ajustou, mudou o horário do remédio e já foi bom. E eu sou piadista, com qualquer palavra que [...] a piada e a pessoa fala uma palavra, eu já me lembro da piada. Eu acho que eu consigo fazer stand-up também, então alguém falou um negócio de saco, pra fazer ali na pintura de tecido. Então eu falei “ai”, acaba de falar isso aí, você tem uma piada, eu vou contar uma piada pra você.